ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA: EMPENHAMENTO OU ALISTAMENTO DO ESCRITOR (NO SUPLEMENTO LITERÁRIO)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1969 N.º 16 867 ANO 49.º PREÇO 1$50

às sextas-feiras em MESA REDONDA vamos discutir...

OUTONO DE GREVES EM ITÁLIA

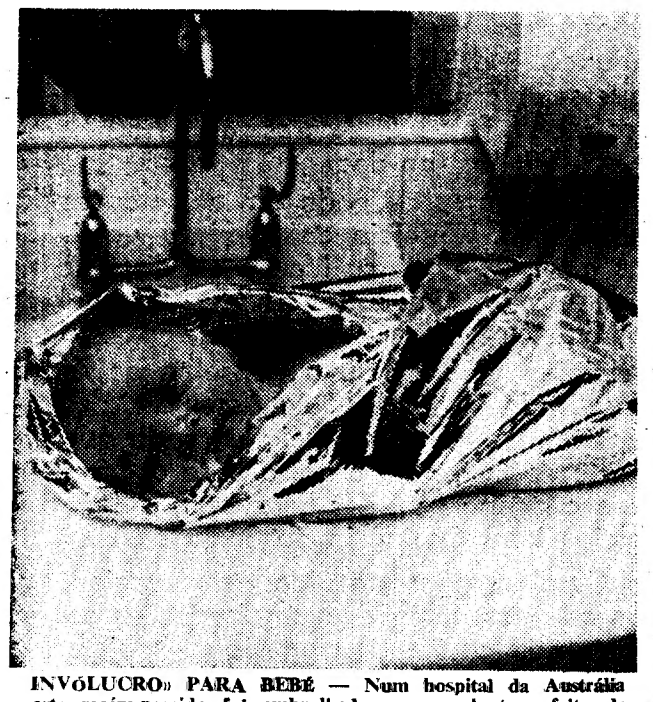
Marcha do silêncio em Milão

MILÃO, 4 — (R.) — A Polícia encontrava-se de prevenção para evitar quaisquer actos de violência durante a gigantesca «marcha do silêncio dos 100 000», marcada para hoje, através do centro desta cidade, organizada pelos dirigentes dos 1 300 000 metalúrgicos militantes de Itália.

(Continua na 15.ª página)

EXCURSÃO PARA VER TEATRO

Como o teatro vai pouco (ou não vai de todo) à Cova da Piedade, a Cooperativa local trouxe ontem 450 pessoas ao Maria Matos para ver «O Tombo no Inferno», de Aquilino Ribeiro, em cena há dois meses. Seis camionetas e um pequeno cortejo de automóveis foram associados à ideia, que é nova e pode frutificar em moldes bastante positivos. Aliás a Cooperativa Piedense (quatro mil sócios no activo, amplo programa didáctico e cultural) não quer ficar por aqui. Sistema? «Veja agora e pague depois», isto é, assine um vale, veja a peça e no fim liquide a importância do bilhete. Há outros espectáculos em perspectiva: o Maria Matos foi só a primeira experiência. (LER NA PÁGINA 4)



INVÓLUCRO» PARA BEBÉ — Num hospital da Austrália este recém-nascido foi embrulhado num «cobertor» feito de uma matéria idêntica á que é adoptada nos fatos dos astronautas da missão Apolo. Devido ás suas qualidades de conservação do calor, o «cobertor», em cuja composição entra uma fibra artificial e uma camada de alumínio, revelou-se num óptimo meio clínico para manter quentes bebés prematuros logo após o seu nascimento

John Lennon interessado em interpretar o papel de Cristo

LONDRES, 4 — (R.) — O «beatle» John Lennon deseja interpretar o papel de Jesus Cristo numa peça musical a ser levada á cena na catedral de S. Paulo, se puder «arranjar tempo dentro do seu programa», segundo afirmou hoje um informador da companhia de discos dos famosos quedelhudos.

O informador da Apple Records disse que Lennon estava muitíssimo interes-

(Continua na 15.ª página)

Edição da noite

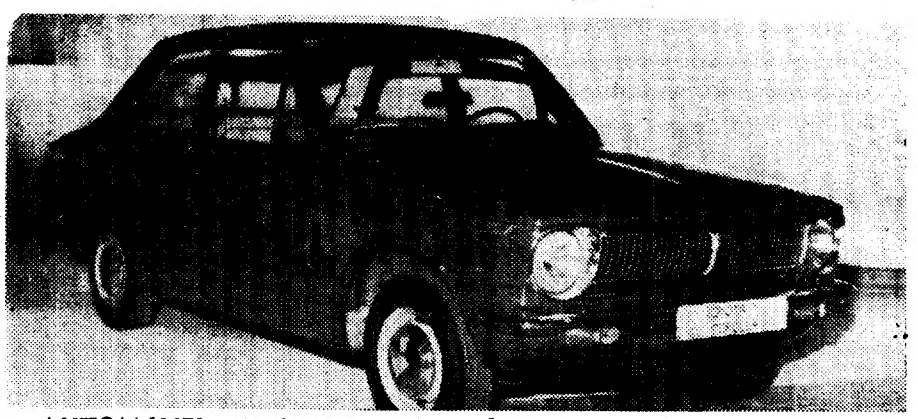
HOJE 32 PAGINAS
VISADO PELA CENSURA

NO «ÁLBUM DE LISBOA»

HÁ UM AUTOMÓVEL À SUA ESPERA...

UM «TOYOTA COROLLA 1100»

É O 2. PRÉMIO DO NOSSO SENSACIONAL CONCURSO



O AUTOMÓVEL não é mais um luxo. É uma necessidade (quantas vezes um instrumento de trabalho) e um desejo banal do homem moderno. Naturalmente que ele não está, ainda, ao alcance de todos, como está a ânsia de possuí-lo...

No sensacional concurso «Álbum de Lisboa», que o nosso jornal

(Continua na 10.ª página)

VÃO SER CRIADOS TRIBUNAIS DE FAMÍLIA

O Governo enviou á Camara Corporativa, para efeitos de emissão de parecer, o projecto de proposta de lei sobre a criação, onde for necessário, de Tribunais de Família, órgãos judiciais concelhios de competência especializada. Tal como se diz no preambulo, «uma das razões decisivas da criação dos novos tribunais reside na actual dispersão, por jurisdições diferentes, do contencioso da família e dos menores».

E acrescenta-se:

«Unificadas as jurisdições, torna-se indispensável que os tribunais de família adquiram uma perspectiva especializada dos problemas a eles afectos, de sorte que as suas decisões se orientem sobretudo por critérios de justiça individualizante — ao contrário do que em regra sucede nos outros sectores do direito privado, onde há que apreciar caracterizados interesses patrimoniais — e se inspirem cumulativamente em preocupações de índole humana e pedagógica. Daí a conveniência de uma actuação segunda normas adjectivas mais apropriadas que as do processo civil de tipo dispositivo ao conhecimento aprofundado de cada situação. Impõe-se, efectivamente, uma maior liberdade de acção por parte do tribunal, um contacto muito estreito entre o juiz e os interessados, uma ampla possibilidade de comunicação com organismos de protecção da família e da juventude, e com centros médicos — meios necessários á consecução de um grau mais perfeito de justiça material.

«Considera-se vantajosa a utilização da experiência dos tribunais de menores, chamando aos tribunais de família magistrados com prática da jurisdição tutelar e capazes de um apelo aos dados fornecidos pelas ciências do comportamento. Por outro lado, tem-se como fundamental a acção conjugada dos tribunais de família com os tribunais tutelares de menores, não apenas para impedir a colisão de decisões, mas também a fim de que as duas jurisdições recíprocamente se completem.»

Servidões administrativas

A Câmara Corporativa está também a apreciar o projecto de decreto-lei sobre as «servidões administrativas». No preâmbulo do projecto afirma-se que «só para as servidões militares e aeronáuticas está prevista na lei a audiência dos possíveis interessados».

Por isso, «considera-se conveniente estabelecer, para todos os casos em que a constituição de servidões exija a prática de um acto da Administração, uma fase de aviso público e audiência dos interessados, de forma a possibilitar a oportuna apresentação de reclamações».

ADIADO O COLÓQUIO SOBRE LITERATURA PORTUGUESA

Foi adiado para o próximo dia 15, o anunciado colóquio sobre «A Literatura Portuguesa Contemporânea», promovido pelo ABC Cineclube de Lisboa e que deveria realizar-se hoje na Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

FIM-DE-SEMANA COM DUPLA VANTAGEM

OUTONO ALGARVIO E REDUÇÃO DE PREÇOS

VENHA ATÉ ALBUFEIRA E INSTALE-SE NUMA DAS SEGUINTES UNIDADES HOTELEIRAS:

BALTUM — Telef. 306/307
BOA VISTA — Telef. 175
CERRO — Telef. 190/233
MAR À VISTA — Telef. 54/267

Diária para casal Esc. 300$00 (com todas as taxas incluidas) Preços especiais para permanências prolongadas. Consulte-nos.

Passe o próximo fim-de-semana em Albufeira

LICEU

CICLO PREPARATÓRIO—CURSO COMERCIAL
ADMISSÃO INSTITUTOS — LÍNGUAS

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

- ESCOLA SÃO VICENTE: Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
- EXTERNATO MARQUES DE POMBAL: Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef 820221
- EXTERNATO ALVARES CABRAL: Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — T. 706974

COM UM SUBSÍDIO DE 10500 CONTOS

A SERRA DA ESTRELA VAI TER TELEFÉRICO

Vai ser, finalmente, completada a montagem do teleférico da serra da Estrela, cujos trabalhos estão paralisados desde há anos, «por falta absoluta de meios financeiros». Nesse sentido, o Governo propõe-se conceder á Comissão Regional de Turismo um subsídio extraordinário e reembolsável de 10 500 contos, devendo ser constituída, no prazo de doze meses, uma empresa de economia mista, com o capital de 50 mil contos, para explorar o complexo turístico e desportivo a desenvolver naquela região.

Recorda-se que o prof. Marcello Caetano visitara, há meses, o local de implantação do inacabado teleférico. Não é difícil reconstituir a ideia então formada pelo Chefe do Governo, já que a proposta de lei agora dimanada da Presidência do Conselho (e enviada á Câmara Corporativa para apreciação) se refere ao «aspecto deplorável da obra», e sublinha a necessidade de pôr-lhe termo «como imperativo nacional e condição imprescindível do desenvolvimento da região turística da serra da Estrela». Argumento que também pesou — e a proposta de lei considera — é a conquista de «crescente número de adeptos» do excursionismo de montanha e dos desportos na neve em vários centros estrangeiros e especialmente em Espanha.

Teleférico, teleskis e conjunto hoteleiro

A história do teleférico remonta a meados da década passada, quando um reputado técnico austríaco elaborou um projecto (orçado em cerca de 10 mil contos) para montar o chamado «transportador aéreo», com núcleos funcionais das estações de monte e vale, pilares intermediários e fornecimento da parte mecânica. O Conselho Nacional de Turismo deu a sua aprovação, e o então ministro da Presidência (estava-se em 1960) despachou no sentido de conceder-se á Comissão Regional de Turismo um subsídio não reembolsável de 4 mil contos. Com isso e com «os pequenos saldos das diminutas receitas» da comissão adiantou-se alguma coisa.

Mas o problema não fora visto em toda a sua extenção: alguns anos consecutivos de condições climatéricas desfavoráveis, obrigando a só trabalhar durante três meses em cada doze, protelaram a obra e encareceram-na de tal forma que estão dispendidos 8 mil contos (havendo 6500 de débitos).

Nos termos da proposta de lei (e admitida a rentabilidade do complexo turístico-desportivo) deverá ser completada agora a instalação do teleférico, acrescida de dois teleskis («engenhos acessórios de subida que permitam a prática do ski») no Covão da Torre e nos Covões de Loriga. (Só os teleskis custam aproximadamente dois mil contos). Além disto há que construir, depois, várias instalações acessórias do público e linhas definitivas de abastecimento eléctrico ás estações (mais dois mil contos).

É claro que há ir e voltar, mas também há ir e ficar, de modo que os turistas e desportistas potenciais deverão ter á sua disposição um complexo hoteleiro, a coincidir (prevêem-se remodelações, claro) com as instalações edificadas no planalto da Torre, pela Secretaria de Estado da Aeronáutica, e que estiveram ocupadas pela Esquadra n.º 13 do Grupo de Detecção, Alerta e Conduta de Intercepção n.º 1.

Empresa mista

A rentabilidade será procurada por uma empresa mista (sob a forma de sociedade anónima) com a participação de entidades públicas e particulares.

No seu capital será, desde logo, atribuído ao Fundo de Turismo um número de acções no valor correspondente ao montante do subsídio já autorizado e dos encargos posteriormente assumidos, podendo, ainda, subscrever novas acções para ficar com maioria de capital. Outro accionista previsto: a Comissão Regional de Turismo. Quanto ao futuro complexo hoteleiro, a Secretaria de Estado da Aeronáutica arrendá-lo-á pelo prazo, renda e demais condições que vierem a ser acordados.

Turistas de Inverno em Lisboa

Duas centenas de turistas, na sua maioria ingleses, desembarcaram esta manhã em Lisboa, após o navio francês «Leopard» ter atracado á doca de Alcantara, ás 8 e 30 horas, proveniente de Casablanca.

Aquele barco, com capacidade para 350 passageiros e 250 automóveis, caravanas e atrelados, seguirá hoje, ás 20 horas, para Southampton.

Depois retomará o mesmo caminho para Casablanca com escala, de novo, em Lisboa.

CAMPANHA DE RASTREIO DE CEGOS

O «Diário do Governo» publicou um diploma do ministro do Ultramar em que se considera indispensável, devido á relevância da campanha de rastreio de cegos e recuperação dos indivíduos privados de visão, a decorrer em Moçambique, «que se desenvolvam esforços semelhantes nas restantes províncias ultramarinas que possuam já as infra-estruturas essenciais para o efeito. Estas terão de acentuar os esforços para esclarecer as causas que ocasionam a cegueira e combatê-las com os meios científicos, sanitários e sociais. Haverá, por outro lado, que prosseguir nos esforços para criação de estabelecimentos para a educação e reabilitação dos cegos não recuperáveis. Porém, como primeiro passo, é indispensável que a cegueira, depois de definida, possa ser obrigatóriamente declarada.»

CURSO NA FACULDADE DE CIÊNCIAS

Amanhã, ás 18 horas, na Faculdade de Ciências, inicia-se um curso sobre «Teorias de homologia», regido pelo prof. dr. J. Santos Guerreiro. A iniciativa integra-se no Plano de Fomento.

BANCO TOTTA-ALIANÇA
CAPITAL: 250 000 000$00
SEDE: R. DO OURO, N.os 69 A 79, LISBOA
BANCO LISBOA & AÇORES
CAPITAL: 250 000 000$00
SEDE: R. DO OURO, N.º 88, LISBOA

REUNIDOS NO

BANCO TOTTA & AÇORES
CAPITAL: 500 000 000$00
SEDE: R. DO OURO, N.º 88, LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

No uso dos poderes que lhes estão conferidos no artigo 43.º da escritura lavrada em 24 de Novembro do corrente ano, no 12.º Cartório Notarial de Lisboa, e para os fins previstos no artigo 44.º da mesma escritura, os Conselhos de Administração dos Bancos Totta-Aliança e Lisboa & Açores convocam a Assembleia Geral a que se refere este último preceito para reunir na sede social do Banco Totta & Açores, às 17,30 horas, do dia 30 de Janeiro de 1970, a fim de:

a) Discutir e votar as contas de cada um dos Bancos fusionados relativas ao exercício de 1969, a partir da aprovação das quais se dará aplicação ao disposto no artigo 190.º do Código Comercial e à parte final do artigo 42.º dos Estatutos;
b) Proceder às eleições gerais para o Conselho de Administração, Conselho Fiscal e Mesa da Assembleia Geral, para os accionistas que a Assembleia entenda que deverão fazer parte do Conselho Geral e para a Comissão a que se refere o artigo 40.º dos Estatutos, até à próxima Assembleia Geral Ordinária da Sociedade.

Esta Assembleia Geral será constituída pelos accionistas dos Bancos fusionados que possuam 50 ou mais acções do seu próprio Banco, ou 50 ou mais acções do novo Banco, cujos títulos ou cautelas provisórias que as representem tenham sido apresentados no domicílio social para efeitos de registo que assegura o direito de comparência na dita Assembleia Geral, até oito dias antes do designado para o respectivo funcionamento.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1969

OS CONSELHOS DE ADMINISTRAÇÃO

Um debate nas Nações Unidas sobre os refugiados palestinianos

NAÇÕES UNIDAS — Uma vez mais dois quadros inteiramente diferentes vão ser apresentados aos diplomatas da ONU: um vai apresentar os refugiados palestinianos como uma pobre gente, mal alojada, amontoada em campos onde se vive com cerca de 2$00 por dia, após 20 anos de exílio. O outro evocará a imagem de terroristas deslizando na noite para irem colocar minas em território israelita.

Pensa-se que o debate deste ano nas Nações Unidas sobre o 1 400 000 refugiados palistinianos será particularmente vivo. Segundo informações recentes provindas do Líbano, indicam que os comandos palestinianos assumiram o «contrôle» dos campos de refugiados dependentes da U. N. R. W. A. no Líbano.

Os israelitas e os amigos dos israelitas estão a montar um fortíssimo ataque na base destas informações. Acusam a agência de socorros das Nações Unidas — financiada em grande parte. pelos E. U. A. — de ajudarem refugiados árabes, que ao sol-posto se transformam em terroristas.

Seja qual for a intensidade deste debate, não se pensa que ele vá impedir as Nações Unidas — e os E.U.A. — de darem o seu apoio ao programa de refugiados deste Outono, e a U. N. R. W. A. continuará a fornecer víveres, tendas, cuidados médicos e uma educação de base, graças a um orçamento anual de cerca de 42,5 milhões de dólares. Mas os membros da O. N. U. só darão cerca de 37,5 milhões de dólares o que deixará, pois, á O. N. U. um «déficit» de 5 milhões de dólares.

De facto, o debate desta semana terá menos por objectivo reduzir o orçamento da U. N. R. W. A. do que chamar as atenções dos parlamentares americanos. Porque é o Congresso Americano que terá de decidir brevemente se os E. U. A. vão continuar a assegurar perto de 70% do orçamento do programa de auxílio aos refugiados palestinianos.

Os diplomatas americanos das Nações Unidas minimizam as informações relativas a um «contrôle» cada vez maior dos campos de refugiados pelos comandos palestinianos porque receiam que o debate das Nações Unidas sobre esta questão se faça sentir depois no Congresso, quando chegar a altura de votar o orçamento.

Estes diplomatas americanos receiam que uma redução brutal do auxílio americano tenha um efeito negativo e reduza ainda mais uma influência americana já muito diminuta no Médio Oriente.

Os diplomatas israelitas não escondem a sua hostilidade ao debate anual sobre a U. N. R. W. A.: aborrecem-se com este apoio que o mundo inteiro presta a campos, que, para eles são apenas centros de repouso e treino dos inimigos.

Mas em contactos privados, os diplomatas israelitas adoptam uma atitude mais ambígua: gostariam de se ver livres de bases eventuais para *raids* contra Israel, mas alguns deles declaram que ficariam preocupados se o Congresso dos E. U. A. suprimisse o auxílio americano á U. N. R. W. A.: os E. U. A. perderiam assim todo o controle sobre a questão dos refugiados, questão que todos concordam em dizer fulcral para uma eventual regulamentação no Médio Oriente.

Os diplomatas árabes declaram — e com eles a maioria dos diplomatas americanos — que uma interrupção do auxílio da U. N. R. W. A. teria simplesmente o efeito de obrigar os países árabes a substituírem-se aos E. U. A., passando eles a alojar e a alimentar os refugiados. Israel não tiraria daí quaisquer vantagens e isso poderia mesmo contribuir para acelerar os processos de politização dos refugiados: até á guerra de 1967 os refugiados eram passivos, ou davam-se a protestos ruidosos mas sempre de natureza não militar. Desde 1967 para cá, a geração mais jovem participa cada vez mais nas actividades dos comandos.

Um estudo oficial da U. N. R. W. A. não se refere a campos de refugiados em território israelita propriamente dito. Há 20 campos nos territórios ocupados a oeste da Jordania, 8 em Gaza. Há igualmente 35 na Jordania, Síria e Líbano. Dez são considerados campos temporários abrigando esses essencialmente os novos refugiados da guerra de 1967.

Os campos do Líbano, que há pouco tempo foram objecto de polémicas, são em numero de 15 e abrigam, oficialmente, 81 000 refugiados. O numero total dos refugiados inscritos em campos eleva-se a 435 000. Mas há muitos outros, não inscritos, nos campos e fora dos campos.

Para a UNRWA, os governos locais são responsáveis pelo *contrôle* e policiamento dos campos, que, muitas vezes, são aldeias. Dizem esses governos que a UNRWA é responsável pela alimentação dos refugiados seu alojamento, saude e educação. A UNRWA não pode assegurar o policiamento dos campos, nem verificar quem sai de noite.

Os diplomatas americanos estão, em geral, de acordo com esta posição. Declara um americano que volta de uma inspecção aos campos: «Não vamos pensar em barreiras. As Nações Unidas estão aqui para ajudar pessoas deslocadas a viverem, não para as encerrar detrás de arames farpados. É aos governos locais que cabem as decisões de controlar os campos, assumindo assim os riscos de uma confrontação com Israel.»

EARL FOELL

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»)

DAR OU NÃO DAR BOLEIA

E o meu amigo contou-me a seguinte história:

«Estava eu muito bem em casa, era já noite, quando me entra pela porta dentro o meu amigo Paulo.

«Ora o Paulo não vinha só. Trazia com ele um homem acompanhado de dois meninos vermelhos do frio que fazia lá fora. E o meu amigo contou-me a seguinte história:

«Vinha eu por Monsanto quando me aparecem estas almas de dedo espetado, a pedir boleia. Era gente pobre, acho que cigarro e boleia não se recusam a ninguém. Acho isto se calhar por ter carro ainda há pouco tempo... Lá mandei subir aquela gente que, aqui para nós, deitava um destes cheiros...

«Bom, daí a bocado, a boleia começa a complicar-se porque o homem me contou a seguinte história:

«Chamo-me João Luís Velez Augusto, moro no bairro da Reguetra de Queijas, ali ao pé de Linda-a-Pastora. Tenho estes meninos e mais dois. Ainda hoje não comemos, estou sem trabalho há que tempos. O pior não é isso. O pior é que se não pagar os cento e vinte escudos da renda da barraquita não sei onde vamos parar.

«Bem, por acaso uma nota de cem e outra de vinte ainda eu levava, lá as emprestei. Quanto á paparoca é que não levava no carro nem um queque. Vê lá se podes mandar arranjar aí qualquer coisa.»

«Chamei a mulher, lá se pôs ela a esquadrinhar na cozinha: uma garrafa de leite, uns ovos, um naco de queijo, uns pãezinhos, uns bolitos. E eu ouvia-a resmungar: «Às vezes temos tanta coisa, e logo hoje...»

«Fez-se o que se podia. Mas o pior de tudo foi ouvir o homem, o João Luís, dizer-me na cara: «Que bem que se está aqui! Que quentinho! Até parece Verão.»

«E mais isto e mais aquilo, a miudagem dormia num colchão apodrecido de chichi, e aquele mais pequeno nasceu cego, surdo e mudo mas o dr. Jorge pôs-lhe uma pilha por baixo da pele, atrás da orelha, a pilha dura dois anos, e lá vai andando, não é verdade. Ah, mas que bem se estava ali, que quentinho, nem parecia Novembro!»

O meu amigo calou-se. Ao lado, outro amigo, enquanto tirava um cigarro do maço, exclamou:

— Uma história como há tantas...

...Quando se dão boleias, evidentemente.

MÁRIO CASTRIM

Nota do dia

QUADRO DA RUA

A NOTÍCIA DA CRIANÇA de dias ouvida a vagir numa escada de Lisboa e por esse caminho de alarme encontrada ao abandono é, porventura, um episódio que não será raro na vida das grandes cidades. Mas emociona, sobressalta, vem nos jornais, as pessoas falam e algumas até são capazes de ir à procura do sítio, rua tal número tantos, para ver onde é e onde é que foi. Quer dizer, é assunto de que fica a rolar pela cidade fora o rolar da onda de conversa, o comentário, a palavra de condenação, naturalmente o ponto e mais outro ponto de quem ouviu e repetiu o conto.

O comentário parece fácil. Não custa nada condenar o que efectivamente não se tem dúvida de que é condenável em si mesmo. Mas condenar como? Para condenar é preciso primeiro julgar. Com que elementos? Aí está. Que aconteceu? Como é que aconteceu? Julgar quem? Julgar o quê? É fácil e expeditivo largar em objurgatórias contra a «mãe cruel», a «mãe sem sentimentos», «desnaturada», como costuma dizer-se, que deixa o filho ao abandono numa escada da cidade. Tão fácil que, seguramente, a mãe que o fez agora seria ela a primeira, há um ano, a condenar outra que o tivesse feito.

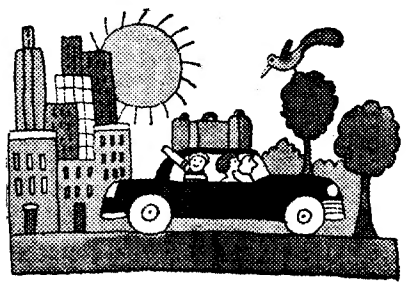
Há que ir mais longe. Também parece fácil desabafar num ímpeto que a culpa é da sociedade falsa em que vivemos, a hipocrisia que se ergue á volta, os sorrisos e as blandícias de um donjuanismo tradicional com que se contemporiza em cumplicidades que se julgam compreensíveis. Toda a gente pergunta onde está a mãe. E o pai onde está? Por onde passeia ele a sua irresponsabilidade conquistada com o que parece que é o assentimento de nós todos os que nos supomos senhores de nós próprios e de capacidade apressada de julgar o que vai à nossa volta?

Os problemas são muitos. Nem todos estão à vista. Para os ver, para os procurar, preciso é ir em busca dos fundamentos que se hão-de ir encontrar na educação, nas profundezas da nossa própria maneira de ser, as que herdámos e onde fomos criados, mas que estão no nosso próprio pensamento e no nosso sentimento, o que herdámos sem pensar, o que nos vai à roda e não vemos, o que vemos e não sabemos entender, até mesmo o que entendemos e deixamos passar. Se sempre assim foi, se já era assim quando nós... E viram-se as costas, nem é por enfado, mas por comodidade e conformidade.

Ora bem. Parece que a obra tem de ser outra, a que for capaz de preparar as pessoas para a vida. Obra de educação, portanto. Obra de educação que ponha cada um dispondo das razões bastantes para entender o que é o degrau a degrau, a coragem esclarecida para defrontar as dificuldades, não simplesmente o fazer tábua-rasa de tudo de pé para a mão, tábua-rasa de tudo o que está ou simplesmente nos parece errado, mas corrigir, formar a consciência do erro e criar nas pessoas a capacidade dessa consciência e de corrigir esse erro.

Não há só o problema da criança abandonada. Antes desse, houve o problema da mãe abandonada. Abandonada ao que fomos ensinados a considerar a sua vergonha, ré da falta de que foi ela a primeira vítima, sem defesa de nenhuma espécie, nem moral nem material. Quem se recusa a querer entender que é assim? Quem se recusa a admitir a sua parte de culpa na culpa de que isto seja possível? Não custa a entender que seja incómodo ter de rever tudo isto ao mesmo tempo. Mas não poderemos sanar o mal de que nos queixamos se não começar cada um por tentar só por si aquilo que lhe esteja mais à mão: pensar nas coisas, pensar em tudo.

Para fim-de-semana
vai melhor com Hertz



De sexta-feira à tarde a segunda-feira de manhã, poderá ter um Ford Escort ou um Volkswagen 1.300, por 360$00 (incluindo 100 kms. grátis).

Reserve o seu carro Hertz
pelos telefones — Lisboa 32 82 47 ou Porto 33 4 55.

vai melhor com Hertz Hertz

BEDFORD

REPARADAS
COM GARANTIA

J-2 3.500 P. B., caixa 2.92.
J-2 L-6.260 P. B., caixa 3.65
J-3 6.804 P. B., caixa 4.63.
J-5 9.500 P. B., caixa 4.83.
J-6 10.438 P. B., caixa 5.30.
J-6 10.438 P. B., c/bósc. 4.66.
KBC A-3.500 P. B., caixa 3.93.
KCC10 6.804 P. B., caixa 4.68.
KFSC5 10.438 P. B., caixa 5.30.
KFSC5 11.023 P. B., caixa 5.60.
KFLC5 11.385 P. B., caixa 5.60.
KFLC5 11.883 P. B., caixa 5.80.
KHLC-70 12.700 P. B., caixa 5.60.

Trata: Lucílio Matos Toupa
Avenida de Ceuta, 153-A
Telefs. 64 19 19 e 2 51 94 28
LISBOA

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

COMO O TEATRO NÃO VAI LÁ...

A gente da Cova da Piedade fez uma excursão para vir ao «Maria Matos»!

A noite de ontem foi um dia especial para o Maria Matos!
Não é brincadeira, não — é a sério. A Cova da Piedade fez uma excursão para vir ao Tombo no Inferno.
E, ao que parece, a coisa é inédita no teatro português. Excursões fazem-se para ir á praia, ou ao campo, ou ás feiras. Para o teatro não. Ainda não, pelo menos até aqui. Mas, que foi assim, é um facto. Não há que ver.

Para já, quem ontem tivesse ido ao Maria Matos tinha visto tudo. Não contando com os carros (de quatro, mas onde chegaram a viajar sete), eram seis camionetas. Das grandes. Das de 50 a 60 lugares. Para dizer tudo: ao todo, eram 450 pessoas. Gente que trazia uma decisão: ver teatro. E um gosto: vir vê-lo a Lisboa — já que ele, se vai, vai pouco á Cova da Piedade.

Para começar, foi uma festa. E, depois, há todo um hábito que pode ser o princípio de uma nova maneira de ser. O Teatro não vai á Cova da Piedade, pois bem, as pessoas juntam-se, fazem uma excursão, e vêm elas cá. Ontem, foi o Tombo no Inferno. Amanhã, será um outro espectáculo. Por que não?

PAGAMENTO POR VALES

Tudo tem uma história pregressa. E, essa, contou-no-la o sr. Vítor Costa, um dos organizadores da excursão ao Maria Matos.

— **O sr. Igrejas Caeiro** — disse — **propôs á nossa Cooperativa uma visita ao seu Teatro.**

— Qual cooperativa, sr. Costa?

— **A Sociedade Cooperativa Piedense Uma cooperativa de consumo, que mantém uma secção cultural e, o que é mais importante, o desejo de fomentar, localmente, o gosto pelas coisas de espírito.**

— E foi só desse convite que nasceu a ideia?

— **Não, exactamente. A «nossa» cooperativa tem organizado excursões com fins turísticos, especialmente, e com fins didácticos ou de cultura, em particular.**

E acrescentou:

— **Fazemos excursões para ver terras e assistir a festas. Não acha que é uma ideia magnífica, fazer uma excursão para tomar contacto com uma manifestação artística tão importante como uma representação teatral?**

E, respondendo á sua pergunta, o sr. Vítor Costa, tesoureiro eleito da Sociedade Cooperativa Piedense, comentou:

— **Esperamos que a coisa pegue e esta primeira experiência tenha sucesso, pois queremos manter organizações como esta. Para mais, veja é fácil: no que se chama propriamente consumo, a Cooperativa mantem um sistema de vales, pois bem, com o Teatro fizemos o mesmo. Pode dizer-se que a fórmula é esta: veja agora (assine o vale de consumo) e pague depois. É só isto que vê: 450 pessoas.**

O sr. Igrejas Caeiro propôs á nossa Cooperativa uma visita ao seu teatro

— Mas tiveram algumas regalias?

— **As normais: adquirimos os bilhetes a 50%.**

Notável, pois o que é verdade é que o Maria Matos, com esta achega, estava repleto.

Diga-se, mesmo, que só a Cooperativa Piedense, se o quiser, enche vários teatros: a sociedade tem para cima de 4000 sócios. É importante.

ÀS NOVE E MEIA EM PONTO!

Quem foi, ontem, ao Maria Matos, ou por lá passou, deu por isso. É difícil ver encher um teatro com tanta alegria e tanto entusiasmo e tanta esperança e tão espontaneamente.

Não era mais gente que se desconhece e passa e entra. Eram pessoas amigas, que se falam e convivem.

As nove-e-meia, em ponto, chegaram as seis camionetas. Por instantes, vedaram o trânsito. Os passageiros saíram. Atravessaram a rua, e aí, logo, se transformaram em espectadores.

Mas, a verdade, é que, entre as camionetas e o teatro, havia ainda as últimas palavras a trocar:

— *Oh pá, o Júlio não veio?*

— *Não. Então, ele entra cedo. Tás a ver, tem que se levantar ás seis-e-meia.*

— *É pena!*

— *Pois é.*

Num outro grupo, a conversa é bem semelhante, mas afecta doutra preocupação:

— *Oh sô Gouveia, a sua senhora ficou em casa?*

— *Não teve onde deixar a miúda.*

— *Mas ela estava inscrita?*

— *Pois tava, mas a vizinha do lado está c'a gripe, e pronto. Vem prá outra vez.*

— *Tá claro.*

Um rapaz de pouco mais de 18 anos — vá lá que tivesse 20 — perguntava a toda a gente se «tinham visto a Lucindinha»:

— *Quem?*

— *A Lucindinha da Tabacaria.*

— *Quem, pá?*

— *Aquela gira do prédio da esquina.*

— *Qual esquina?*

— *Ao lado do Café.*

(Continua na 7.ª página)

E o «Maria Matos» ficou cheio

MULHER: PRÉMIO OU CASTIGO?

Ser mulher, esposa, mãe e dona de casa pode ser uma experiência exasperante ou maravilhosa, um exercício de frustração ou realização pessoal. Um artigo que examina os problemas mais comuns de uma dona de casa insatisfeita e sugere como resolvê-los. Não perca este sensacional artigo no número de Dezembro das **Selecções**, em distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

descanso no EXTRACTO DIÁRIO

JOMA BFB-3

BANCO FONSECAS & BURNAY 1967 BONUM FACIT QUI BENE CLAUDIT

Não faça contas:
Tem ao seu alcance a mais actualizada técnica de contabilidade. Siga, diàriamente, a evolução da sua conta: qualquer movimento lhe será comunicado.

HOJE AMANHÃ SEMPRE
Receberá em sua casa-gratuitamente-o seu extracto diário.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

VARIEDADES
AS 20.45 e 23 HORAS
ADULTOS

HOJE • ESTREIA

DA NOVA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

A REVISTA POPULAR, EM QUE O BOM GOSTO É ESPECTÁCULO!

Peço a palavra!

ORIGINAL DE PAULO DA FONSECA, CÉSAR DE OLIVEIRA E ROGÉRIO BRACINHA. MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS.

UM GRANDE ELENCO:

AIDA BAPTISTA • CARLOS COELHO
ELOINA • SPINA
MAX • ANITA GUERREIRO

A ATRACÇÃO NACIONAL
ANTÓNIO CALVÁRIO

HELENA CARDINALI — VITOR ESPADINHA — MARIANO FRANCO — NINA FLORES — TANIA MOTA — SANDRA VALENTE — MARIA DE FÁTIMA — MARIA AMÉLIA — HERMÍNIO CLARA e MARIA MANUELA

UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL

DIRECÇÃO DE MONTAGEM E AUTORIA DE GUARDA-ROUPA:
PINTO DE CAMPOS

ENCENAÇÃO E DIRECÇÃO ARTÍSTICA:
CARLOS COELHO

COREOGRAFIA:
MARIANO FRANCO

DIRECÇÃO MUSICAL:
CARLOS DIAS

Canções portuguesas no Festival do México

VALÉRIO SILVA

Na edição-1970 do Festival da Canção do México vão estar presentes dois intérpretes portugueses: Lenita Gentil e Valério Silva, que foram indicados pela etiqueta «Alvorada» para esse certame musical.

Lenita Gentil e Valério Silva (presentemente sob contrato com a agência Marques Vidal) fazem a viagem em meados de Março e vão interpretar, respectivamente, canções de Ferrer Trindade - António José e Arlindo de Carvalho (Lenita), de Manuel Viegas-Joaquim Pedro Gonçalves e Pedro Osório-Carlos Portugal (Valério).

Recentemente, Valério Silva foi convidado para desempenhar documentários destinados á Televisão norte-americana: recusou o contrato porque, em lugar das filmagens decorrerem na Madeira (como lhe fora prometido) a rodagem dos celulóides ia processar-se nas Canárias. Entretanto, o cançonetista madeirense gravou «Sou barco» (de Luís Cília-Sérgio Coelho), «Todos gostam de alguém» (Manuel Viegas-António José), «Canção da esperança» (Luís Simão-Carlos Rocha) e uma versão da canção espanhola «Te amo» (de Augusto Algueró).

REGRESSO

No próximo dia 17, a bordo do «Cristóvão Colombo», regressa a Lisboa a acordeonista Eugénia Lima, que pelos Estados Unidos da América do Norte e Canadá. Eugénia Lima deve voltar, em 1970, á Argentina, país onde, no ano de 1968, obteve grande popularidade

HOMENAGEM A MIRITA CASIMIRO NO MONUMENTAL

Uma das figuras mais populares do nosso Teatro vai ter a sua festa de homenagem no teatro Monumental por iniciativa duma comissão de artistas.

Neste programa será apresentado na primeira parte o original de Henrique Santana «Os Elefantes não sentem as Pulgas». Na segunda parte associando-se á consagração de Mirita Casimiro desfilarão alguns dos principais artistas do nosso mundo do espectáculo cujos nomes oportunamente serão divulgados. Durante o desenrolar deste sensacional espectáculo em homenagem á querida artista Mirita Casimiro serão apresentados alguns numeros escritos por autores portugueses propositadamente para esta festa. Dia a dia através da Imprensa serão dados máis pormenores, e a data em que os bilhetes serão postos á venda nas bilheteiras do teatro Monumental.

DELFIM

BOUTIQUE DE PRESENTES

NOVA SECÇÃO

R. CASTILHO, 34, R/C.

MÄRKLIN HO

O BRINQUEDO COM A MAIOR VARIEDADE DE APLICAÇÕES

MÄRKLIN

Na LAGOA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no Café Central.

COLISEU

HOJE, às 21.30

(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

NÚMEROS DE SENSAÇÃO

CAPITÓLIO
Tel. 320379
Às 21.45 h.

O PECADO DE JOÃO AGONIA
de BERNARDO SANTARENO
pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
— ADULTOS —

Sábado e Domingo
Tardes às 16 horas

GIL VICENTE — Cascais Telef. 280919

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
APRESENTA AS 22 HORAS

EUNICE MUÑOZ interpretando **ARRABAL**
com SANTOS MANUEL, VITOR DE SOUSA e CARLOS PAULO
Trad. ANTONIO BARAHONA DA FONSECA
Encenação **CARLOS AVILEZ**
SUBS. FUNDO TEATRO — FUNDAÇÃO GULBENKIAN — ADULTOS

SOLAR DO MINHO *

Rua do Vigário, 60
Telefone: 86 68 11
ALFAMA
(a Santo Estêvão)

PARA ADULTOS

Proprietária: artista EDUARDA MARIA
FADOS — FOLCLORE
RESTAURANTE TÍPICO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MANHÃ
ABERTO AOS DOMINGOS

MAIORES 17 ANOS

Teatro Maria Matos
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017
Todas as noites às 21.45 h.
EM 2.º MÊS
prossegue o êxito de
TOMBO NO INFERNO
de AQUILINO RIBEIRO
direcção de Igrejas Caeiro
Sábado às 16 horas «TARDE POPULAR» a preços reduzidos
DOMINGO à tarde e à noite desconto aos jovens dos 17 aos 21 anos
SEGUNDA, à tarde e à noite

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O licor aristocrata feito a base de Whiskies velhos

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM
AGENTES
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73 — LISBOA — Telefs. 320031/4
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
R. do Bonjardim, 429 — PORTO — Tels. 24943, 26562, 32228 e 35221

ADULTOS

• **UMA COLOSSAL REVISTA QUE NÃO ADMITE COMPARAÇÕES!**

MARIA VITÓRIA

HELENA TAVARES no fado «Quando a noite vem»

• **ESPERTEZA SALOIA** •

O triunfo de um óptimo elenco, com
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES
● DORA LEAL

A ATRACÇÃO NACIONAL
● HELENA TAVARES

A ATRACÇÃO FILIPINA
● «THE MELODIES»

À frente de uma grande companhia

● Domingo e 2.ª-Feira, «Matinées» às 16 h. ●

• ATENÇÃO: Em virtude de a próxima 2.ª-feira ser dia feriado, o descanso da Companhia é na 3.ª-feira •

Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

ABC às 20.45 e 23 h. Adultos
ENA, JÁ FALA!

Casa das Utilidades
54, RUA IVENS
TELEF. 32 86 12
Porcelanas — Cristais «Ménage»

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
DOMINGO, 7 DE DEZEMBRO, ÀS 11 HORAS
Concerto pela
BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T e C. R. P.
Direcção: MAESTRO CAPITÃO SILVA DIONÍSIO
PROGRAMA
VÉSPERAS SICILIANAS — VERDI ● EVA — Selecção — FRANZ LEHAR ● ROMARIA — Suite — JOSÉ M. CORDEIRO ● SLOVENIA — WAL. BERG — (1.ª audição)
Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje (Maiores de 6 anos)
Durante a execução de qualquer dos números do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

---

ORA DIGA COM FRANQUEZA:
— SABE ONDE RESIDE «A MAGIA DA MULHER»?!...

***5** GRANDES REALIZADORES ITALIANOS TENTARAM ESCLARECER ESTA DELICIOSA INTERROGAÇÃO E CONSTRUÍRAM UM DOS MAIS EXCITANTES E DISCUTIDOS ESPECTÁCULOS DO MOMENTO!*

A MAGIA DA MULHER
«le streghe»
TECHNICOLOR

COM
SILVANA MANGANO • ALBERTO SORDI
CLINT EASTWOOD • ANNIE GIRARDOT • TOTÓ

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

2.ª SEMANA
DE PLENO ÊXITO

REALIZAÇÃO DE: LUCHINO VISCONTI ● MAURO BOLOGNINI ● FRANCO ROSSI ● VITTORIO DE SICA ● PIER PAOLO PASOLINI

ADULTOS

NO VARIEDADES

ESTREIA-SE HOJE A REVISTA POPULAR «PEÇO A PALAVRA!»

• António Calvário volta aos palcos de revista

A ficha artística do novo espectáculo que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam hoje, no Variedades, é elucidativa: Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha são os autores; a música é de João Nobre e Carlos Dias; a montagem e os figurinos são assinados por Pinto de Campos; a encenação é de Carlos Coelho e a coreografia é de Mariano Franco.

Um motivo de interesse: Alida Baptista reaparece perante o nosso público, após dois anos de afastamento dos palcos lisboetas. Depois, o elenco compreende o famoso cançonetista António Calvário, Carlos Coelho, Eloína, Spina, Max, Anita Guerreiro, Helena Cardinali e Vítor Espadinha.

Com um texto engraçado e música acessível «Peço a palavra!» tem, ainda a aliciante presença de muitas bailarinas de invulgar beleza.

Hoje, ás 20,45 e 23 horas, o público de Lisboa pode ver no popular Teatro Variedades, a nova revista «Peço a palavra!».

Recintos de diversões

* A artista Maria do Espírito Santo, que está a actuar na «Fragata Real», foi convidada a deslocar-se ao Brasil.
* Após uma digressão pelos Estados Unidos regressa, dentro de dias, o cantador sério-cómico Joaquim Cordeiro.
* O artista Manuel do Mar está a actuar na cervejaria Jansen.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO OLÍMPIA

1. **TÍTULO — «Massacre no Forte da Perdição»**

   REALIZAÇÃO — Joseph Lacy, 1968 (E. U. A.)

   INTÉRPRETES — Jerry Cobb e Martha May

2. **TÍTULO — «O Inspector Tormenta»**

   REALIZAÇÃO — Jean Devoivre, 1966 (França)

   INTÉRPRETES — Paul Meurisse, Nicole Courcel, Louis Velle, etc.

O cinema Olímpia estreou um novo programa, desta feita duplo, reunindo uma fita policial, com um certo humor e não totalmente desprovida de interesse (muito embora a realização de Jean Devoivre seja muito medíocre) e um «western» americano, de série, daqueles que se destinam a ser vistos (por quem assim o entender) e esquecidos rápidamente.

«O Inspector Tormenta» é Paul Meurisse e tem o seu quê de inesperado vir encontrar este ilustre actor francês na popular sala da Rua dos Condes, onde o lema é a «aventura». A verdade é que, não sendo *Tormenta* um dos seus melhores trabalhos (e quem se esqueceu do «Homem do Monóculo»?), Paul Meurisse é sempre Paul Meurisse. Talvez por isso valha a pena uma visita ao Olímpia, onde a «Máscara da Morte», de Mário Bava continua aguardando estreia. — L. A.

• NO AVIS

TÍTULO — «John, o Bastardo» («His Name Was Johnny»)

REALIZAÇÃO — Armando Crispino, 1968 (Itália)

INTÉRPRETES — John Richardson, Claudio Camaso, Martine Beswick, Luisa della Rose, Gordon Mitchell, etc.

No programa que o Avis distribui aos seus espectadores diz-se que este filme (pela história e pela realização) contribuiu «decisivamente» para o «*renascimento dos grandes filmes do Oeste americano*», «*tendo aberto caminho a «True Grit» e «The Wild Bunch»*».

Evidentemente que esta película de Armando Crispino, italiano, não tem nada (mas mesmo nada) a ver com «A Quadrilha Selvagem» («The Wild Bunch»). Qualquer semelhança é mera coincidência e mesmo assim as semelhanças não são quase nenhumas, porque «John, o Bastardo» (volta a explicar o programa) «*é um dos filmes mais violentos de todos os tempos, uma história que cheira a sangue e a pólvora, e onde os bons sentimentos não têm prémios*».

Enfim, mais um «western» «made in Italy» com uma diferença. Possui no elenco uma mulher muito bonita, que vale a pena ver: Martine Beswick. Nada mais. — L. A.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

A «Piedense» veio ao Teatro «Maria Matos»

(Continuação da 4.ª página)

— *Ah, essa não veio. Mas veio a tia.*

— *Quero lá saber: a tia é «geada».*

Eram assim as conversas:

— *Oh Chico, ainda temos tempo pra ir tomar um café...*

— *Tomamos lá dentro no bar.*

— *E há lá café?*

— *Pois não, brincas. Não vês que o teatro tem intervalo e tudo.*

QUEM VEM DE LONGE

E, de repente, o Maria Matos ficou cheio. Na rua, os motoristas das seis camionetas arranjaram poiso para os seus transportes de linhas pesadas e duras. Foram eles (que também foram ao teatro, aí já a convite do empresário) os últimos a entrar. Eram os únicos que iam de igual.

No resto, o povo veste a seu gosto. Não havia peles, mas abafos mais leves. Funcionais — queremos dizer: sem luxos. Fazendas de padrão semelhante — que o povo e o pequeno-burguês têm o horror das cores, vestem de escuro. Os jovens, mais eles que elas, é que não. Esses já vão para as cores vivas. Vivas, não garridas. E, bem, os jovens não formavam uma minoria total. Nada disso. Claro que predominavam os casais. E, casal, é sempre de gente mais velha. Havia, mesmo, um naipe de gente de boina. Ou eram operários ou pessoas mais idosas. Tiravam-na á entrada, sem o medo de poderem ficar despenteados. Ah, mas as mulheres nem tanto. Mesmo as mais modestas, tinham dado uma volta pelos cabeleireiros da Cova da Piedade, ou, senão, fizeram «rolos» em casa. De uma maneira ou de outra, as mulheres tinham quase todas o mesmo jeito de irem presas pelos arames das lacas. Domésticas! Eles, tinham no rosto a profissão de cada um.

Isto, falando dos 400 que vieram de camioneta. Porque, os que se deslocaram de carro, mesmo que atafulhados até sete em vez de quatro, já eram gente diferente. Fora da excursão, mas em todo o caso, atraída por ela. As mulheres ainda não vinham de peles, mas, algumas, já traziam «antílopes» lisos e naftalinizados. Os homens, luvas e lenços.

Nalguns destes braços viam-se flores. Flores autênticas, em ramos forrados a papel-de-seda. Eram para a apoteose. É que, no final do Tombo no Inferno, a gente da Cova da Piedade quis, dadivosa, prestar uma homenagem á Companhia de Teatro que se lembrou que, lá, não foi teatro, então, é preciso vir, cá, onde ele está... nem que seja em excursão.

Por isso é que a noite de ontem foi um dia especial para o Maria Matos!

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
ADULTOS
HOJE, às 21.45 h.
Desconto para estudantes
SÓ ATÉ DIA 8
encenada por ADOLFO GUTKIN
VOLPONE
DE BEN JONSON
pelo GRUPO CÉNICO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA
A peça que obteve da crítica a mais alta pontuação

HOTEL DOM CARLOS
A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa á sua disposição.
AMANHÃ AO ALMOÇO:
BACALHAU À MODA DO CHEFE
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53-90 71 — LISBOA

Se bebe Vinho do Porto como bebe outro vinho qualquer, então desculpe, mas...

PORTO
CINTRA
é bom demais para ser desperdiçado!

REPRESENTANTE:-LISBOA E ARREDORES: FRUTIL, L.DA — AV. DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 132-C LISBOA — TELEFS. 76/7282/79703
ALENTEJO:-MANUEL RUI AZINHAIS NABEIRO — CAMPO MAIOR — ALTO ALENTEJO TELEF. 93206

minolta
SR T 101

A câmara REFLEX (35 mm) de rendimento total (OBJECTIVAS INTERMUTÁVEIS)
A máquina fotográfica de objectivas intermutáveis que reúne TODOS os aperfeiçoamentos da técnica moderna, além de características exclusivas.
A mais completa linha de acessórios e ainda toda uma gama de objectivas.
Peça TUDO em fotografia a esta MINOLTA. Ela corresponderá.
Minolta
o máximo em fotografia

REPRESENTANTES GERAIS: HITZEMANN & C.ª L.DA
PORTO — RUA DE SANTO ANTÓNIO, 76 — 2.º — TEL. 27876
COIMBRA — RUA MARTINS DE CARVALHO, 26-1.º
LISBOA — RUA FILIPE FOLQUE, 2-C e D.
A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

NÃO É DE ROSAS A VIDA DOS FLORISTAS (2)

TAMBÉM SOMOS ARTISTAS

— afirma um florista de mercado

«Nós também somos artistas. Às vezes, até, melhores. Sim, porque aqui, no mercado, a concorrência ainda é mais dura». **O sr. Augusto, florista, ama a sua arte e procura uma vida melhor para os filhos**

— As flores oferecem um verdadeiro índice do desenvolvimento económico dos países da Europa Ocidental. **A afirmação é solene e verdadeira, também. Assim, e conforme há dias foi noticiado, o valor das suas importações quadriplicou nos últimos quinze anos, atingindo um valor à volta dos 285 mil contos. Sessenta e sete por cento das flores são absorvidas pela Alemanha Ocidental, cujo mercado é extraordinàriamente ávido, quase insaciável, como ontem bem sublinhava um dos entrevistados na primeira destas reportagens.**

Seguem-se a Suíça e a Suécia, com nove por cento. Noutros países, como a França, Grã-Bretanha, Áustria e Noruega, as flores também têm largo consumo. As espécies importadas, nomeadamente os cravos e as rosas, são provenientes, na maior parte, da Itália e da Holanda que são, efectivamente, os maiores produtores.

Por cidades, o consumo apresenta os seguintes dados: Paris gasta, todos os anos, cerca de 855 mil contos em flores e Londres 795 mil.

«Per capita», os dinamarqueses compram anualmente 456$00 de flores; os noruegueses, 360$00; os alemães, 256$00; os holandeses, 214$00; os belgas, 145$00; os italianos, 101$00; e os ingleses, 71$50.

E por cá?

— *Por cá, o negócio vai mau. Flores não são artigo de primeira necessidade... O que se passa é que hoje, embora vendendo-se mais, ganha-se menos.*

O sr. Augusto, florista, com local de venda no Mercado da Ribeira (começou no da Praça da Figueira, tinha dezassete anos, como empregado, é claro), tem hoje 45 anos e estabeleceu-se por conta própria há 18.

«A nossa reforma é o reumatismo»

No mercado, o dia-a-dia de um florista tem tonalidade diferente dos estabelecimentos que funcionam na cidade. É outro tipo de funcionamento e até de clientela. Mas os problemas são muitos, também. Maiores, até. Alguns são comuns. Outros são exclusivos.

— *Sim, problemas não nos faltam. Com os colegas (invejas, má camaradagem, etc., etc., o costume, mas o melhor é não ligar), com os fornecedores (má qualidade do produto, esquecimento do combinado, quando as flores começam a rarear). E temos os outros problemas. Os nossos. Por exemplo: não é sempre propriedade da Câmara a quem pagamos taxas pesadas. No meu caso, são seis contos por ano. Depois, as instalações são más e exíguas. O espaço, em círculo, destinado à venda de flores é pequeno. A zona é diminuta, apertada, incómoda, tanto para quem vende como para quem compra e para quem passa. Além disso, há sempre água no chão, está tudo sempre muito húmido, o piso ainda não foi arranjado. Enfim, a nossa reforma é esta: o reumatismo.*

Na sua actividade, o sr. Augusto dedica-se, também, às flores secas, artificiais. As naturais têm um destino, aquelas têm outro. Taças para ornamentação de salas, por exemplo. Os preços destas taças oscila entre duzentos e quinhentos escudos.

Cravos, rosas, orquídeas são as flores mais vendidas. E o abastecimento é feito diàriamente, de madrugada (começa pelas 2, 3 horas), vindo os produtores, com *comprando directamente ao produtor. Do corpo me sai, mas que se há-de fazer?*

A partir das 6 horas, o Mercado é aberto ao público.

«Britar pedra foi a profissão que meu pai me deu»

Pelas 14 horas, o sr. Augusto e sua mulher (com eles carros, camionetas e carroças.

O sr. Augusto abastece-se dia sim, dia não. Chega ao mercado por aquela hora (*quando mais cedo melhor*) e entra na competição. Conforme as necessidades, compra vinte, trinta ou quarenta molhos de flores. No escuro da noite e da madrugada, agora bem fria, o *leilão* mantêm-se animado: — *leva dez, leva vinte. Dou mais cinco!*

— *É claro que podia vir mais tarde para aqui. Mas, então, já teria que comprar a vendedores, intermediários, e não aos produtores. E aqueles têm a sua percentagem. Defendo-me, portanto,* Mas o movimento só começa aí pelas 9 horas. Às vezes, começa mais cedo. É conforme os funerais que há nesse dia.

— *Preços? Uma palma para funeral anda pelos 100 escudos. Mas pode ir até aos 150, 200. Depende das flores que leva e da categoria das pessoas.*

Quanto às outras flores: uma orquídea custa 12$50, 15$00; a dúzia de cravos anda entre os 15 e os 25 escudos; e a de rosas vai de 20 a 25. Aqui não vendemos flores importadas. Isso é só para as casas. Normalmente, as pessoas vêm aqui comprar as flores: para casa ou para oferecer. Mas muitos dos meus clientes também fazem as suas encomendas pelo telefone. Dizem o que pretendem e ficam sossegados.

São as senhoras quem mais compra flores. E a linda florista prepara nova encomenda

(trabalham dois empregados) vão para casa até ao dia seguinte.

— *Mas não se pode descansar. Vou para casa, continuando a trabalhar em flores. Fazer arranjos de flores secas. Sou eu quem os prepara e são eles que me valem. E as minhas mãos, pois se os mandasse fazer estava bem arranjado. Ficavam carissimos. Pois é: «os secos» e os clientes certos é que me vão valendo.*

— Mas não tem outra actividade, outra profissão?

— *A profissão que o meu pai me deu foi arrancar e partir pedra. Era a sua profissão e foi a que ele deu a todos os filhos, mesmo às raparigas. De manhãzinha, bem cedo, lá íamos todos p'rá pedreira partir cascalho. Era de sol a sol. Foi esta a profissão que aprendi. Ganhava 12 escudos por dia. Qual horário de trabalho qual quê?! De sol a sol, pois então (antigamente, o empregado era um escravo). No Inverno não trabalhava e tinha de deitar mão a outros ganhos. Andava pelas ruas a vender limões, agriões, flores e o que calhava. Foi então que me virei para as flores, indo para um lugar na Praça da Figueira. Como empregado. E tem sido assim esta vida, procurando melhores dias, um futuro mais airoso p'ós filhos. Olhe, pode ser que qualquer dia vá até Luanda, abrir uma casa. Já há anos estive em Lourenço Marques, onde abri um estabelecimento — «Flores de Portugal» — na Avenida 24 de Julho. E estaria bem melhor, se lá tivesse continuado. Mas tive problemas com um sócio que não era de boas contas e aqui (a família ficara cá) também houve coisas, com meus colegas. Preocupei-me, precipitei-me e regressei logo. Hoje estou arrependido. Por isso talvez vá, em breve, até Angola, como lhe disse.*

— Quer dizer então que está desiludido, sr. Augusto?

— *Não. Não é bem isso. Mas aqui estamos todos juntos e a concorrência é cada vez maior e desleal. E isto é que é mau. Se eu peço 200, aquele pede logo 150. Hoje em dia fazemos trabalhos para estarem em exposição.*

E quer saber outra coisa? Muita gente não vem aqui porque pensa que não sabemos fazer as coisas, arranjar e apresentar as flores, como os floristas das casas. Mas nós também somos artistas. Por vezes, até melhores. Estamos junto uns dos outros. Cada um quer e tem que fazer melhor do que o vizinho. Quem não se aguenta está perdido. Por isso, lhe digo que também somos artistas. Às vezes, até melhores.

O dia começa bem cedo, noite ainda, para quem vende flores. Elas chegam ao mercado, trazidas pelos produtores. Depois, há que prepará-las, confeccionar ramos e palmas

REUNIÃO MUNDANA NO CASINO ESTORIL

O Casino Estoril vai, uma vez mais, servir de cenário condigno a uma reunião mundana com fins beneficentes — trata-se do anunciado baile organizado por Humberto de Saboia e Joana da Bulgária, cuja receita reverterá a favor da construção de uma escola para raparigas que será mantida pelas Irmãs de Maria Auxiliadora.

Como já se disse, estarão presentes muitas representantes da aristocracia nacional e internacional, entre os quais a duquesa de Brunswick, mãe da rainha Frederica da Grécia, e Simão e Margarida da Bulgária.

Além do atractivo da apresentação do actual «show» do Casino Estoril, enriquecido com a presença de Vicente da Câmara, haverá outros motivos de interesse: entre a assistência será sorteado um valioso prémio — duas viagens de ida-e-volta Lisboa-Funchal, oferecidas pelos T. A. P., e estadia de oito dias, para duas pessoas, no Hotel Savoy daquela cidade.

Os bilhetes que restam (devidamente numerados, para efeito do sorteio) podem ser reservados pelo telef. 28 94 94 ou adquiridos no Casino Estoril. Além dos bilhetes que dão direito a jantar, pelo preço de 350$00, há também bilhetes para simples entrada no salão restaurante, estes ao preço de 150$00.

O dr. Agostinho da Silva no Sindicato Nacional dos Professores

Na sala da Biblioteca do Sindicato Nacional dos Professores na Rua Filipe da Mata, 36, 1.º (ao Rego), realiza-se na terça-feira, dia 9 de Dezembro, às 21 e 30 horas, uma palestra seguida de colóquio proferida pelo dr. Agostinho da Silva, pedagogo português há muitos anos radicado no Brasil, onde é professor nas Universidades de Santa Catarina e de Brasília.

O tema da palestra é: «O problema da alfabetização — a experiência brasileira».

Actualização das pensões pagas pela Previdência

Foi enviada para o «Diário do Governo» uma portaria do ministro das Corporações que visa actualizar as pensões de invalidez, velhice e sobrevivência, pagas pela Previdência, em conformidade com o Artigo 186.º do Decreto n.º 45 266, de 1966, que prevê esse ajustamento quando a variação do custo de vida o justifique.

De acordo com o mesmo preceito legal já foram efectuadas três actualizações, com efeitos, respectivamente, a partir do início de 1967, 1968 e 1969, determinando um aumento de 27% no seu quantitativo médio entre 1966 e 1969.

Na portaria agora assinada, segundo informação oficial, «consideram-se mais uma vez verificadas as condições necessárias para o efeito, ordenando a actualização das referidas pensões mediante a sua multiplicação por um factor correspondente ao ano em que as mesmas foram iniciadas e calculado em função da elevação entretanto observada no custo de vida». Além disso, prevê-se que todas as pensões regulamentares inferiores a 2000$00 sejam melhoradas (acrescentando-se, conforme os casos, 250 ou 200 escudos), por forma a que praticamente nenhuma pensão ficará inferior a 500 escudos (salvo quando o salário médio que o beneficiário recebia em actividade não atinja esse valor, caso em que a pensão será equiparada a esse salário).

Pela adopção conjunta destas medidas, cujo encargo global por ano (segundo a mesma fonte) se estima em mais de 80 mil contos, a pensão média em 1970 passará a exceder a de 1969 em cerca de 10%

PORTUGAL E O BRASIL ESTUDAM A EXTENSÃO MÚTUA DO DIREITO DE VOTO

RIO DE JANEIRO, 4 — (F. P.) — O embaixador de Portugal no Brasil, dr. José Manuel Fragoso, evistou-se com o ministro da Justiçt, Alfredo Buzaid, com quem abordou, de forma preliminar, o processo a seguir para tornar realidade a concessão do direito de voto aos cidadãos de um dos dois países residentes no território do outro.

A nova Constituição brasileira concedeu, unilateralmente, o direito de voto aos portugueses residentes no Brasil, desde que tratamento igual fosse dado aos brasileiros que moram em Portugal.

Para entrar em vigor, a medida dependerá agora de entendimentos entre os dois Governos

O porta-voz da Embaixada de Portugal no Rio disse que as diligências referidas no comunicado expedido pela Presidência do Conselho de ministros, «tem em vista habilitar os Governos dos dois países a determinar a extensão que deverá e poderá ser dada, na prática, ao princípio já adoptado na constituição brasileira e que será adoptado na Constituição portuguesa, nos termos da proposta a submeter oportunamente pelo Governo português á Assembleia Nacional».

As autoridades consulares portuguesas no Brasil não sabem ao certo quantos portugueses não naturalizados moram no Brasil, por não serem obrigados a procurar os consulados quando chegam ao país Só uma pequena parcela dos que precisam de praticar actos com efeito em Portugal é que recorrem ás repartições consulares

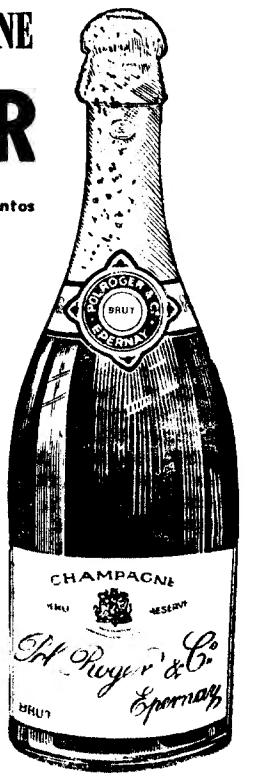
COOPERAÇÃO E SEGURANÇA EUROPEIAS

Regressou de Viena o dr. José Vasconcelos Abreu que ali assistiu, na qualidade de observador á Conferência para a cooperação e Segurança Europeias que decorreu naquela cidade com participação de individualidades europeias das mais representativas.

O FAMOSO CHAMPAGNE

POL ROGER

Está presente nos grandes momentos



POL ROGER usa o Brasão da Casa Real Inglesa

Em todas as recepções de carácter mundial é o POL ROGER que marca os maiores Triunfos.

ÚNICO AGENTE EM PORTUGAL

CASA J. CÂNDIDO DA SILVA

Fundado em 940

A ORGANIZAÇÃO MAIS COMPLETA NO RAMO DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

LISBOA — Avenida de Berna, 42-A — Tel 760 94 - 76340
PORTO — Rua de S Luís, 2 a 22 — Tel PBX 2825 12/3/4 e 37045
COIMBRA — Rua Dr António José de Almeida 73 e 77 Tel 27477

SRS. INDUSTRIAIS

representantes de

MATERIAL ELECTROMECÂNICO

O problema da assistência às v/ máquinas está na linha das v/ preocupações diárias...

Para os resolver consultem a

PROSAL

— ELECTROMECÂNICA INTERNACIONAL, LDA. —

Rua da Cozinha Económica — Primeira Particular n.º 3

Alcântara — LISBOA — Telef. 63 81 60

ELECTRICIDADE INDUSTRIAL ● MONTAGENS E REBOBINAGEM DE MÁQUINAS ELÉCTRICAS

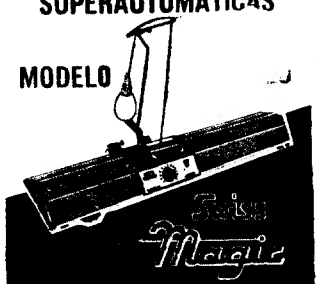
AUTO RALI, S. A. R. L.

Devido às obras do METROPOLITANO o trânsito de veículos em frente ao n/ STAND, da Av.ª Alm. Reis, 130 A/E, estará vedado até ao próximo dia 12

Assim, agradecemos aos nossos clientes se dirijam, durante este período, às nossas instalações da Rua Carlos Mardel, 12 onde encontrarão à sua disposição VENDEDORES e CONDUTORES que tomarão conta do seu automóvel.

MÁQUINAS DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICAS

MODELO



- Produto da indústria suiça de alta precisão
- Inteiramente metálica
- Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado
- Canelados perfeitos
- Facilidade de manejo

Pretende-se nomear agentes em concelhos ainda livres Consulte:

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA: R. António Enes, 20-1.º Tel. 53 50 57
PORTO: Rua Formosa, 172 Tel. 26902

Pretende receber publicidade e preços
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS COMERCIANTES

CONCURSO DE ADMISSÃO

Em harmonia com o preceituado na Base XVII do despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, de 23/9/966, faz-se saber que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 20 (vinte) dias a contar da data da publicação deste anúncio, para provimento de vagas existentes nas categorias de:

3.º Escriturário ou Aspirante

Lisboa, 4 de Dezembro de 1969.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

Agora o gravador para toda a gente

NOVO!

UHER VARIOCORD 63: o gravador das 4 variantes

Grave e ouça em sua casa música, a voz de parentes ou amigos, etc. Em 2 ou 4 pistas (2 cabeças fàcilmente intermutáveis), com ou sem automático, o UHER VARIOCORD 63 dá-lhe a verdadeira Alta Fidelidade em gravação e reprodução, de acordo com as exigentes normas Alemãs de HI-FI.

Outras vantagens ainda: um moderno comparador de tensão da fita magnética que proporciona uma surpreendente constância de velocidade; possibilidade de mistura de fontes sonoras; 3 velocidades; funcionamento vertical ou horizontal.

Escolha UHER! Gravadores desde 4790$00

UHER

a mais alta técnica de gravação

ROBERT BOSCH (PORTUGAL) LDA-LISBOA-PORTO

CONTER A EMIGRAÇÃO

É PROPÓSITO DO NOVO PRESIDENTE DA CORPORAÇÃO DO CRÉDITO E SEGUROS

Com o fim de proceder ás eleições dos novos corpos gerentes para o quadriénio 1969-1973, reuniu o Conselho da Corporação do Crédito e Seguros, constituído pelos representantes dos Organismos Corporativos, nela integrados, segundo o preceituado no Regimento da Corporação.

Em sessão preparatória, sob a presidência do sr. dr. Arnaldo Pinheiro Torres, vice-presidente da Corporação e na presença dos novos membros que irão constituir os diferentes órgãos de que se compõe a Corporação, o vice-presidente mandou proceder á chamada dos eleitores, pela relação organizada pela direcção e, verificada a presença de todos os membros do Conselho, foi eleita uma Comissão de Verificação de Poderes, composta de sete vogais, á qual competiu conhecer da legitimidade dos poderes dos referidos membros.

Suspensa a sessão, eleito um presidente e um relator, a Comissão reuniu e após concluído o seu estudo, reconheceu, unanimemente, a perfeita legitimidade dos poderes de cada um dos membros do Conselho.

De seguida, efectuou-se a eleição do presidente da Corporação e dos dois secretários do Conselho, que decorreu nos termos expressos do Regimento da Corporação e que, proclamados eleitos, imediatamente entraram no desempenho das suas funções.

O sr. eng.º Basílio Freire Caeiro da Matta, novo presidente da Corporação, que foi eleito por unanimidade de votos, assumiu a presidência da mesa, tendo sido calorosamente aplaudido por toda a assembleia, acompanhado pelos novos secretários do Conselho da Corporação, srs. eng.º António José dos Santos Gonçalves e Joaquim Marques Alexandre.

O sr. dr. Arnaldo Pinheiro Torres, vice-presidente cessante, fez o elogio do novo presidente da Corporação

Usando da palavra, o sr dr Caeiro da Matta, pronunciou s seguintes palavras:

— *Este cargo tem sido desempenhado por pessoas da maior categoria profissional e intelectual e também da maior representatividade na vida da Nação, e nele se houveram com a maior competência e brilho. A todos conheci, e com todos trabalhei. Lembro, com saudade, o sr. dr. Rafael Duque e o embaixador Ruy Ulrich, e igualmente não esqueço o trabalho desenvolvido e a dedicação do sr. dr. Fausto de Figueiredo que, com prejuízo da própria saúde, se deu á Corporação com todo o entusiasmo e inteligência*

E mais adiante:

— *Não posso, antes de mais, deixar de agradecer, muito reconhecidamente, esta prova da extrema benevolência e de confiança de V. Exas ; e prometo, com a ajuda de Deus e quanto em mim couber, tornar-me, no desempenho de tão honrosa quanto árdua missão, digno do crédito que V. Exas. acabam de conceder-me. E assim, nos próprios termos do nosso instrumento regulamentar, tentarei «coordenar, representar e defender os interesses das actividades que nela se integram para a realização do bem comum .. colaborar com o Estado e demais Corporações, no respeito absoluto pelas superiores conveniências nacionais, em espírito de estreita cooperação social.*

Disse a seguir que «*em verdade, entrámos todos nós, Portugueses, num fase da vida nacional de transcendente importância, e que, embora sob o signo da continuidade, aponta, já, para uma profunda renovação de métodos, de processos, para uma tão necessária aceleração do nosso desenvolvimento económico; para um crescimento, em valor absoluto e relativo, do produto real e da renda real. Estas rendas individuais mais altas, esta melhoria sensível do nível de vida de cada português, permitirá, entre outras coisas, conter uma emigração para o estrangeiro que nos tem feito perder, nestes últimos anos, a nossa mais valiosa riqueza nacional: o homem.*

Seguidamente, o Conselho procedeu ás eleições dos seus representantes para os seguintes órgãos da Corporação: Conselho da Secção de Seguros, Conselho da Secção do Crédito, Direcção da Corporação, Junta Disciplinar e representantes da Corporação á Câmara Corporativa.

Principiaram em Setembro e vão terminar perto do Natal as obras de levantamento dos carris existentes na Avenida António Augusto de Aguiar, na zona compreendida entre a Avenida Fontes Pereira de Melo e o Largo de S. Sebastião da Pedreira. Os carris, recolhidos pela C. C. F. L., continuarão ao serviço na Avenida Almirante Reis, até conclusão dos trabalhos do novo ramal do Metropolitano

Concurso «Álbum de Lisboa»

(Continuação da 1 página)

iniciará dentro de dias, há também — além do magnífico apartamento mobilado, que ontem e anteontem anunciámos —um magnífico automóvel: um «Toyota Corolla 1100».

Tratando-se de um carro de cilindrada média, alia a uma carroçaria de linhas elegantes e harmoniosas um conforto que, em alguns pontos, atinge o nível do requinte.

A possibilidade de oferecermos aos leitores esta excelente viatura, fica a dever-se á colaboração simpática que, desde o primeiro momento, nos concedeu o seu representante no nosso País, a firma TRANSMOTOR — Sociedade Comercial e Industrial de Veículos de Transporte e Motores, S. A. R. L., que comercializa, em Lisboa, os «Toyota», montados, exclusivamente, em Portugal, pelas importantes linhas de Salvador Caetano, S. A. R. L., de Vila Nova de Gaia.

O «Toyota Corolla 1100», que constitui o 2.º prémio do nosso grandioso concurso «Álbum de Lisboa», é uma berlinada de 5 lugares e duas portas. Todo o interior foi concebido num estilo funcional, não se descurando porém, em nenhum pormenor, o conforto e a segurança dos seus utentes. Os bancos dianteiros são ajustáveis e reclináveis, sendo os estofos desenhados por forma a «envolverem» o corpo dos utentes permitindo mais cómodas viagens, especialmente para quem conduz. É notável o facto de os assentos dianteiros virem já munidos do dispositivo para adaptação dos encostos de cabeça.

No aspecto «segurança», há a referir que o volante se «desprende» em caso de colisão do veículo, evitando o esmagamento torácico, causa de tantas lesões graves e, mesmo, fatais. Também, todos os «ângulos cortantes» foram eliminados, ou devidamente almofadados.

A habitabilidade do interior é assegurada por um sistema de ventilação «aerofot[illegible] permitir uma constante renovação do ar ambiente, evita o embaciamento do vidro traseiro.

Entre a série de pormenores que valorizam extraordinàriamente o «Toyota Corolla 1100», como carro para o grande público (mas que sabe apreciar um automóvel) destacam-se, ainda, os limpa-vidros, de 2 velocidades, fechos de porta anti-roubo, faróis de marcha-atrás, buzina de estrada tampão de gasolina com chave, etc.

Mecânicamente, o «Toyota Corolla 1100» é uma viatura em que estão aliadas as convencionais soluções ás experimentadas inovações. Temos, assim uma viatura resistente, a que não faltam, também, aqueles «toques» desportivos que agradam a todos os condutores de hoje.

O motor é um 4 cilindros de 1077 c.c. de cilindrada, que fornece uma potência de 60 H. P. a 6000 rotações por minuto, o que é bastante interessante para um carro da sua categoria. A transmissão é feita por uma caixa de 4 velocidades, totalmente sincronizada, havendo, ainda, a referir que a embraiagem pode ser ajustável (quanto a folga) pelo próprio condutor, graças a um cabo de comando manual.

Quanto a travões, o «Toyota Corolla 1100» dispõe de discos, á frente, e tambores, nas rodas traseiras. O carro possui um sinalizador luminoso que indica ao condutor quando o carro se encontra travado com o travão de mão. Para se avaliar o valor deste pequeno pormenor basta perguntar: «quem é que nunca arrancou com o carro travado?...»

As «performances» indicadas para este modelo são uma velocidade máxima de 140 km/h., e um consumo de 6,6 l/100 km, que continua a ser bom, mesmo tendo em conta que condições de utilização mais «puxadas» poderão aumentá-lo ligeiramente.

Cada carro «é acompanhado» por uma garantia de 20 000 km, ou um ano de utilização, com assistência garantida nos 25 agentes espalhados pelo Continente e Ilhas Adjacentes.

É este, pois, o automóvel que pode ser seu, ao concorrer ao interessantíssimo e fácil concurso «Álbum de Lisboa». Um concurso para toda a gente. Que vai dar prémios — muitos e bons prémios! — para tanta gente...

CASA DE BEBIDAS

Na Rua Infantaria 16, n.os 90 e 90-A, artéria do populoso bairro de Campo de Ourique, a firma A. Lima Alves, Limitada, distribuidora de bebidas nacionais e estrangeiras, acaba de inaugurar uma casa da especialidade.

O acto, que decorreu em ambiente de cordial simpatia, teve a presença de muitos convidados e representantes dos órgãos de informação.

CHEGOU A ANGOLA O MINISTRO DO ULTRAMAR

LUANDA, 4 — (L.) — Ao chegar, hoje, a esta cidade, o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, afirmou aos órgãos de Informação:

— *A gestão dos negócios públicos exige conhecimento directo das realidades sociais e contactos frequentes entre os responsáveis pela administração, para que todas as decisões se ajustem aos condicionalismos vigentes, em cada momento, e se coordenem para produzir todo o seu efeito útil em prol do bem público.*

«É uma regra de justificação tão evidente que só a refiro para dizer que é no seu cumprimento que aqui de novo me encontro.

«Venho para tratar, com os responsáveis directos pela orientação superior da administração das duas maiores províncias portuguesas, de problemas que lhes são comuns e para examinar, com o governador-geral de Angola, outros que são específicos desta província.»

Mais adiante, esclareceu:

— *Os principais problemas que vão ser objecto da nossa análise respeitam á melhoria das estruturas da administração, dentro do espírito da reforma administrativa anunciada pelo sr. Presidente do Conselho, á gestão financeira e ao desenvolvimento económico das províncias.*

«Acertadas as linhas mestras da orientação a seguir, as decisões surgirão a seu tempo — o tempo necessário para reflectida ponderação das soluções que melhor sirvam o interesse das províncias — no quadro dos grandes interesses nacionais» — disse.

A SELECÇÃO DE FUTEBOL TREINOU-SE ESTA TARDE

No Estádio Nacional realizou-se esta tarde o primeiro treino de conjunto da selecção portuguesa de futebol que, na próxima quarta-feira, em Londres, defrontará a da Inglaterra.

Dos quinze jogadores convocados (foram agora chamados Mário Campos, da Académica, e Figueiredo, do V. Setúbal) faltaram o sportinguista Damas e o belenense Murça, devido ás suas obrigações militares.

Tendo como adversário o Barreirense, a selecção apresentou os seguintes jogadores: José Henrique; Conceição, Caló, José Carlos e Pedro Gomes; Toni, Graça e Tomé; Guerreiro, Manuel António e Jacinto João.

Os seleccionados marcaram três golos na primeira parte do treino (por Manuel António, Jacinto João e Jaime Graça), sem que os barreirenses conseguissem bater José Henrique.

Sociedade de Geografia

Amanhã pelas 18 horas reune a assembleia geral da Sociedade de Geografia, em sessão ordinária, para eleição de sócios efectivos e correspondentes.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Definir os tipos de escolas antes de construí-las

— uma ideia para o Planeamento Regional da Educação

Terminou hoje, no Instituto de Meios Áudio-Visuais de Ensino (I. M. A. V. E.), o Colóquio sobre Planeamento Regional da Educação, promovido pelo Gabinete de Estudos e Planeamento de Acção Educativa. Na sessão da manhã, presidida pelo dr. Pedro Loff, técnico do Gabinete de Estudos e Planeamento de Acção Educativa, o dr. Paulo Barcia apresentou uma comunicação subordinada ao tema «Critérios para implantação de uma sede escolar a médio prazo para a escolaridade pós-ciclo elementar do ensino primário». O autor recorreu á colaboração do sr. Carlos Carrasco Canals, consultor da O. C. D. E., para fazer o estudo da «Carta Escolar do Ensino Obrigatório Pós-Ciclo Elementar», incluída no ormigrama das actividades para a revisão do III Plano de Fomento.

Na sua comunicação, o dr. Paulo Barcia considerou que para estabelecer um programa de construções de escolas importava definir os *tipos das escolas* em função da capacidade (em numero de turmas e em numero de alunos) e do sexo das crianças que as irão frequentar, Serviu-se do que está decretado quanto á separação dos sexos no ensino do Ciclo Preparatório para formular quadros segundo esses tipos.

Na sessão da tarde foram tratados os seguintes temas: «Estabelecimento de prioridades e definições das características regionais a que deverá obedecer a cobertura escolar do País», pelos drs. Sérgio Macias Marques (G. E. P. A. E.) e Carlos Canals, e «Educação permanente como factor de desenvolvimento regional», pelo dr. Frederico Perry Vidal (G. E. P. A. E.).

Está previsto para amanhã um encontro, extra-programa, com o dr. Jean Lessard, consultor da O. C. D. E., que assiste aos trabalhos, bem como os drs. Carrasco Canals e Hermans de Heel, do mesmo organismo internacional.

Auxílio oficial à agricultura

Mais de mil contos vão ser atribuídos sob a forma de empréstimos a agricultores do continente para aquisição de prédios rústicos. Esta verba é concedida através do Fundo de Reestruturação Fundiária, recentemente criado com o objectivo de «facultar os meios financeiros necessários á correcção das graves deficiências de estrutura fundiária de que enferma a nossa agricultura e á criação de condições para a expansão de empresas agrícolas aptas e bem dimensionadas.»

No total elevam-se a um pouco mais de 6200 contos as novas verbas (de auxílio financeiro á agricultura) superiormente aprovadas na primeira semana de Novembro e de que foi dado agora conhecimento através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Subdividem-se em empréstimos (4 288 100$00) e comparticipações (1 929 550$00), sendo de salientar que mais de mil contos vão ser emprestados para compra de maquinaria agrícola, a qual justifica também uma parte substancial das comparticipações.

ora diga-nos...

— Gosta do sol de Inverno?

«Sol de Inverno sai tarde e põe-se cedo» — lá diz o rifão. Mas quem não gosta dele, nestes dias de frio ou quando a chuva nos esmaga dias e dias a fio?

● *Disse o sr. António Simão Barata, de 48 anos, funcionário da Carris:*

— Gosto, sim senhor.

— diz-nos com alegria.

E prosseguiu:

— Por causa dos meus afazeres, não me é possível fazê-lo muitas vezes, mas aprecio muito um passeio ao campo, ao domingo, que é o dia da minha folga.

E lá foi à sua vida, caminhando lesto, sob o «Sol de Inverno» da manhã.

— Mas tem graça: fiz esta noite uma serenata e vou agora dar um passeio a pé aos arredores do aeroporto.

(Aviso: serenata, aqui, significa, trabalho à noite...)

● *Seguiu-se o sr. Paulo Carneiro, de 21 anos, aluno do Instituto Superior Técnico:*

— Se gosto do «Sol de

Inverno»? Lá gostar, gosto: só é pena é ser frio...

— ...

— Portugal é um país essencialmente de sol, e por isso não lhe ligamos muita importância...

● *Por último, o sr. Óscar (não quis declinar mais nenhum nome «arrancar-lhe» este já foi um castigo) disse ao repórter:*

— Gosto, toda a gente gosta. Lembro-me de que o Camilo Pessanha lhe dedicou uns versos e que serve para exprimir ideias de carinho, de ternura.

Completada a direcção da secção feminina da Cruz Vermelha

A organizadora em São Tomé do serviço de assistência ás mulheres e crianças evacuadas (de Angola) está entre as novas dirigentes da Secção Auxiliar Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa, a que preside D. Maria Amélia da Silva Pitta e Cunha.

A direcção da S.A.F. encontra-se já completa, concluídos que foram todos os trâmites de homologação, e é integrada pelas seguintes senhoras: presidente — D. Maria Amélia Pitta e Cunha, fundadora da Obra de Assistência aos Doentes do Hospital de Santa Maria e até há pouco chefe dos Serviços de Recuperação da C.V.P.; vice-presidente — D. Theresa Burnay Bello Eugénio de Almeida (condessa de Villalva), visitadora do Serviço de Cardiologia do Hospital de Santa Marta e ex-presidente do Nucleo da C.V.P. de Évora; secretária-geral — dr.ª D. Maria de Lurdes Gonçalves da Fonseca Santos, assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa; tesoureira — D. Maria Luisa Morais Barahona Pinto Arez, professora efectiva do Distrito Escolar de Lisboa e ex-tesoureira dos Serviços de Recuperação da C.V.P.; vogais - eng.ª D. Maria Bebiana Barreto de Azevedo de Almeida Barreiros, organizadora em São Tomé do serviço de assistência ás mulheres e crianças evacuadas de Angola; e D. Theresa Maria Schedel de Castello Branco.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

SAIBA O QUE É UM TITULO DE OCUPAÇAO

1 - Ao adquirir um Título de Ocupação você pode fazer imediatamente a escritura de compra do seu apartamento para rendimento ou férias, escolhendo o mês e o tipo de alojamento que lhe convier. **2** - Os apartamentos encontram-se já prontos a habitar, completamente mobilados e equipados. **3** - Sempre que não pretenda utilizar o alojamento TORRALTA obriga-se a pagar-lhe 8 a 12% sobre o valor da venda, que poderá receber mensal ou anualmente. **4** - TORRALTA comprar-lhe-á o seu Título de Ocupação se o quizer vender. **5** - Poderá, também, comprar o seu Título de Ocupação, pagando-o em 36 prestações. **6** - Se optar por esta modalidade terá direito ao juro do capital investido, a partir da primeira prestação em relação às importâncias pagas. **7** - Se por qualquer eventualidade desistir da compra do Título de Ocupação, não perderá o seu dinheiro, TORRALTA comprar-lhe-á a sua posição.

Peça informações a TORRALTA-Av. duque de Loulé, 66-A Lisboa - Telefones 51748/54479/555681

ECOS

C. WRIGH MILLS, um dos maiores sociólogos norte-americanos, distingue três «élites» fundamentais nos Estados Unidos: dirigentes políticos, dirigentes das grandes empresas e chefes militares e considera que esses três grupos se aliaram para a conquista e manutenção do poder. A seu ver só, de momento, um corpo de altos funcionários independentes e respeitados poderia influir na vida americana, limitando a irresponsabilidade da «élite» no poder.

★

SERIA bom que as pessoas intolerantes, que em todos os campos abundam, infelizmente, e com nítido predomínio nos mais conservadores, relessem de vez em quando esta passagem generosa e aberta da célebre Epístola de São Paulo aos Romanos: «Aquele que fraqueja na fé deve ser acolhido com bondade, sem se lhe discutirem as ideias. Os homens são diferentes na natureza e nos apetites. Uns comem de tudo. Outros só podem comer verduras. Pois, o homem que come de tudo não deve desprezar o vegetariano, tal como este não deve desprezar o que tem saúde e apetite para comer de tudo. A ambos Deus dará o mesmo acolhimento.»

★

O factor tempo entra em qualquer avaliação ou comentário do homem europeu, como o factor espaço nos do homem americano. Refere, por exemplo, Lucien Febvre, numa sua intervenção dos «Textos dos Encontros Intelectuais de São Paulo», agora publicados entre nós, ter ouvido um carioca, para se consolar das suas frustrações, dizer: «Paciência, o Brasil é grande!» Um condutor de automóvel, em ocasião de engarrafamento monstro na capital francesa, diria antes: «Paciência, Paris não nasceu de um dia para o outro!»

Menos um funil na cidade é a legenda correcta para esta gravura. De facto, como a nossa prova gráfica documenta, vê-se que já principiaram as obras de demolição do edifício que até aqui atravanca o tráfego entre o Poço do Borratém e o Largo Martim Moniz. O Poço do Borratém vai, portanto, e felizmente ficar mais largo. Que este desaparecimento de futuro seja seguido em toda a cidade, por exemplo nas Amoreiras, para bem do trânsito e dos nervos de todos nós.

O TEMPO QUE VAI FAZER

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até ao próximo dia 15:

DE HOJE A 12: *Céu geralmente limpo; vento fraco a moderado do quadrante norte; condições favoráveis á formação de geada; temperatura média do ar inferior aos valores normais na época.*

DE 13 A 15 DE DEZEMBRO: *Céu geralmente muito nublado no Algarve e pouco nublado ou limpo nas restantes regiões; vento fraco a moderado do quadrante nordeste; condições favoráveis á formação de geada nas regiões a norte do Tejo; temperatura média do ar próxima dos valores normais na época*

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

Termina no dia 15 o prazo de entrega dos trabalhos

• DUAS BICICLETAS ENTRE OS PRÉMIOS

Aproxima-se a passos largos o fim do prazo concedido aos nossos jovens leitores para a entrega dos trabalhos concorrentes a «O Natal visto pelas Crianças», iniciativa que o «Diário de Lisboa» promove pela 12.ª vez.

Não será demasiado voltar a realçar o elevado interesse pedagógico do nosso concurso, que tem suscitado, nas anteriores edições, o interesse de milhares dos nossos mais novos leitores.

O próximo dia 15 marca o fim do período durante o qual ainda podem ser entregues os trabalhos (literários e plásticos). Um júri (cuja constituição oportunamente anunciaremos) classificará as obras que nos forem enviadas — e os prémios a atribuir são verdadeiramente tentadores. Alguns deles já tivemos oportunidade de revelá-los.

Hoje, temos mais: várias caixas de bolachas «Triunfo», oferta da Fábrica Triunfo, de Coimbra, com depósitos em Lisboa, Porto, Abrantes, Chaves, Faro e Santa Iria de Azóia; uma bicicleta da marca «Vilar», para rapaz ou rapariga, conforme o contemplado, e outra da mesma marca, esta oferecida pelo «Diário de Lisboa»; e caixas de cortiça do nosso amigo A. Gama Reis (Mr. Cork), da Rua da Escola Politécnica, n.º 10.

O regulamento

— Podem concorrer todas as crianças, individual ou colectivamente, até aos 14 anos.
— As crianças podem escolher os assuntos dentro do tema proposto com inteira liberdade, desde os aspectos circunstanciais (as festas dessa quadra, a missa do galo, as janeiras, a ceia familiar, o presépio, as prendas, as iluminações, etc) até aos simbólicos — a paz na terra, a fraternidade e amizade entre os homens, etc.
— Não haverá qualquer restrição sobre as formas escritas ou gráficas, utilizadas: conto, narrativa, crónica, folhetim, poesia, teatro, aguarela, guache, tecidos, papéis recortados, desenho, mosaico, etc.
— Convém que os trabalhos literários sejam curtos, manuscritos ou dactilografados, de preferência escritos apenas de um lado da folha de papel.
— Os trabalhos de desenho ou pintura não devem ter dimensões inferiores a 32x22 centímetros (formato de papel almaço).
— Os trabalhos devem indicar o nome, idade e morada. Quando as crianças pertençam a colégios, liceus ou escolas técnicas, devem indicar o nome do estabelecimento que frequentam.
— A entrega dos trabalhos deve fazer-se na administração do «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57 2.º, Lisboa-2, até ao dia 15 de Dezembro. A entrega pode fazer-se pessoalmente ou pelo correio, com a indicação por fora de se destinar a «*O Natal visto pelas crianças*».
— A escolha dos trabalhos não é feita pela técnica ou pela riqueza dos materiais empregados; serão escolhidos sobre os que revelem melhores características expressivas e evidenciem melhor a psicologia e a sensibilidade infantis. Essa escolha pela arte, tendo em atenção os escalões de idade, será efectuada por especialistas de educação.
— Os prémios concedidos deverão ser levantados no prazo de 90 dias a contar do dia 26 de Dezembro.
— Todos os trabalhos ficam pertencendo ao arquivo do «Diário de Lisboa».
— Não dobrar os trabalhos de desenho e pintura, apresentando-os direitos, ou enrolados, devidamente acondicionados, quando excedam 1 x 0,40 m.

VIDA NOVA PARA A M DADA COMO RAPT

Parece que tudo acabou em bem: a menor Armanda Maria, que uma religiosa do Instituto Irmã Maria do Divino Coração confiara a uma desconhecida, «*encontra-se na cpmpanhia de um casal de alta posição social e da maior respeitabilidade*» — segundo nos afirmou hoje a madre Elizabete, que desde 26 de Novembro último estava naturalmente aflita em relação ao destino da sua pupila.

Armanda Maria Mourato Ferreira, ainda segundo a versão daquela religiosa, encontra-se num domicílio localizado na zona do Estoril, «*satisfeitíssima com a sua nova família*». De qualquer modo, e embora a garota (após a publicidade dada ao caso) seja fácilmente identificável, a madre Elizabete continua a omitir o nome da família a quem a guineense está entregue, não se entendendo bem o motivo porque a senhora que vai dirigir a educação da menor utilizou dois nomes falsos para obter a

CONFRATERNIZAÇÃO DOS AGENTES DA LUSOLANDA

Está a realizar-se, em Lisboa, uma reunião de confraternização de Agentes NSU.

De todos os pontos do País chegaram esta manhã cerca de trinta participantes, tendo-se realizado um almoço num dos restaurantes da capital, com a presença dos elementos directivos da Sociedade Lusolanda, do sr. Hauffmann, delegado da Fábrica Audi NSU Auto-Union, A. G. e de representantes de alguns órgãos de Informação.

No final, usaram da palavra o sr. João Freudenthal e Werner Khan, directores da Sociedade, Pereira Rodrigues, director comercial, e Álvaro Marques em nome da Êxito - Agência de Publicidade.

À tarde efectua-se uma visita a todas as instalações (salão de exposição e oficinas).

Barra do Guadiana

Foi aprovado, para ratificação, o Comércio entre Portugal e Espanha para a Construção das Obras de Melhoramento da Barra do Rio Guadiana, assinado em Lisboa no dia 20 de Junho passado.

4-00 11

EXPO'70
OSAKA
JAPÃO
PROGRESSO E HARMONIA PARA A HUMANIDADE

O ACONTECIMENTO DO ANO

VIAGENS ESPECIAIS

com partidas todos os meses de Março a Setembro *

* excepto Julho

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:

SAS

Rua Joaquim António de Aguiar, 41 LISBOA - Telef. 4 93 74

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1875

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca

Actualização pedagógica

— objectivo principal da Associação dos Professores de Francês em Portugal

«Gostaria que esta iniciativa constituísse um incentivo para todos» — declarou-nos a sua presidente, dra. Maria Emília Marques

A Associação de Professores de Francês em Portugal é a primeira, do seu género, criada no nosso país, tendo iniciado recentemente as suas actividades, em que o aperfeiçoamento e a actualização no campo da pedagogia em geral, e do ensino do francês, em particular, são objectivos fundamentais. Quer pelo interesse de que a iniciativa em si própria se reveste, quer pelo que ela pode constituir de incentivo para iniciativas semelhantes, e que se hão-de certamente revelar úteis e profícuas, impunha-se ouvir a presidente da nova Associação — dr.ª Maria Emília Marques, professora metodóloga de Francês no Liceu Pedro Nunes, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, directora de uma secção do Laboratório Experimental de Línguas do IMAVE e autora de livros de ensino enformados pelas mais modernas orientações pedagógicas.

Mas como nasceu a ideia de criar esta associação de professores de Francês?

— *A sugestão* — diz-nos a sua presidente — *partiu dos próprios serviços culturais da Embaixada (estas associações existem em todo o Mundo), que a apresentou a um grupo de pessoas interessadas nestes problemas. A ideia pareceu-nos muito boa e resolvemos pô-la em marcha. Em Maio de 1967 fizemos as primeiras tentativas de organização, começando depois a preparar os Estatutos, que vieram a ser homologados em Agosto de 68. Em Outubro deste último ano efectuou-se uma assembleia-geral em que foram eleitos os corpos gerentes — que só foram homologados, porém, em Maio do ano corrente. Entretanto, meteram-se os exames e as férias, e daí que só agora, a partir de Outubro, tivessemos efectivamente começado a trabalhar.*

Os corpos gerentes da Associação dos Professores de Francês de Portugal ficaram assim constituídos:

Assembleia-geral: Presidente — prof. dr. Vitorino Nemésio; secretários — dr.ª Matilde Rosa Araújo e dr. Fernando Pamplona.

Direcção: Presidente — dr.ª Maria Emília Marques; secretário — dr. Alberto Fialho; tesoureiro: dr. Fernando Peixoto da Fonseca.

● Os objectivos da Associação

Mas porque se mostrou de tanto interesse a criação de uma agremiação como esta? A nossa interlocutora responde-nos:

— *Em relação á metodologia do ensino das línguas tem-se dado uma mutação muito rápida e há uma grande dificuldade de proceder á sua aplicação — por falta de meios, e também por falta de preparação de alguns professores, cuja óptica não está ainda actualizada. Daí o interesse e a necessidade da nossa acção.*

Com efeito, esta «sociedade civil, de carácter cultural, com sede em Lisboa», «de duração indefinida e número ilimitado de sócios», tem os seguintes fins:

1) Estabelecer contacto permanente entre professores de língua francesa em território português, para troca frequente de pontos de vista pedagógicos que visem a uma sempre maior eficiência no ensino da língua francesa, em qualquer grau (salvaguardando as directrizes dos programas oficiais, no que eles tenham de impositivo e útil), doseando os métodos desse ensino aos alunos portugueses com o que, para tal fim, se possa encontrar de mais adequado nos métodos pedagógicos actuais de ensino da língua francesa;

2) — Criar e pôr á disposição dos seus sócios os meios de aperfeiçoamento desse ensino que lhe seja possível obter e bem assim procurar estabelecer contacto com professores qualificados da nacionalidade ou de expressão francesa.

Nos estatutos diz-se ainda que para concretizar os seus objectivos «recorrerá a A. P. F. P. aos bons ofícios e util conselho do Institut Français au Portugal, mantendo estreito contacto com a sua direcção».

● Temas debatidos em sessões semanais

As actividades da Associação dos Professores de Francês em Portugal iniciaram-se com sessões (que se efectuam ás quintas-feiras á noite) constando de uma exposição inicial seguida de colóquio. Essas sessões efectuam-se, em Lisboa, no Liceu Charles Lepierre, em Coimbra, na Alliance Française e no Porto no Instituto Francês. Nestas duas ultimas cidades (onde existem delegações já organizadas da Associação) as respectivas sedes são naquelas instituições, enquanto que em Lisboa era é no Instituto Francês. Também promoveram uma conferência sobre «O que é o estilo em 1969», por Georges Mounin, professor de Linguística em Aix-la-Provence.

A dr.ª Maria Emília Marques, presidente da A. P. F. P.

— *Os Serviços Culturais da Embaixada francesa — acentua a dr.ª Maria Emília Marques — têm-nos prestado uma ajuda preciosa.*

Entretanto a A. P. F. P. lançou um inquérito, em 30 de Outubro, no qual, entre outras questões, se pergunta quais os temas que os professores desejariam ver debatidos. De uma lista de treze, os mais votados (e o 1.º unanimemente em Lisboa, Coimbra e Porto) foram: a passagem do oral ao escrito, os mecanismos gramaticais e os exercícios estruturais, metodologia e meios audio-visuais.

— As pessoas têm correspondido á iniciativa?

— *Sem dúvida que sim. É violento exigir a alguém que trabalhe tanto como os professores têm de trabalhar, que todas as semanas disponha pelo menos de uma noite para vir participar nas sessões. E o facto é que eles têm tido muita frequência — cerca de 150 pessoas.*

● Projectos

— Quais são os vossos projectos?

— *Bom, os projectos — sublinha a dr.ª Maria Emília Marques — estão muito de-*

(Continua na 16.ª página)

A MENOR PTADA

companhia de Armanda Maria.

— *A senhora não quer que a Armanda volte a contactar com as suas antigas companhias* — dizem no Instituto, onde agora se vive em absoluta tranquilidade. Maria Esmeralda (de 13 anos de idade), irmã de Armanda Maria, parece ser (daqui para o futuro) o único elo entre o passado e a nova vida da pequena mestiça.

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

DIANA COLE
vedeta da canção e da TV inglesa

SINO
ilusão e fantasia

LIDIA RIBEIRO

DORISS DANCERS
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS

CONJUNTO BOBY CAMPOS com ERIKA HOLM

FILARMÓNICA FRAUDE

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21anos

TAMARA KISS
SÓ NO WONDER BAR

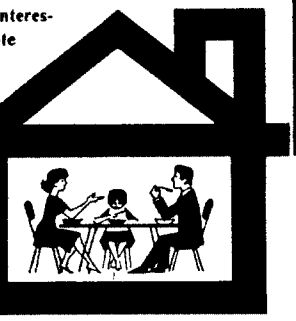
NO CINEMA AS 17 E ÀS 21.30
O MAIOR ESPIÃO DA HISTÓRIA

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

frieiras?
varizes?

o seu problema alimentar será fàcilmente resolvido através de novos métodos de alimentação racional.

Enviamos documentação aos interessados e prestamos graciosamente todos os esclarecimentos e assistência.



CENTRO DIESE
de alimentação racional
AVENIDA DA REPÚBLICA, 46 R.C
TELEFONE 767141 LISBOA1

ata
oca
PORQUE É MEDICINAL

CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO, LDA.

Tem a satisfação de informar e convidar os seus estimados Clientes, Amigos e público em geral, a assistirem à inauguração da sua GALERIA de exposições, na Rua Rodrigues Sampaio, 30-B, em Lisboa, que se realiza AMANHÃ, dia 5 de Dezembro, pelas 18,00 horas.

Esta inauguração, que se faz com o alto patrocínio da EMBAIXADA DO BRASIL, terá a ilustre presença do EMBAIXADOR deste país irmão.

Para inaugurar a sua GALERIA, o CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO exporá óleos da talentosa brasileira Maria Cecília.

No ESTORIL o «DIÁRIO DE Paris. Av. Fausto de Figue- LISBOA» é vendido na tabaca-

BURLÃO DETIDO EM PORTIMÃO

PORTIMÃO, 4 — A P. S. P. desta cidade deteve o empregado de escritório José Castelo de Oliveira, de 25 anos, solteiro, natural da Golegã, cujo pedido de captura havia sido publicado nos jornais, por ser acusado de burlas, nomeadamente uma de vários milhares de escudos, de que foi vítima uma firma de electrodomésticos. Foi entregue á Polícia Judiciária.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · OUTEL

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

Actualidade internacional

Os implicados na morte de Sharon assassinaram ao todo 18 pessoas

— segundo o advogado de Susan Atkins

LOS ANGELES, 4 — (R.) — Morreram 18 pessoas, vítimas de uma série de assassínios rituais efectuados pelo grupo que está ligado ao assassínio da actriz Sharon Tate, anunciou hoje o advogado da mulher que ajudou a Polícia a deslindar o caso.

Algumas das vítimas estão sepultadas no deserto e os seus corpos talvez não sejam encontrados.

Wesley Russell declarou também que o grupo pretendia efectuar mais 11 assassínios.

Estas declarações foram feitas ontem, e a constituinte de Wesley, Shelley Nadell continua detida por mais 15 dias sob a acusação de falsificação de receitas.

No entanto, Shelley Nadell ajudou a Polícia a encontrar o assassino de Sharon Tate e de quatro pessoas amigas, revelando confidência da sua companheira de prisão, Susan Atkins, que faz parte da seita.

Segundo contou Susan Atkins, os crimes eram cometidos com o fim de libertar as almas dos membros do culto que tomassem parte naqueles assassínios rituais.

Russell afirmou que receia pela vida de Shelley Nadell, tanto na prisão como cá fora e o juiz Edward Brand adiou o seu julgamento para 16 de Dezembro acrescentando que se a acusação não se pronunciasse arquivaria o processo.

Entretanto deve reunir amanhã, em sessão secreta, o grande juri para decidir se Charles Manson será acusado de estar implicado nos crimes.

Charles Manson, chefe do grupo que a Polícia acusa de ter cometido oito assassínios, e conhecido tanto por «Deus» como por «Demónio» pelos seus adeptos, compareceu algemado e amarrado num tribunal em Independence, para responder pelas acusações de roubo de carros e diversos e de levar o produto do roubo para o seu esconderijo, o Vale da Morte, na Califórnia.

Manson foi preso com mais 25 membros do grupo, em 10 de Outubro.

Em 9 de Agosto, a Polícia já tinha relacionado oficialmente o assassínio de Sharon Tate e do proprietário de um supermercado e sua mulher com o grupo.

INSISTÊNCIA

Entretanto, o xerife local, Merrill Curtis, declarou aos jornalistas que três das adeptas de Manson, que se encontram presas, insistem em despir-se e andar nuas nas celas.

O pai de Sharon Tate, ex-oficial dos serviços secretos do Exército, Paul Tate, confirmou que andou com «hippies» e drogados durante quatro meses para descobrir os assassinos da filha, mas recusa-se a revelar o que descobriu. Na altura própria dirá tudo o que souber, declarou.

«ERA GALVANIZANTE»

LOS ANGELES, 4 — (F. P.) — Ora, as opiniões até aqui emitidas acerca de Manson são contraditórias. Para certos membros da seita, que ele dirigia com mão-de-ferro, Mason podia mudar completamente de personalidade «Ao pé dele, estamos sempre felizes. Parecia-me uma pessoa nova cada vez que o via», declarou Lynn Fromme de 21 anos.

«Era galvanizante», afirmou por seu lado Sandra Good Pugh, de 26 anos «Da primeira vez que o ouvi cantar, pareceu-me que era um anjo. Era ele que escrevia as suas canções, umas belíssimas e alegres, outras nostálgicas».

A Polícia, quanto a si, vê Manson com olhos diferentes: «Teve uma vida agitada. Desde os 15 anos que conhece a prisão mas não há crimes violentos no seu activo» Roubou correio, passou cheques sem cobertura em nome do Governo, obrigou raparigas a atravessar as fronteiras de estados americanos, com intuitos imorais, ou seja, proxenetismo caracterizado. Mas, com estes delitos de limitada importância, mesmo assim o seu cadastro judicial enche cinco páginas.

MICHAEL COLLINS, um dos tripulantes da nave Apoio 11, foi recentemente nomeado secretário de Estado adjunto dos Assuntos Publicos. Coronel da Força Aérea, Collins, tem 39 anos e a sua nomeação parece dever-se ao facto de o presidente Richard Nixon ter ficado impressionado com os conhecimentos do astronauta sobre política internacional

Novo filme de Polanski

ACAPULCO, 4 — (F. P.) — Roman Polanski dará a primeira volta de manivela do seu próximo filme «O dia do delfim» em meados de Janeiro.

O cineasta percorre actualmente a Guiana á procura de novos exteriores, tendo renunciado a filmar na Califórnia.

«DEMIRA» e «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto da Conceição Correia, Rua Alexandre Herculano, 16.

FORÇAS SUL-IEMENITAS MATARAM 50 SOLDADOS DA ARÁBIA SAUDITA

ADEN, 4 — (R.) — Foram mortos ontem, pelo menos, 50 soldados da Arábia Saudita por tropas sul-iemenitas nos mais renhidos combates até agora travados entre os dois lados, á volta do disputado posto fronteiriço de Al Wadeiah, segundo revelou ás primeiras horas de hoje nesta cidade um informador militar.

O informador, que anunciou que a luta continuava ainda na área, disse que as baixas sul-iemenitas foram de três mortos, incluindo um major.

Treze soldados sauditas foram, também, aprisionados durante os combates de ontem, os ultimos de uma série nos ultimos oito dias em Al Wadeiah, a cerca de 640 quilómetros a nordeste de Aden.

Neil Armstrong foi nomeado para um cargo nos Corpos da Paz

WASHINGTON, 4 — (R.) — O astronauta Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar a Lua, foi nomeado a noite passada pelo presidente Nixon para o cargo de presidente do conselho consultivo nacional dos Corpos da Paz dos Estados Unidos.

Contudo, Armstrong continuará como astronauta, segundo acentuou a Casa Branca num comunicado. O cargo no conselho dos Corpos da Paz é para ser desempenhado nas horas vagas.

Um jornalista descreve o «raid» israelita em território libanês

TEL-AVIV, 4 — (F. P.) — Um jornalista israelita, que acompanhou na quarta-feira de manhã o ataque a uma base de guerrilheiros palestinianos na região de Gebel Rash, a oeste do Monte Hermon (linhas de cessar-fogo israelo-libanesas), forneceu na quarta-feira pormenores sobre o desenrolar da operação.

A unidade israelita começou por fazer longa caminhada através de terreno acidentado e arborizado, coberto de rochedos e de pedras. «Foi primeiro — declarou o correspondente — uma operação de limpeza seguida de duelos individuais com os comandos que se refugiaram entre os rochedos.

«Os israelitas — prosseguiu — destruiram totalmente a base, o equipamento e o armamento dos «comandos», que compreendia canhões anticarros, morteiros pesados de 82 e 120 mm, metralhadoras e munições em abundância. A luta durou duas horas. Os guerrilheiros empoleiraram-se sobre rochedos, alguns tão altos como casas, donde disparavam sobre os israelitas á queima-roupa.

Segundo o correspondente, morreram seis palestinianos quando começou o ataque e mais seis na luta que se seguiu. Uma duzia, além disso, ficou certamente ferida com gravidade pela artilharia israelita, que apoiava a operação e que se revelou extremamente precisa no seu tiro. Havia á volta de cinquenta membros dos «comandos» na base e os sobreviventes dispersaram em todas as direcções. Uma secção israelita, que se lançou no seu encalce, matou quatro. O tenente israelita que pereceu no combate, continuou, estando gravemente ferido, a dirigir o ataque contra um grupo de «comandos» que se escondiam atrás dos rochedos e só tombou morto depois dos seus homens haverem conquistado a posição. Os israelitas trouxeram consigo importantes despojos. Tudo o que não pôde ser trazido foi destruido.

MARCHA DO SILÊNCIO ATRAVÉS DE MILÃO

(Continuação da 1.ª página)

Contudo, o Sindicato dos Metalúrgicos, embora espere uma afluência maciça de pessoas para participarem na sua marcha de protesto, parecia determinado a evitar perturbações. Organizou grupos entre os seus membros usando braçadeiras com distintivo, para manterem a ordem e tornarem desnecessária a intervenção da Polícia.

Outros elementos da classe trabalhadora, que se encontram hoje em greve, incluindo empregados bancários e funcionários municipais, poderiam, também, participar na marcha.

Entretanto, prosseguem as negociações, com o ministro do Trabalho, Carlo Donat Cattin, agindo como medianeiro, sobre as condições de um novo contrato nacional de trabalho com os metalúrgicos.

Ao mesmo tempo, a fábrica de automóveis Fiat, em Turim, que afirma que a sua produção foi gravemente afectada pelas greves deste Outono, anunciou que a não ser que a situação melhorasse teria de despedir mais operários na próxima semana.

Despedimentos anteriores de pessoal pela Fiat provocaram a ira entre os sindicatos, classe trabalhadora, partidos esquerdistas e Imprensa. A noite passada, os sindicatos dos metalúrgicos comunicaram que a comunicação da Fiat tinha como objectivo sabotar a luta para se conseguir um novo contrato.

Acrescentaram que as suas comissões executivas «tomariam as decisões necessárias para resistir a esse novo ataque contra a liberdade do direito á greve».

FOI PURAMENTE ACIDENTAL, a presença de um padre numa manifestação a favor do divórcio, que se desenrolou em frente do edifício da Câmara dos Deputados, em Roma, pouco tempo antes da votação da discutida lei, considerada já pelo «Osservatore Romano», órgão do Vaticano, como contrária á Concordata assinada há 40 anos entre a Igreja e o Estado italiano

Mais de 300 mil baixas norte-americanas no Vietnam

SAIGÃO, 4 — (R) — O comando militar norte-americano anunciou hoje que o número de baixas americanas na guerra do Vietnam, incluindo mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros, ultrapassou a marca dos 300 000.

No entanto, na semana passada, o número de americanos mortos em combate desceu para 70.

Durante a guerra da Coreia as baixas foram de 136 528 dos quais 29 550 mortos.

Durante a segunda guerra mundial morreram 325 424 americanos.

A infidelidade conjugal deixou de ser crime

ROMA, 4 — (R.) — A partir de hoje a infidelidade conjugal deixou de ser considerada um crime na Itália.

O Tribunal Constitucional italiano revogou dois artigos do Código Penal que podiam enviar para a cadeia até dois anos a mulher infiel e podiam fazer o mesmo ao marido que mantivesse uma amante em casa.

Estes artigos violavam as garantias constitucionais sobre a igualdade dos cidadãos, principalmente a igualdade entre marido e mulher.

O Tribunal eliminou estes dois artigos porque a lei punia a mulher que simplesmente tivesse relações extra-conjugais ao passo que o marido para incorrer na mesma pena tinha de ter a amante em casa ou de forma a dar nas vistas.

Por este motivo, o marido podia ser impunemente, infiel desde que a sua infidelidade não fosse do conhecimento publico.

Entregou-se o raptor de Cindy

LOS ANGELES, 4 — (R.) — Um branco, de 28 anos, suspeito de raptar Cindy Birdsong, de 30 anos, componente do conjunto negro «The Supremes», entregou-se a noite passada á Polícia, em Las Vegas.

Trata-se de Charles Collier, guarda do bloco de apartamentos donde Cindy foi raptada, anteontem, á noite.

EUA: O agravamento da situação económica provoca inquietação

NOVA YORK, 4 — (F. P.) — Pela primeira vez, em perto de três anos, o índice dos valores industriais da Bolsa de Nova York, a maior bolsa de valores do Mundo, encerrou ontem abaixo de 800. No final da sessão era de 793,36, o que representa uma baixa de 7,99 pontos em relação á véspera e ao seu mais baixo nível desde 4 de Janeiro de 1967.

O mercado financeiro norte-americano tem dado provas de fraqueza desde a Primavera passada, devido ás incertezas que pesam sobre a economia dos E.U.A. e ao atascamento das conversações sobre o Vietnam em Paris.

A fraqueza do mercado nas ultimas semanas — a baixa tem sido práticamente continua desde o fim de Outubro — traduz o agravamento das inquietações dos que aplicam capitais relativamente ás perspectivas da economia norte-americana. Contrariamente ás esperanças que haviam alimentado em Outubro, os meios bolsistas têm agora a certeza de que a Administração e as autoridades monetárias não alterarão as restrições monetárias num futuro próximo. As recentes declarações de vários altos funcionários indicam claramente que a Administração está decidida a prosseguir a sua politica anti-inflacionista enquanto a alta dos preços nos Estados Unidos se mantiver na sua taxa actual de perto de 6 por cento ao ano.

Semelhante decisão faz recear cada vez mais a quem aplica capitais que o abrandamento da actividade económica, já sensivel, não se transforme em recessão no próximo ano. O clima geral é agravado pela ausência de qualquer progresso no caminho de uma solução do conflito vietnamiano, solução que ajudaria a sanar a situação económica.

Alcatraz já não está à venda

SAN FRANCISCO, 4—(R.) — Já não está á venda a ilha de Alcatraz, actualmente ocupada por mais de 200 índios norte-americanos.

Círculos governamentais informaram que a decisão de reter Alcatraz não foi ditada pelas exigências dos índios, que afirmam os seus direitos sobre a ilha, mas sim por que o secretário do Interior, Walter Mickel, pretende mais tempo para estudar possíveis aplicações da ilha. Parece que o Governo vai estudar a adaptação de Alcatraz a parque nacional.

Espera-se que no fim-de-semana, o número de índios que ocupam Alcatraz e vivem nas ruínas da prisão aumente para cerca de mil.

Suprimidos os créditos reservados às experiências atómicas francesas

PARIS, 4 — (F. P.) — O Senado aprovou ontem á noite o orçamento da defesa nacional e, por 164 votos contra 87, uma emenda que suprime os créditos reservados ás experiências atómicas, previstas para o Pacífico, em 1970.

O ministro da Defesa, Michel Debré, fez antes da votação uma exposição dizendo que nunca, de há cem anos a esta parte, tão fraca percentagem das despesas do Estado tinha sido dedicada ás Forças Armadas.

Debré explicou aos senadores que a França não assinara o tratado de desnuclearização por pensar que tal procedimento deve ser acompanhado de uma medida de desarmamento de forças convencionais». Não há desarmamento, afirmou, enquanto as grandes potências não aceitarem reduzir os seus «stocks» de armas. De facto, acrescentou Debré, a arma nuclear é a arma das pequenas potências contra aquelas que dispõem de um grande numero de divisões.

A emenda que suprime os créditos afectados aos lançamentos atómicos previstos para 1970 é, para os senadores que o votaram, um protesto contra a constituição de uma força nacional nuclear.

Em FERREIRA DO ALENTEJO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Lopes.

JOHN LENNON NO PAPEL DE CRISTO?

(Continuação da 1.ª página)

sado na ideia e que estava a estudar a oferta.

A produção, em que a «pop-music» terá grande papel, versará os ultimos seis dias da vida de Jesus Cristo.

Jornais londrinos dizem hoje que John Lennon gostaria que sua mulher, a artista japonesa Yoko Ono, interpretasse o papel de Maria Madalena se ele concordar em desempenhar o de Jesus Cristo.

A peça musical, da autoria de Tim Rice, de 25 anos, e de Andrew Lloyd-Webber, de 21, deverá ser representada na Primavera na Catedral de S. Paulo.

Os autores da peça disseram que a sua escolha de John Lennon para o papel principal estava destinada a transtornar certas pessoas, mas que o escolheram porque o «beatle» é sincero nas suas diligências a favor da paz.

NÃO HÁ SOBREVIVENTES DO DESASTRE DE AVIAÇÃO AO LARGO DE CARACAS

CARACAS, 4 — (R.) — Pereceram todas as 62 pessoas que seguiam a bordo de um Boeing-707 da Air France quando o avião se despenhou a noite passada no Mar das Caraíbas pouco depois de descolar desta capital e explodir no meio de bolas de fogo avermelhado e esverdeado.

As primeiras noticias diziam que se encontravam 70 pessoas a bordo do quadrimotor a jacto, efectuando um voo para Paris, que afocinhou no mar, a oito quilometros ao largo da costa da Venezuela.

Contudo, um informador da Air France comunicou mais tarde que o avião transportava 51 passageiros e 11 tripulantes.

Brigadas de socorro disseram ter encontrado oito cadáveres entre uma mistura de destroços flutuando, ás primeiras horas de hoje, e funcionários afirmaram que não havia esperanças de encontrar sobreviventes.

Um informador da Air France recusou-se a fornecer uma lista dos passageiros, declarando que isso seria feito em Paris.

Funcionários venezuelanos revelaram, porém, que um diplomata checoslovaco, oito franceses, dois espanhóis, um sírio, um jugoslavo e um austriaco se encontravam entre os 19 passageiros que embarcaram nesta capital.

O Boeing iniciara o voo em Santiago do Chile e fez escala em Lima, no Peru, Quito, no Equador, e em Bogotá, na Colômbia, antes de aterrar no aeroporto Maiquetia, nesta capital.

Após descolar de Caracas, deveria fazer escala em Guadalupe e Lisboa, antes de chegar a Paris.

Uma testemunha ocular afirmou que vira um dos motores do avião cair no mar pouco antes do Boeing iniciar o seu mergulho fatal.

As autoridades do aeroporto afirmaram que ninguém a bordo poderia ter sobrevivido ás duas explosões.

Funcionários venezuelanos ordenaram uma investigação imediata acerca da causa do desastre, mas as brigadas de socorro disseram que a escuridão e o mar tempestuoso impediam as operações. A parte principal da fuselagem e as asas do avião afundaram-se e não podiam ser recuperadas antes do nascer do dia.

Brigadas de socorro, auxiliadas por helicópteros e um cruzador da Marinha de Guerra, procederam a buscas durante toda a noite no meio dos destroços flutuando.

O desastre da noite passada foi o terceiro de proporções catastróficas que ocorreu num ano na Venezuela.

Em 12 de Dezembro de 1968, um Boeing-707 da Pan American despenhou-se ao largo da costa de La Guaira, cinco minutos antes de aterrar no aeroporto de Maiquetia, morrendo todas as 82 pessoas que viajavam a bordo. Ignora-se ainda a causa do desastre.

Em 16 de Março deste ano, pereceram 154 pessoas em consequência do pior desastre de aviação civil registado no mundo quando um jacto DC-9 das Linhas Aéreas Venezuelanas se despenhou quando descolava de Maracaíbo.

O bimotor a jacto foi cair sobre uma aldeia de índios no fim da pista, perecendo os seus 85 passageiros e tripulantes e ainda 69 aldeões. Mais 100 pessoas ficaram feridas.

TERMINOU A GREVE DE HOSPEDEIRAS

PARIS, 4 — (R.) — As linhas aéreas francesas voltaram a noite passada á normalidade após uma greve de 24 horas de 2000 hospedeiras e empregados de mesa, irritados com os novos regulamentos acerca da entrega de certificados de segurança.

A greve paralisou anteontem virtualmente as carreiras aéreas internacionais e nacionais.

Casamentos serôdios

COVENTRY, 4 — (R.) — Dois casais, cujas idades combinadas atingiam 351 anos, consorciaram-se ontem numa cerimónia dupla que se realizou nesta cidade.

Bill Lines, de 96 anos, casou-se com a sr.ª Eliza Morton, de 95, e Bill Heath, de 86, casou-se com a sr.ª Margaret Carlow, de 74 anos.

A ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE FRANCÊS EM PORTUGAL

(Continuação da pág. central)

pendentes do aspecto económico. Gostaria que tivessemos material, nomeadamente audiovisual, que pudessemos ceder aos sócios (aliás o IMAVE também nos tem dado uma boa colaboração), gostaria que tivessemos uma revista, possibilidades de oferecer a alguns professores bolsas para irem algum tempo para França, dado que tal é absolutamente indispensável, etc.

Actualmente o numero de sócios da A. P. F. P. de 200. A quota mensal é apenas de 5$00, e a nossa interlocutora, apesar de já considerar para o momento bom aquele numero, espera que ele se eleve em curto prazo. Entretanto, no próximo dia 2 de Dezembro, ás 21 e 30, efectua-se uma nova assembleia geral para debater diversos problemas

— Entende a sr.ª dr.ª que seria util aos professores de outras matérias ou disciplinas tomarem uma iniciativa semelhante á vossa?

— *Eu penso que há necessidade de as pessoas se conhecerem umas ás outras e tentarem resolver em conjunto problemas que não são de um só, mas de todos; e esta parece-me ser a forma mais simples e eficiente de o conseguir. Além do resto, este trabalho em grupo ajuda-nos a assentar ideias e a refazer um esquema que por vezes quase se dissocia do real, ficando com uma visão global dos problemas. Por isso, entendo que a iniciativa pode ser do maior interesse para os professores de outras matérias ou disciplinas, e gostaria até que constituisse um incentivo para todos.*

Mesa-redonda no Instituto de Estudos Sociais

Hoje, pelas 18 e 30, realiza-se no Instituto de Estudos Sociais, integrada na «Quinzena de Novos Alunos» uma mesa-redonda subordinada ao tema: «Posição do intelectual na vida portuguesa» Tomarão parte: o director do Instituto, dr. Neto de Carvalho (técnico superior de Administração), e os professores do Instituto: Mário Murteira (economista), Cardoso dos Santos (engenheiro), Ernesto Moniz (médico do trabalho), assim como o diplomado pelo I. E. S. Alberto Camacho, e a estudante do 1.º ano Thea Sequerra

Necrologia

FALECIMENTOS

Alvaro Jerónimo Martins

Faleceu hoje de manhã, na sua residência, Avenida de Madrid, 29, 1.º, direito, o sr. Álvaro Jerónimo Martins, de 63 anos, técnico de contas, natural de Loulé.

O extinto gozava da maior consideração e apreço devido á sua rectidão de carácter, á firmeza de convicções e competência profissional, pelo que a notícia da sua morte causa a maior consternação.

Deixa viuva a sr.ª D. Maria dos Anjos Carrilho Martins e era pai da sr.ª D. Maria de Lourdes Carrilho Martins de Medeiros Tavares, casada com o jornalista António Valdemar, e da sr.ª D. Maria Angélica Carrilho Martins Ribeiro, casada com o sr. engenheiro Alexandre de Jesus Ribeiro, ausentes em Angola, irmão do sr Joaquim Damasceno Martins, casado com a sr.ª D. Maria de Jesus Martins, e do sr. José de Barros Martins, casado com a sr.ª D. Isabel da Silva Martins.

O funeral efectua-se amanhã, ás 12 e 30, da casa mortuária da igreja de S. João de Brito para jazigo, no cemitério da Ajuda.

D. Maria José Lopes Campas

Faleceu a sr.ª D. Maria José Lopes Campas, viuva, de 79 anos, natural de Vila Real de Santo António. Era mãe das sr.as D. Maria Cristina Lopes Campas, D. Maria Antonieta Lopes Campas e D. Idália Lopes Campas, e do sr. Orlando Lopes Campas, do quadro tipográfico do nosso prezado colega «Diário Popular», casado com a sr.ª D. Maria Antónia Campas.

O funeral realiza-se amanhã, ás 10 horas, para o cemitério de Benfica

LAND-ROVER

VENDE-SE

Pode ser examinado na Rua da Junqueira, 112, Lisboa, nos dias 5 e 6, das 9 ás 12 horas.

Recebem-se propostas em envelope fechado e lacrado, dirigidas ao chefe da 5.ª Secção da Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas, Praça de Londres, 10.º andar, Lisboa 1.

Cortina — J. Mendes Coelho, Lda. — Escort

R. Alexandre Herculano, 6-A

Ford

†

JÚLIO CUNHA

FALECEU

VALENTIM DE CARVALHO C. I., S. A. R. L., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu director e muito querido amigo sr. Júlio Cunha e que o seu funeral se realiza hoje, às 16 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério de Benfica.

†

JÚLIO CUNHA

FALECEU

OS EMPREGADOS DO DEPARTAMENTO DE DISCOS DE VALENTIM DE CARVALHO C. I, S. A. R. L., participam o falecimento do seu muito querido director e grande amigo sr. Júlio Cunha e que o seu funeral se realiza hoje, às 16 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério de Benfica.

†

JÚLIO CUNHA

FALECEU

OS EMPREGADOS DE VALENTIM DE CARVALHO C. I., S. A. R. L., participam o falecimento do seu director e grande amigo sr. Júlio Cunha e que o seu funeral se realiza hoje, às 16 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério de Benfica.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

O Jogo da Vida: «O REVOLUCIONÁRIO»

A série «O Jogo da Vida», que um recente inquérito efectuado na Inglaterra revelou estar ali no primeiro plano de popularidade, prossegue a sua carreira entre nós. A figura simpática do jornalista justiceiro prende o interesse geral.

No episódio a apresentar esta noite, pelas 22 e 5, e intitulado «O Revolucionário», a principal figura é Gene Barry, que contracena com Harry Guardino, Simon Oakland e a conhecida Vera Miles. Neste filme de hora e meia relatam-se as vicissitudes por que passa, no êxito, o presidente de uma república da América Latina.

«O Jogo da Vida» exige por vezes uma fuga, nem sempre coroada de êxito...

TOTOBOLA

A próxima jornada do Totobola volta a ser muito difícil, com a ausência dos jogos da I Divisão de futebol.

Cerca das 20 e 15, Artur Agostinho dá uma ajuda elucidando sobre o valor, mais ou menos real, das equipas em despique.

Pippi parece estar em perigo, em mais uma das suas trepidantes aventuras

GAROTA ENDIABRADA: «O NAUFRÁGIO»

Pelas 19 e 45 os jovens telespectadores terão a companhia traquinas de Pippi Langstrumpf, heroína da série «Garota endiabrada», cujo episódio de hoje tem o título «O Naufrágio».

«Anica, Tommy e Pippi, na ausência dos pais daqueles, sonham com as aventuras passadas com náufragos que vão dar a uma ilha deserta. E para Pippi, nada mais fácil: de um velho barco afundado, faz um barco novinho em folha e vão todos dar um passeio. São surpreendidos por um furacão, naufragam e vão dar a uma ilha deserta. Então...»

II PROGRAMA ZIP-ZIP

A partir das 22 horas, o programa regional, transmitido pelo emissor de UHF, é totalmente preenchido pela repetição do Zip-Zip» que o 1.º Programa apresentou no dia 3 do mês passado.

Como se sabe «Zip-Zip» é produzido por Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia e tem realização de Luís Andrade.

CONCERTO

Pelas 20 e 30, a R. T. P. apresenta um concerto da série «Musica do nosso tempo». Jorge Peixinho interpreta ao piano a sua obra «Harmónicos».

A apresentação está a cargo de Luis Filipe Pires.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 — kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 1.º episódio do folhetim «O Herói da Caridade» (Vida de S. João de Deus), por Odette de Saint-Maurice; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: O acordeonista «Filipe de Brito»; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «O Matrimónio Secreto» (Cimarosa); 18: Musica do século XX; 18 e 53: Sonata a Tre op 4 n.º 1 (Vitali); 19: Crítica literária, pelo dr. João Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore português — Musica da Ilha Terceira e de Santa Maria (Açores), recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental — Abertura «Fedra» (Massenet) — Orquestra da ópera cómica de Paris, dirigida por Albert Wolff; 20 e 30: Concerto pelo grupo vocal feminino Harmonia, sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner, preenchido com canções populares de vários países; 20 e 49: A cravista Edith Picht-Axenfeld — Fantasia e Fuga em dó menor (Bach); 21: Musica de Câmara; 21 e 30: Panorama da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pela harpista Clotilde Rosa, preenchido com obras de mestres espanhóis dos séculos XVI, XVII e XVIII; 22 e 20: Poemas sinfónicos.

2.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — As 23: Musica de teclo — A Pantomina (Couperin) por Claude Helffer — Estudos Sinfónicos op. 3 (Schumann), por Nikita Magaloff, 23 e 30: Festivais da Páscoa em Salzburgo de 1969, (num programa cedido pelo Instituto Alemão) — 3.º acto do drama musical «Siegfried» (Ricardo Wagner) Orquestra Filarmónica de Berlim, sob a direcção de Herbert von Karajan; 1: Fecho.

Rádio Universidade — 401 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e a Nação; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Tallismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20: Programa para todos»; 20 e 10: Norte dia o dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22: Noticiário; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Ecos de Espanha; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados por Teresa Tarouca; 21 e 45: Orquestras da Europa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

POSTA-RESTANTE

F. J. — Coimbra — Qual a razão por que não se exibem os filmes de Cantinflas na TV? Porque Cantinflas não o permitiu, até agora. Só no mês passado a TV americana exibiu pela primeira vez uma película de Cantinflas — «O Gendarme Desconhecido». Foi um êxito estrondoso. Pois, Mário Moreno «Cantinflas» tão conhecido e admirado em Portugal acaba de fazer um chorudo negócio. A Companhia Posa Filmes, de sua propriedade, vendeu os direitos de exibição para TV de dez filmes, dos mais antigos, pela bela quantia de 800 000 dólares (mais de dois mil contos). Entre eles contam-se «Nem sangue, nem Arena», «O Barbeiro Atómico», «O Deputado», etc. Não sabemos quando chegarão á Europa.

R. F. J. — Lisboa — A série «The girl from Uncle» que o 2.º Programa exibiu durante algum tempo, era interpretada por Noel Harrison e Stefanie Powers. Talvez goste de saber que Noel Harrison é o filho do grande actor britânico Rex Harrison. Além de actor contratado pela rádio, empresa para a qual interpretou alguns filmes, Noel é um bom cançonetista e a atestá-lo está a canção «The Windmills of your Mind», que gravou e conquistou, rápidamente, o primeiro lugar no «Hit Parade», na América. Presentemente, filma em Londres «Take a girl Like You».

E. F. M. — Lisboa — Pedro Osório gravou um programa «Estudio» com Carlos Portugal. Pela 1.ª vez Pedro Osório dirigiu, na TV, uma orquestra de onze elementos. Este programa é transmitido antes do Natal, mais propriamente no dia 20, pelas 22 e 30.

R. S. — Lisboa — Ainda não sabemos qual o programa que, a partir de Janeiro, substituirá, ás 2.as feiras, o «Zip-Zip».

A. S. P. — Lisboa — Antoine é esperado na RTP no dia 15 ou 16 deste mês. No passado dia 1, recebeu o 1.º prémio da O. R. T. F. como o melhor cançonetista do ano.

PROGRAMA DE HOJE

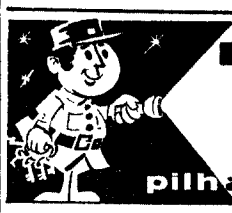
I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série juvenil; 20 e 15: Totobola; 20 e 30: Concerto; 20 e 55: Convergência; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Série de aventuras; 23 e 50: Marcha do Mundo; 0 e 5: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Zip Zip; 0 h: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Aproveitamento Hidroeléctrico no Continente; 20 e 55: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Cinema sem Estrelas; 22 e 30: «Departamento S»; 23 e 30: Marcha do Mundo; e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «A importancia de se chamar Ernesto»; 23 e 50: Fecho.


TUDOR
pilhas para iluminação

canal da crítica

QUEM TEM MEDO DA CRÍTICA?

Aqui, nesta página, nesta mesma página onde diàriamente se faz a crítica de televisão á semelhança do que se pratica nos quotidianos europeus nossos conhecidos, aqui, nesta mesma página, proporcionou-se a Goulart Nogueira que se explicasse não sei a que propósito, quanto a não sei que espécie de «desentendimento» terá sido visto não sei por quem, nem quando, entre Nogueira e «os críticos».

O entrevistado nada opinou quanto a tal «desentendimento». Mas aproveitou a deixa para se sangrar em vida. Que certos críticos *«funcionam com ódio e sistemático espírito de destruição»* e que ele não seria *«a única vítima, mas seria das maiores»*.

Os próprios leitores do «Diário de Lisboa» ficam a partir de agora avisados por Goulart Nogueira: se o crítico de televisão do «Diário de Lisboa» disser mal do trabalho dele, Goulart Nogueira, é tudo por maldade, por verrina, por ódio. Os leitores do «Diário de Lisboa» ficam avisados e vacinados a partir de agora: o crítico de televisão do «Diário de Lisboa» é dos tais que trabalham apenas por sistemático espírito de destrudção. O que ele pretende, o malvado, é destruir esse benemérito de cultura popular e da divulgação artística que se chama Goulart Nogueira.

De maneira que, em relação á «Noite de Teatro» ontem transmitida pela televisão, o crítico terá de dizer bem do trabalho de Goulart Nogueira. Caso contrário, cairá sobre ele uma vez mais, o labéu de malvado, destruidor, de máquina que funciona a ódios pesados.

Ou então, o crítico podia calar-se. Às vezes, o silêncio é o melhor. É melhor ás vezes o silêncio quando não podem escrever-se as palavras que traduzam fielmente o pensamento.

Mas o crítico ainda não foi desta vez que escolheu o silêncio, que o preferiu ás palavras possíveis.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO ATÉ 31 MARÇO 70

DISSE UMA PERSONAGEM: «OH, MEU DEUS, FOGE-ME A RAZÃO!» E TINHA RAZÃO

«O abade de Espinho, um dos mais ricos da diocese de

(Continua na página seguinte)

LUSOLANDA NSU
CARROS USADOS
«CAMPANHA DO NATAL»
GRANDE EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 23 HORAS DE 2 A 5 DE DEZEMBRO
APROVEITE A EXCEPCIONAL OPORTUNIDADE DURANTE ESTA QUADRA
PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA
AV. DA REPÚBLICA, 84-C — Tel. 778073 — LISBOA

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito.

Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

150.000$00 — 230.000$00
175.000$00 — 250.000$00
180.000$00 — 255 000$00
185.000$00 — 265.000$00
190.000$00 — 305.000$00
195.000$00 — 325.000$00
200.000$00 — 350.000$00
215.000$00 — 470.000$00
225.000$00 — 600.000$00

PREÇOS DOS ANDARES

4	assoalh.	300.000$00
5	»	380.000$00
6	»	440.000$00
9	»	750.000$00
12	»	880.000$00

LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA-AMADORA — CENTRO DA AMADORA — VENDA NOVA-AMADORA (Junto à Garagem Eduardo Jorge) — PAÇO DE ARCOS (Espargal) — PAREDE (Rua do Lobito, à Quinta do Junqueiro) — LISBOA e CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM MAGNÍFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO, EM PAÇO DE ARCOS

Facilita-se parte do pagamento

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO:

Lisboa — Pr. Marquês de Pombal, 15-1.º; Reboleira — Rua D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garage Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (na retaguarda do Hotel Baía).

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Azulejos nacionais e estrangeiros — **Plásticos** para revestimentos de paredes e tectos Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, flores e apetrechos para jardins, encontra V. Ex.ª nos mais baixos preços, nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 — Tels. 45843 e 47843 QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22; AMADORA-REBOLEIRA, Tel. 933670

A nossa organização vende mais barato e com mais garantias porque é a única do país devidamente apetrechada na indústria e comércio do ramo

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador) — Esq. R. da Prata
Telefone 32 77 23 — LISBOA

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:
TECIDOS PARA DECORAÇÕES
ESTOFOS ★ ALCATIFAS E CARPETES

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

Viseu, pecara na mocidade. Coisa rara, senão singular, em abades».

Assim principia uma novela (novela mesmo lhe chamou Camilo) que não é, nem de longe, das obras mais acabadas do grande escritor. Digamos mesmo que se trata de uma obra menor, daquelas que não fazem a glória de ninguém e muito menos a de quem a criou. «*Escrevo romances — e que remédio senão escrevê-los sempre?*» queixava-se o artista. O artista precisava de viver, de comer, de se tratar (*«se houver alguns cobres em caixa, manda-mos, que tenho consumido 1500$000 rs. em papas de linhaça...»*) Precisava de viver, precisava de sobreviver. Que remédio senão deitar mão aos retratos das Ricardinas...

Acontece, porém, que estamos em presença de uma novela movimentadíssima, cheia de lances variados e dispersos por lugares e pelo tempo. A ausência de unidade, a vastidão dos pormenores, a cavalgada dos sucessos, não davam ao livro nenhumas possibilidades de representação teatral. Por isso aguardávamos com interesse a ponta por onde ia Goulart Nogueira pegar numa coisa onde não havia ponta por onde se lhe pegasse...

O folhanço de Nogueira foi-se. *O Retrato de Ricardina* não é teatro de palco porque as cortantes mutações da cena o não consentem; nem é teatro de televisão porque todo ele está organizado segundo as exigências do palco e não segundo as exigências de uma câmara.

Se alguma semelhança lhe podemos achar é com o teatro radiofónico. Podíamos fechar os olhos e seguiríamos tudo fielmente, nem a muleta do narrador falhou. O televisor estava ali abusivamente. A adaptação de Goulart Nogueira será excelente para cegos. Para telespectadores, nunca.

Durante toda a emissão, quase nada aconteceu de subito ou seja: teatralmente. Sim, bem: o teatro admite a convenção do relato, o recurso á memória, mas em ultima instancia. Ontem, e mais uma vez, os ultimos foram os primeiros. Quase nada foi vivido, quase tudo foi contado, despejado, dito de cor e salteado. O telespectador, obrigado a seguir os acontecimentos pelas palavras e não por obras, chegou ao fim derreado. Ao menos — se isso lhe serve de lenitivo — poupou os olhos.

A marcha fatigante foi ainda prejudicada pela linguagem o mais anti-oral, o mais antiteatral que se possa imaginar. As personagens não falavam: escreviam com a boca. Ninguém pode, por exemplo, imaginar uma pessoa a falar assim: «*Deus há-de protcger-te, porém*». Ou assim: «*O meu casaco mostrava as coçadas costuras*». Ou ainda: «*A brasileira simpatizou muito com Ricardina e esta com aquela*».

Estes exemplos podiam multiplicar-se. Comprovam a incapacidade de Goulart Nogueira para transformar a linguagem que nasceu para ser lida em linguagem que tem de ser falada. Cada modalidade artística possui a sua própria maneira de ser e não pode apoderar-se doutra modalidade imitando-a, mas assimilando-a. Quem não entende isto não pode abalançar-se á tarefa de transformar uma novela em teatro — e muito especialmente em teatro de televisão, onde ainda tão reduzida é a experiência nossa.

Como teatro televisivo, a peça de ontem representou um enorme passo á retaguarda. Andámos muitos anos para trás. Tantos que nem me recordo.

Como processo, pois, tornou-se profundamente deseducativo. Não se exigem aventuras experimentalistas de teatro televisivo — mas exige-se esforço no sentido de libertar o nosso publico do tradicionalismo teatral — o que será, ainda, uma forma de o enriquecer e de aumentar o seu amor pelo teatro.

Quanto aos actores... Bem, esses não podem beneficiar sempre de um piedoso silêncio. Claro que se torna quase sempre muito difícil determinar onde a culpa pertenceu ao actor ou á direcção dos actores. Não vimos nós, há dias, no «Panorama do Teatro Português», a trabalhar razoávelmente actores que geralmente vão mal na Televisão?

Ontem, nenhum actor fez trabalho meritório. E não falemos no seu esforço, na sua vontade de acertar, etc. O argumento passa-culpa começa a tornar-se ridículo.

Joaquim Rosa foi de uma cruel principiância na figura do abade. Acumularam-se, na sua desnecessária truculência, os vícios do amador inconsciente. Ivone de Moura não sabe estar, não sabe falar, não sabe o que está a viver. Daí que tudo quanto fez lhe saiu sem nenhum poder de convencimento. Maria José Esteves é actriz? Augusto de Figueiredo: que pena ouvi-lo a engrolar (tão mal...) o palreio que lhe foi entregue... Parecia envergonhado, e tinha razão para isso. Octávio Borges, chamado a um papel principal, não possui as mínimas condições para determinado tipo de actor. Os defeitos de dicção tornam dolorosa a sua presença em cena. Se se quisesse tratar pelo método de Demóstenes, não havia seixos no Tejo que bastassem.

Aqui chegado, o crítico não pode deixar de interrogar-se sobre as razões que levaram Goulart Nogueira a escolher esta novela de Camilo para teatralizar. Serão, decerto, razões do seu foro íntimo sobre as quais não será talvez lícito conjecturar. Não venha, no entanto, com o choradinho de homenagear Camilo. Porque, se vamos a isso, Camilo teria muito de que se queixar. Goulart Nogueira tem por certo muita sorte em Camilo não pertencer ao numero dos vivos. Mesmo assim, sabe-se lá! Com Camilo tudo é possível.

MARIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

De acordo com a artigo 26.º da Lei Estatutária convoca a Direcção a Assembleia Geral Extraordinária para 16 do corrente, ás 20 e 30, com a seguinte

ORDEM DA NOITE

1.º Alteração dos Estatutos em vigor;

2.º Proposta da expulsão de um associado.

A DIRECÇÃO

†

ARTUR PENIM GOMES VILLAR

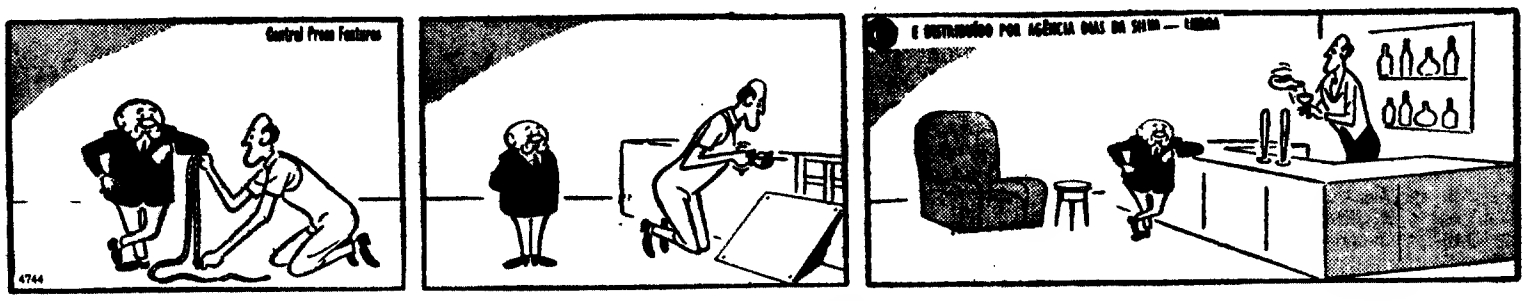
MISSA DO 30.º DIA

Laura da Conceição Lopes Villar, Maria da Saúde Villar de Sousa, seu marido Alberto de Sousa, Maria da Saúde Villar de Sousa Macedo Moreira, seu marido António José Macedo Moreira, António Maria Villar de Sousa, Armando Penim Gomes Villar e sua mulher Felícia Gonçalves Villar, filho, nora e netos, Irene Penim Villar Gomes, filho, nora e netos participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que, será rezada missa sufragando a alma do seu saudoso marido, pai, sogro, avô, irmão e tio, na Igreja da Misericórdia de Cascais, no dia 5 de Dezembro, sexta-feira, pelas 12 e 30 horas, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

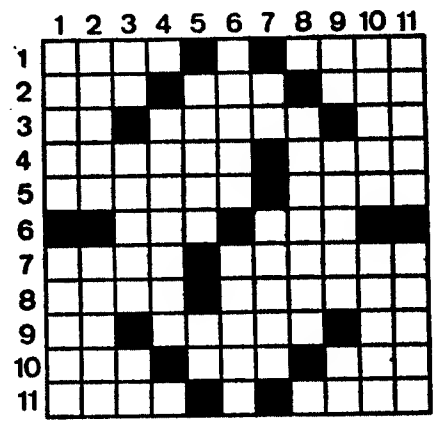
PROBLEMA N.º 5377

HORIZONTAIS: 1 — Lodo. Vender a crédito. 2 — Medida de superfície. Solução coloidal com aspecto de geleia. Reze. 3 — Futil. Penhor. Quinhentos e um em romano. 4 — Retesai. Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço. 5 — Liquidou contas. Leito. 6 — Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Pronome relativo. 7 — Nota musical. Antigas embarcações de um ou dois mastros. 8 — Causa amuo a. Limpava meitais. 9 — Preposição. Sela pequena e rasa. Caminhar. 10 — Nome de mulher. Pronome pessoal. Pega. 11 — Foi para fora. Aquele que.

VERTICAIS: 1 — Limpas com água. Margens de um rio. 2 — Guarnece de arames. Aprazível. 3 — Pronome pessoal. Grito. Nesse lugar. 4 — Queimadas. 5 — Sementes de cereais. Preposição. 6 — Ofendem (Flig.). Soltar balidos. 7 — Pêlo de certos animais. Moeda espanhola de prata. 8 — Tiirarem. 9 — Satélite de Júpiter. Pisa. Ouro (e. q.). 10 — Queima. Notifique. 11 — Bruma. Curam.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5376

HORIZONTAIS: 1 — Onda. O. Fera. 2 — Coa. Ala. Mit. 3 — Ua. Croma. Mu. 4 — Carrega. 5 — Acama. Matar. 6 — Ira. Sra. 7 — Leiira. Italo. 8 — Latados. 9 — Ge. SABER. AC. 10 — Ata. Srs. MÃO. 11 — Riagu. Peru.

VERTICAIS: 1 — OCUPA. LUGAR. 2 — Noa. Cie. Eta. 3 — Dá. Caril. Ag. 4 — Camaras. 5 — Arrã. Atas. 6 — Olar. Abro. 7 — Amem. Ides. 8 — Agastar. 9 — Em. Atrás. Ne. 10 — Rim. Aal. Aar. 11 — Atuar. Orçou.

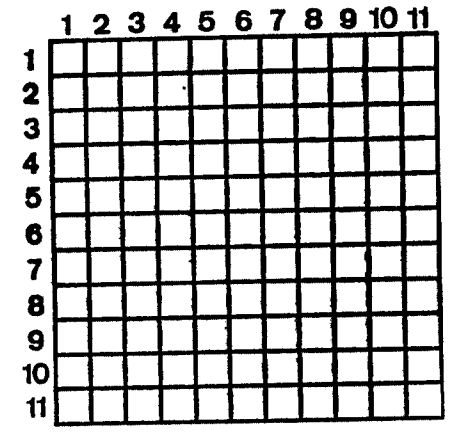
PROVÉRBIO: O saber não ocupa lugar.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9220

HORIZONTAIS: 1 — Célebre poeta e músico grego que segundo a lenda foi salvo da morte por golfinhos encantados ao som da sua lira. Da Turquia. 2 — Padeço. Dão mios. 3 — Ave pernalta. Nome de mulher. Pega. 4 — O lado do vento. Verme pertencente ao grupo dos aceios. Pronome pessoal. 5 — Animal da classe dos aracnídeos. Ave trepadora. 6 — Acrescentar. Batráquio anuro semelhante á rã. 7 — Rio da Suiça. O mesmo que três. 8 — Artigo indefinido. Cesto tecido de esparto, onde se deita a azeitona para espremer. Criança. 9 — Troças. Esteiro. Oásis. 10 — Relata. Ócio. 11 — Tostem. Içara.

VERTICAIS: 1 — Chama em socorro. Gruta. 2 — Rejuvenesce. Dás mios. 3 — Ilha do estado da Baía. Cidade da Jugoslávia. Senhores. 4 — O sono das crianças. Cantigas. Nota musical. 5 — Acudiram. 6 — Passai. Segundo. 7 — Espalhava. 8 — Artigo indefinido. Riezara. O mais. 9 — Braço de mar. Género de crustáceos. Nome de letra. 10 — Apelido. Vender a crédito. 11 — Jesuíta português que tendo ido para o Japão, ali foi provincial no século XVIII. Marcação do gado com ferro em brasa.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9219

HORIZONTAIS: 1 — Calas. Caçar. 2 — Mauri. Atora. 3 — Mamarrosa. 4 — Revetai. 5 — As. Ara. Au. 6 — Selam. Salmo. 7 — Rio. Mãe. 8 — Lacre. Partir. 9 — Amila. Rixa. 10 — Mit. Cro. Ras. 11 — Alojo. Presa.

VERTICAIS: 1 — CM. Nas. Lamas. 2 — Aam. Serramil. 3 — Luar. Lioito. 4 — Amie. Aora. 5 — Siavam. Co. 6 — Rer. Cr. 7 — Carlos. Op. 8 — Atoa. Amar. 9 — Cosi. Lamire. 10 — Ara. Ameixas. 11 — Rã. Suo. Rasa.

EXT. PASSOS MANUEL
Barato, noct. 1.º e 2.º c., Ingl., Alem. profs. liceu
R. Passos Manuel, 36, 1.º (aos Anjos)
T. 66 67 17

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Dezembro de 1939 publicava:

«**ESTOCOLMO — Há na Suécia grandes apreensões sobre a possibilidade de ser atacada. Foi reforçada com grandes efectivos a guarnição da ilha de Gottland, junto à costa sueca**».

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

GRUPO I — CONCURSOS TRIMESTRAIS E SEMESTRAIS PARA FORNECIMENTO DE: alhos, azeite, bananas, batata, bolacha, broas de milho, café, carapau ou sardinha, cebola, chá, carne de porco e outras, colorau, concentrado de tomate, conservas de peixe, criação (consultas n.ºs 144, e 153), hortaliças, farinha flor de milho, legumes secos, margarina, marmelada, massas alimentícias, merceanias diversas, óleo de mendobi, ovos, pão integral, pão ralado, produtos de salsicharia, sal, sêmola de milho, vinhos e vinagres (consultas n.ºs 137 e 154).

Até às 17.30 horas do dia 16 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para os fornecimentos em referência.

Lisboa, em 2 de Dezembro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
A casa que melhor trabalha
ANIBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

COMBOIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que por motivo dos trabalhos de renovação da via, o comboio dos sábados com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 14-17 horas, a efectuar nos dias 29 de Novembro, 6, 13 e 27 de Dezembro de 1969, só tem ligação em Porto (Campanhã) para as estações e apeadeiros entre esta estação e as de Braga e Marco

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Lá vai a selecção que tem muito que contar...

Até pode acontecer que a selecção nacional consiga em Londres, no próximo dia 10, aquilo a que se possa chamar «um bom resultado». E pode acontecer porque *esta coisa* do futebol é de tal modo imprevisível que já é uma surpresa quando se está muito tempo sem surpresas. Enfim, às vezes sucede...

Em boa verdade, não temos feito nada para que o regresso da selecção de Portugal a Londres dê aos adeptos ingleses a mais pálida imagem da equipa que ali, há três anos, conquistou um excelente 3.º lugar na mais importante competição do futebol.

Verdade se diga que tem havido azares em série.

Primeiro, houve o azar de se demitir o presidente da Federação — logo na infância do seu mandato — e, de então para cá, não ser considerado necessário preencher a vaga. A Federação marchou alegremente, sem presidente, entendendo-se a situação como normal. É um novo sistema, uma inédita réplica aos regimes presidencialistas.

Enfim, não havia presidente, mas havia um coordenador-geral da selecção. Mas, mais tarde, o coordenador foi suspenso por seis meses e a selecção ficou ainda mais descoordenada.

Depois houve aquele azar de S. João da Madeira, a ninharia de uma substituição desatenta, o protesto, o Conselho Técnico, a «birrinha» do Benfica contra a Federação via selecção, proibindo Otto Glória de continuar ligado à F. P. F. e negando o estádio da Luz para o Portugal-Suíça de ruim memória. Isto, quer queiram quer não, pesou muito. Foi outro azar.

Em cima de tudo isto, a famosa «crise» de Eusébio, o quase exclusivo marcador de golos, a galinha dos ovos de oiro que interrompeu a postura.

De azar em azar, tivemos o azar de ficar na última posição do Grupo de apuramento para o Mundial do México — por acaso um Grupo dos mais fraquinhos.

Logo a seguir, o treinador Juca, que substituiu Otto Glória, deixou o cargo. Decorreu o tempo sem que se tratasse da substituição e, à última hora, foi chamado José Maria Pedroto, cuja categoria de técnico não está em causa, mas que se vê perante o embaraço de preparar numa semana uma equipa que ainda nem se sabe qual é.

Entretanto, os azares continuam. É um nunca acabar de jogadores magoados e incapacitados para este jogo de Wembley: Eusébio, Simões, Hilário, Torres, Humberto Coelho, Pedras, etc.

E houve ainda, com toda a evidência, um azar fundamental: o de se ter perdido o «espírito de equipa»; o entusiasmo pela selecção, a ambição suprema de se ser escolhido para o grupo dos melhores. A selecção desacreditou-se, perante os adeptos e os próprios jogadores. É preciso recomeçar.

E, enfim, confiemos em que, para contrapartida de tantos azares, a equipa portuguesa tenha um bom bocado de sorte no jogo de próxima quarta-feira. Nunca lhe foi tão necessária.

M. Z.

COSTA PEREIRA

DEIXOU DE ORIENTAR A EQUIPA DA C. U. F.

• CARLOS SILVA DEVE SER O NOVO TREINADOR

Já há algum tempo que escutos rumores deixavam antever um ambiente pouco propício a um trabalho prof,cuo e eficiente. Os maus resultados verificados no decurso do presente campeonato e a incómoda posição da equipa da Cuf nos últimos lugares da tabela deram algumas vezes origm á ideia de que Costa Pereira poderia deixar a orientação técnica da equipa fabril.

Só ontem, porém, os dirigentes e o técnico cufista decidiram a rescisão do contrato que ligava Costa Pereira á equipa da C. U. F. A desvinculação fez-se em termos da maior compreensão até porque as condições de saude de Costa Pereira não são as melhores para o esforço que vai ser exigido á equipa «fabril» no propósito de a fazer sair da incómoda posição em que caiu.

Ao que julgamos saber, o substituto de Costa Pereira será Carlos Silva, que tem orientado os juniores do Belenenses.

Demitiu-se o treinador do Lusitano de Évora

Em virtude dos sucessivos insucessos da equipa, que se encontra no último lugar da classificação da Zona Sul (2.ª Divisão), acaba de se demitir do seu cargo o treinador do Lusitano Ginásio Clube, Alberto Cunha.

A equipa passa a ser orientada pelo seu futebolista Mitó.

Apenas dez presenças no treino do «onze» nacional

Alguns dos convocados pelo dr. José Maria Antunes para o encontro do próximo dia 10 contra a Inglaterra compareceram ontem no Estádio Nacional, para uma sessão de treino dirigida pelo técnico José Maria Pedroto.

Apenas dez seleccionados se entregaram á preparação física que o treinador ministrou seguindo-se um treino breve individual e por sectores. Foram as seguintes as presenças assinaladas:

José Henrique, Pedro Gomes, Conceição, Caló, José Carlos, Tomé, Guerreiro, Jacinto João, Cardoso e Jaime Graça.

Toni e Rolando, embora presentes não treinaram, por indicação do dr. Silva Rocha, enquanto José Maria, já no estágio, ficou retido no hotel devido a forte ataque gripal.

Dos dezasseis seleccionados faltaram portanto Carriço, por doença, Damas, impedido de comparecer devido ás suas obrigações militares e Manuel António só ontem, de manhã, avisado pelos serviços da Federação.

A selecção treina-se esta tarde, no Jamor, contra o Barreirense.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Torneio Aberto de Setubal (seniores) no pavilhão do Naval Setubalense: Vitória-Atlético, ás 20; e Naval Setubalense-Centro Extra-Escolar, ás 21.

BASQUETEBOL — Sorteio da fase de apuramento do Campeonato Metropolitano, na Federação, ás 21 e 30.

BILHAR — Taça Alaberne (pentatlo), na Associação Lisbonense dos Amadores de Lisboa, ás 21.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Tirsense - B.-Mar	1
Olhanense - Sanjoan.	1
U. Coimbra - Sintrense	1
Sesimbra - Torriense	X
Celta - Corunha	1
Maiorca - R. Madrid	2
At. Madrid - At. Bilbau	1
Saragoça - Barcelona	X
Sabadel - Las Palmas	1
Fiorentina - Inter	X
Lanerossi - Roma	X
Palermo - Sampdória	X
Verona - Bari	1

O relvado de Wembley mais pesado que nunca

WEMBLEY (Inglaterra), 4 — (A. N. I.) — Caso se mantenham as actuais condições meteorológicas, o novo relvado do Estádio de Wembley estará extremamente pesado quando do encontro Inglaterra-Portugal, no dia 10.

A relva ficou muito prejudicada pelo encontro de futebol universitário de ontem, o primeiro ali realizado.

E o secretário da Associação Inglesa de Futebol, Denis Follows, declarou:

«*O relvado está muito pesado. Mas estamos num período de chuva e de frio, o relvado é novo e não é ainda a altura de criticarmos o que se fez*».

O «capitão» da equipa da Universidade de Oxford, David Walker, que jogou pela quarta vez em Wembley, foi mais incisivo:

«*Não há duvida de que foi o mais esgotante dos jogos que já disputei neste estádio. E' preciso um esforço constante e depressa se fica extenuado.*

«*Examinámos o campo, horas antes do jogo, e decidimos usar «pitons» grandes. Mesmo assim escorregávamos e dificilmente nos mantínhamos de pé*».

Quanto ao treinador de Cambridge, disse poucas palavras, mas resumiu a situação:

«*E' o terreno mais pesado de que me lembro, em Wembley*».

O jogo Oxford-Cambridge terminou com um empate, 1-1.

Juniores
PORTUGAL-SUÍÇA AMANHÃ NO ESTÁDIO DAS ANTAS

Realiza-se amanhã, no Estádio das Antas, o primeiro dos dois jogos Portugal-Suíça para futebolistas juniores. As duas equipas voltarão a defrontar-se no próximo domingo, no Estádio do Restelo.

No jogo de amanhã, a selecção portuguesa deve apresentar os seguintes jogadores: Silva Morais (Benfica); Fernando (Benfica), Cardoso (Vitória), Laranjeira (Sporting) e Lino (Sporting); Telha (Académica) e Duarte (F. C. Porto); Armando Vieira (Benfica) ou Freixo (Académica), Correia Dias (F. C. Porto), «Nando» Machado (Sporting) e João Cardoso (Sacavenense).

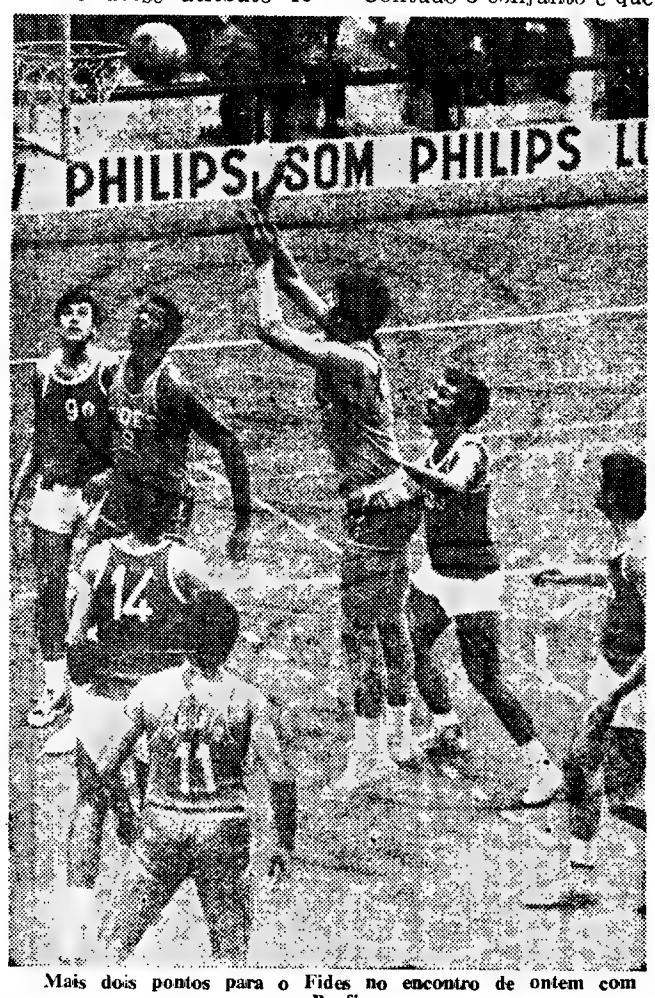
DURANTE O CORRENTE MÊS DE DEZEMBRO
PODERÁ ADQUIRIR
EM CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS
TODOS OS APARELHOS FUNCIONANDO A
GÁS DA COMPANHIA
"O COMBUSTÍVEL DE LISBOA"

NAS CASAS DA ESPECIALIDADE
QUE OSTENTEM ESTE CARTAZ

BASQUETEBOL — TAÇA DAS TAÇAS

O Benfica eliminado pelo Fides de Nápoles (102-54)

ar, sem dúvida, esta equipa italiana do Fides, que ontem jogou e venceu o Benfica por 102-54 no encontro a contar para a Taça dos Vencedores das Taças. Assim a classificamos não pelo jogo que efectuou, pois a réplica do Benfica foi tão débil que nem permitiu o movimento necessário á espectaculosidade, mas sim pela sobriedade e eficiência patenteadas por todos os seus elementos, que alardeando uma força física notável só á base desse atributo fo-



Mais dois pontos para o Fides no encontro de ontem com o Benfica

ram desgastando os rapazes do Benfica a pouco e pouco, sem ser necessário empregarem qualquer táctica.

Williams e Aiken, os dois «gigantes» norte-americanos, são dois «fora de série», a sua simplicidade de processos impressiona, pois apesar de possuirem a categoria que se lhes reconhece, a sua preocupação dominante é sempre dar a bola jogável aos companheiros sem procurarem brilhar individualmente. Uma lição, sem duvida, para a maioria dos jogadores portugueses. Os restantes elementos impressionaram sobretudo pela elevada estatura se bem que técnicamente sejam também evoluídos.

Contudo o conjunto é que agradou sobremaneira. Apesar de possuirem vedetas das «autênticas» demonstraram que o basquetebol é para se jogar entre todos. Escusado será dizer que a enorme diferença no conceito internacional do nosso ao resto do mundo e neste caso aos transalpinos, ficou mais que demonstrado.

Sinceramente não continuemos a procurar a evolução do basquetebol desta maneira, teimando em entrar em competições do género frente a equipas desta envergadura, porque com isso só fazem com que o ridículo caia sobre os nossos jogadores. Um aceno de simpatia em relação á actuação do Benfica que, apesar de tudo, efectuou um bom jogo como ultimamente não lhes temos visto.

A dupla de arbitragem esteve certa, confirmando Alberto Costa mais uma vez ser o melhor árbitro português.

Sob a arbitragem de Angel Sanchez Barcia (Espanha) e Alberto Costa (Portugal) as equipas alinharam:

Benfica — J. Alberto (10), Julio Campos (16), Simões (6), Abel (8), Ramos (12), Armindo e Martins (2).

Fides — Aiken (26), Bufalini (14), Williams (14), D'Aquilla (14), Abbate (4), Cohen (2), Fucile (8), Errico-Ani (14) e Vincenzo (6).

Z.

O F. C. Porto informa

A direcção do F. C. Porto voltou a reunir-se com os representantes dos órgãos de Informação, aos quais deu conta de alguns aspectos e problemas da vida do clube. O presidente da direcção, Afonso Pinto de Magalhães, começou por se referir ao futebol.

● A direcção do F. C. Porto está plenamente confiante na acção do departamento de futebol e no trabalho do técnico Elek Schwartz, o único responsável pelo comportamento da equipa. Quanto aos convites recebidos da Hungria e Áustria não se vislumbram hipóteses de serem aceites. Motivo: o interesse numa melhor classificação no campeonato, que impõe as maiores cautelas.

● Entretanto, o presidente Afonso Pinto de Magalhães informou, também, que, no próximo sábado, visitam as obras do pavilhão gimnodesportivo das Antas o subsecretário de Estado da Juventude e Desportos e o director-geral dos Desportos.

● Foi, também, divulgado quais os atletas das modalidades amadoras galardoados com o «Troféu Pinga»: *andebol* — Manuel Augusto Teles Coelho; *atletismo* — António Rebelo Ascensão; *basquetebol* — Manuel Araújo Silva; *hóquei em campo* — Carlos Amaral; *hóquei em patins* — Cristiano; *ténis de mesa* — Sílvio Pessanha; *voleibol* — Eduardo Monterroso; *badminton* — Alberto Machado.

● Foram, ainda, informados os jornalistas de que o F. C. Porto renovou contrato com o treinador de ciclismo, o francês Hubert Niel, continuando Otakar a cuidar da condição física dos ciclistas portuenses.

BELLINI EM VEZ DE OTTO

RIO DE JANEIRO, 4 — (F. P.) — O presidente do Vasco da Gama, João Silva, telefonará novamente, hoje, para Lisboa, a fim de apressar a resposta de Otto Glória, mas os dirigentes de futebol do Vasco da Gama já decidiram que se ele vier, ocupará o cargo de supervisor, pois Tim será escolhido para técnico da equipa.

Caso Otto Glória não consiga romper o seu contrato com o Benfica, com o qual está comprometido até Junho do ano que vem, Hideraldo Luis Bellini — campeão mundial — será convidado para assumir a supervisão do departamento de futebol Quanto ao preparador físico da equipa, as preferências recaiem sobre Paulo Balthar.

::::::

Entretanto o Benfica não parece disposto a aceitar a rescisão do contrato com Otto Glória. Ao que jugamos saber o presidente benfiquista, dr. Borges Coutinho, terá mesmo proposto ao treinador brasileiro a renovação do compromisso que o vincula ao Benfica por um período de três anos.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

foreign drinks

GIN
GORDON

COGNACS
COURVOISIER
BISQUIT

LICORES
DRAMBUIE
CHERRY HEERING
TIA MARIA

ARMAGNACS
CHATEAU DE MALLIAC

WHISKIES
WHITE HORSE
LOGAN'S
HIGHLAND QUEEN
GRAND 15
MARTIN'S 20 ANOS
BALLANTINE
BALLANTINE 12 E 17 ANOS
ANTIQUARY
CANADIAN CLUB
I. W. HARPER BOURBON
JOHN JAMESON

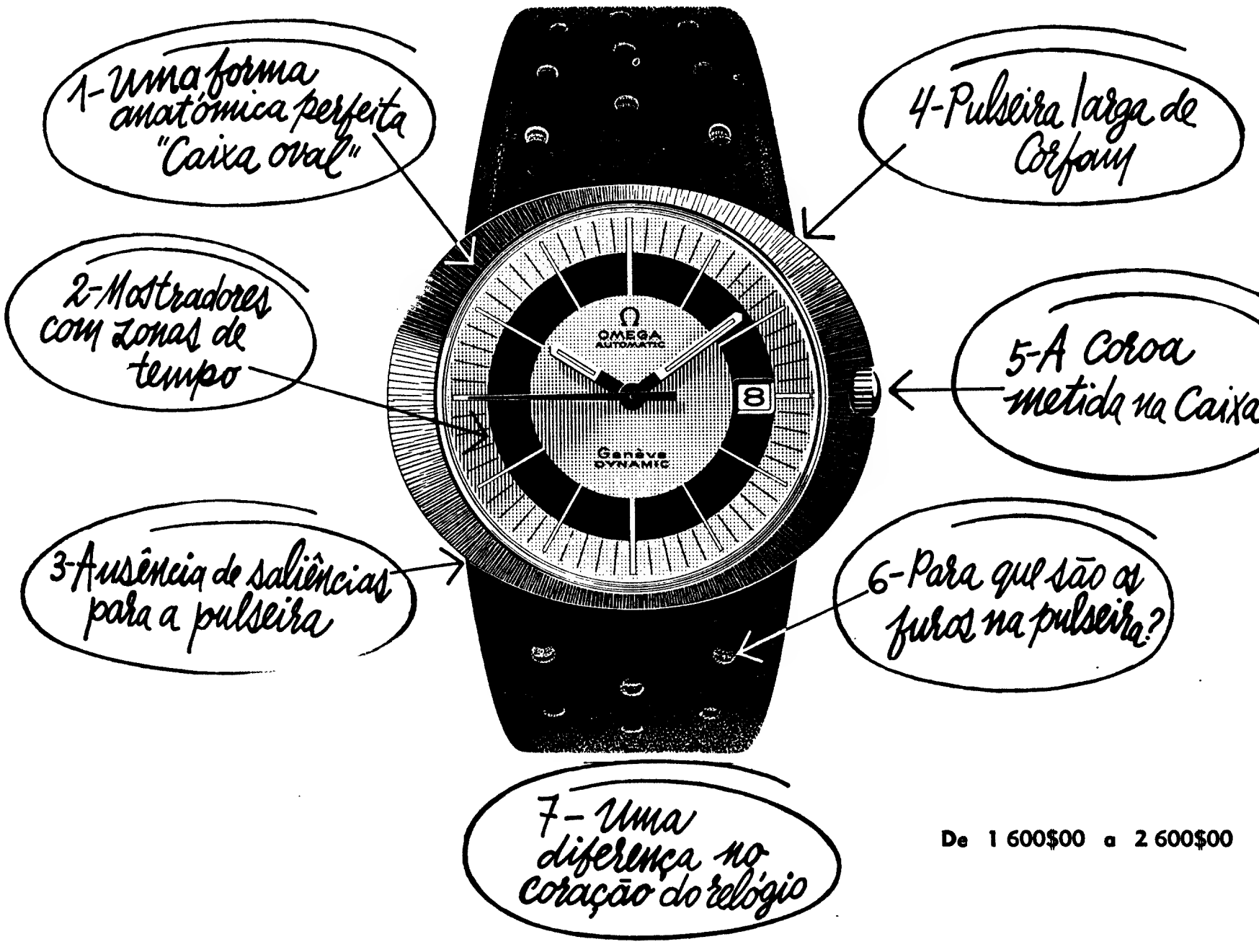
CHAMPAGNES
HEIDSIECK MONOPOLE
MUMM CORDON ROUGE
MUMM CORDON VERT
PERRIER JOUET

VINHOS DE MESA
FRANCESES
J. CALVET
(BORDEUS E BORGONHA)
JACOBERT
(ALSACIA)
ALEMÃES
ANHEUSER & FEHRS
(RENO E MOSELA)
ESPANHOIS
CIA. VINICOLA DEL NORTE DE ESPAÑA

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73, Lisboa
Telefones - 320031/2/3/4
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420, Porto
Tel. 26562-32228-35221-37222

O Omega Dynamic diferencia-se de todos os relógios por 7 formas diferentes

Quereis vê-las?



De 1 600$00 a 2 600$00

1-Uma forma anatómica perfeita
De forma oval, a caixa evita, assim, o pequeno osso piramidal do pulso e, por isso, o relógio não "flutua".

2-Uma descoberta: as zonas de tempo
O mostrador, dividido em zonas concêntricas, permite uma leitura até ao quinto do segundo. Há mostradores em que cada zona tem uma cor diferente.

3-Ausência de saliências para a pulseira
A forma oval da caixa do Omega Dynamic não é prejudicada por coisa alguma, porque não tem as pontas para segurar a pulseira.

4-Para quê, uma pulseira tão larga?
A pulseira é de Corfam, uma matéria nova com o aspecto do coiro, perfeitamente insensível à água e praticamente indestrutível.

5-A coroa metida na caixa
A coroa do Dynamic está recolhida, perfeitamente protegida e não prejudica a linha do relógio.

6-Para que são os furos na pulseira?
Os 30 furos existentes na pulseira Omega Dynamic têm uma razão de ser. Impedem o vosso pulso de transpirar.

7-Uma diferença no coração do relógio
No Dynamic está hermeticamente selado um movimento automático. Por outras palavras; para dar corda ao Dynamic basta... trazê-lo. O menor movimento do vosso pulso transforma-se em energia e, mesmo que se tire do pulso o Dynamic trabalha com as suas reservas durante 48 horas.
Todos os Omega Dynamic desafiam a pressão da água até 30 metros de profundidade.
O calendário (se se desejar) é automático: a data muda todos os dias à meia noite.
A pulseira existe em 14 cores e pode mudar-se fàcilmente para estar de acordo com o vosso fato ou com o vosso desejo.

Ω OMEGA

OMEGA TEM A CONFIANÇA DO MUNDO

Cada Omega é acompanhado de um certificado de garantia

Algumas Agências Oficiais em Lisboa

Joalharia AUREA
Rua do Ouro, 89

Ourivesaria da ESTEFÂNIA
Rua Pascoal de Melo, 150-D

Ourivesaria IMPÉRIO
Av. Almirante Reis, 102-C

Ourivesaria LEANDRO
Rua Francisco Metrass, 61

Relojoaria MAURY
Rua do Ouro, 202

Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

Ourivesaria NOGUEIRA & SOUSA
Rua Braamcamp, 74

Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 257

Relojoaria SUIÇA
Rua do Ouro, 252

TORRES Joalheiros
Rua do Ouro, 255

ASSISTÊNCIA TÉCNICA:
Praça da Figueira, 4-1.º

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — COMO ROUBAR O MUNDO — POLITEAMA

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA
UM GRANDIOSO FILME DE AUDACIOSAS AVENTURAS
COMO ROUBAR O MUNDO
com Robert Vaughn («Mr. Solo») e David McCallum («Illya Kpryakin»)
ACÇÃO!... PERIGO!... MISTÉRIO!... «SUSPENSE»
(Metrocolor)

HOJE, ÀS 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel. 54153/4
As 15.15 18 15 e 21.30
2.ª SEMANA
5 grande realizadores italianos dizem o que pensam sobre a mulher
A MAGIA DA MULHER
com Silvana Mangano, Clint Eastwood, Totó e Alberto Sordi

AVIS

(Adultos) Tel. 47163
Às 21.45
Um «western» com a categoria dos grandes clássicos!
JOHN, O BASTARDO
EASTMANCOLOR
com John Richardson e Martine Beswich

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
ORFEU NEGRO
HISTÓRIA DE UM ASSALTO

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30 horas
O MOTIM
com
Jim Brown e Gene Hackman

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 15.15. 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O extraordinário filme russo premiado no Festival de Cannes
O 41.º
Uma mulher prisioneira do seu próprio prisioneiro

ALVALADE

(Adultos Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
O extraordinário filme russo premiado no Festival de Cannes
O 41.º
Uma mulher prisioneira do seu próprio prisioneiro

CONDES

(Adultos Tel. 522523-326710
As 15 15 18 15 e 21.30
ISADORA
com Vanessa Redgrave
É sublime imagem lírica onde a arte e o amor se confundem..
Grande Prémio de Cannes 1969 (versão integral)

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15 18.15 e 21.45
2.ª SEMANA DE EXITO!
Vanessa Redgrave vive intensamente a figura da bailarina mais disputada do Mundo!
ISADORA
O filme mais importante do ano!
TECHNICOLOR
Metro: Estação Picoas

IMPERIAL

(Adultos) Tel 45933
As 21 horas
PÃO, AMOR E FANTASIA
ROUBARAM A GIOCONDA

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Para o público que só gosta do melhor!
William Holden — Ernest Borgnine — Robert Ryan em
A QUADRILHA SELVAGEM

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
O HOMEM DE KIEV
com Alan Bates e Dick Bogarde

ODEON

(M. 12 anos) Tel 326283
2.º MÊS!... 5.ª SEMANA!
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com MILU e CALVARIO
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por HERMINIA
Canções de JOAO NOBRE
Eastmancolor

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Color
Jean Paul Belmondo num filme de Robert Enrico
O GRANDE AJUSTE DE CONTAS (HO!)
com Joanna Shimkus e Sidney Chaplin

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
Elizabeth Taylor, Robert Mitchum e Mia Farrow
Num extraordinário e inquietante filme
CERIMONIA SECRETA
Uma obra-prima em technicolor de Joseph Losey
R. Bulhão Pato (à Av Roma)

MONUMENTAL

(Adultos) Tel 555131
Às 15.15 e 21.30
QUE RICO PAR...
com Rock Hudson e Claudia Cardinale
QUINZENA DE CINEMA AMERICANO
Hoje — Adultos — 18.30 h.
UMA POLTRONA PARA TRÊS, de Jerry Lewis
c/ Jerry Lewis e Janet Leigh

QUINZENA DE CINEMA AMERICANO
AMANHÃ — Adultos — 18.30 h.
O PRESIDIÁRIO, de Stuart Rosenberg
com Paul Newman e George Kennedy

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel 779095
As 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Uma obra de rara linguagem cinematográfica
ISTO ACONTECEU
com Sabine Sinjen e Bruno Dietrich

EUROPA

(M. 6 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
MARK LESTER (o intérprete de «OLIVER») em
LIVRE COMO O VENTO
um filme para crianças, de rara beleza, que também é o encanto dos adultos!

LIDO

Praça D João I — AMADORA
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h.
Uma comédia que faz rir o mais sisudo!
QUEM ROUBOU A COROA?
c/ Michael Crawford e Oliver Reed

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
ÀS 21.45 H.
3.ª SEMANA
A obra-prima de Pietro Germi
DIVÓRCIO A ITALIANA
com Marcello Mastroiani

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 21.30
O MAIOR ESPIÃO DA HISTÓRIA
com Christopher Plummer

TIVOLI

(M . anos) Tel 50595
Às 3 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
3. SEMANA
FRANK SINATRA
num policial de grande categoria
O DETECTIVE
com Lee Remick

CHIADO TERRASSE

(M 17 anos) Às 15 e 21 h.
RAPARIGAS MODERNAS
O PROCESSO QUILER

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (12 anos)

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Ena já fala» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A dança da morte» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Esperteza saloia» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 22: «Oração a dois Verdugos» (17 anos).
VILLARET—Às 21 e 45: «Valpone» (17 anos)

CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «Emboscada na sombra» (12 anos).
OLIMPIA — Às 14 e 19: «O mistério da ilha maldita» (12 anos)
ARCO IRIS — Às 15 e às 21: «O homem da aventura» (12 anos)
CINEARTE—Às 5 e às 21: «2001 odisseia no espaço» (12 anos)
IDEAL — Às 15 e às 21: Currito de la Cruz (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Carne da minha carne (17 anos)
PARIS — Às 21: «Homens desesperados» (17 anos)
ORIENTE — Às 21: «Este difícil amor» (17 anos)
UNIVERSAL — Às 21 h.: «Um estranho em casa» (17 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «A fronteira do medo» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «A semente do diabo» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Um império na selva» (12 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 2 : «Operação paraíso» e «O Bolero de Raquel» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 2 e 30: «O maior espião do Mundo» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Bandoleiro negro» (12 anos)

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «A morte do dragão» e «Roma .. era assim» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «100 armas ao sol» e «Marilyn» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 2 e 30: «Barbarella» (12 anos)
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «A estrada da vida» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Repulsa» (17 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno F

AJUDA — Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318)
ALCANTARA — Probidade, R. Alcântara, 15-B (638589)
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário 74 (866360)
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513)
AREEIRO — Central do Areeiro, Av Paris, 2 e 2-A (720820) ✲ Belo, Avenida de Roma, 53 A (776314)
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 04 (841912)
ALVALADE — Alentejo, Av Igreja, 28-B (712682) ✲ Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ✲ Estados Unidos, Av Estados Unidos da América, 6-B (725859)
ARROIOS—Aliança, Av Almirante Reis, 45-B-C (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica, Rua das Pretas, 12-14 (322588)
AVENIDAS NOVAS — Cardoto, Lda., Av Visconde Valmor, 28-A-B-C (772291) ✲ Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 - 55 (43938) ✲ Latina, Av António Augusto de Aguiar, 17-A (42312)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 41 (731216)
BAIXA — Internacional, Rua do Ouro, 228 (322017-30203)
BELÉM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Pedrouços) (610741)
BENFICA — Marques, Est de Benfica, 648 (700096) ✲ Vitex, Est Benfica, 373-B (780548) ✲ São João — Estrada da Luz, 124-A (Tel 780548)
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726) ✲ Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206)
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ Rualto, Lda., R. do Alto do Carvalhão, 5-A, 5-B (651721)
CAMPO GRANDE — Santa Marta, Avenida 5 de Outubro, 283-A (763016)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CONDE DE REDONDO — Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048)
ESTRELA — Aurélio Rego, Calç da Estrela, 139 (66758)
GRAÇA — Progressiva, R. de St Marinha, 18 (863619) ✲ Alves de Carvalho, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125)
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 290 (661003)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros R. Lumiar, 122-124 (790332)
MARQUES DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C, 8, lote 300 (311091) ✲ Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C — Olivais Norte (315539)
PALHAVÃ — Curie, Av Madame Curie, 5-A (778439)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R. Conde de Monsaraz 7-B (842533)
PICHELEIRA — Marluz, Calç da Picheleira, 40-B-C (720703 e 728395)
PRINCIPE REAL — Oliveira, Rua D Pedro V 123-125 (327880)
REGO — Prates & Mata, R. da Beneficência 91 (773728)
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua Filinto Elísio 29-A-B (637070)
S. BENTO — Valentim, R. do Poço dos Negros, 88-90 (679453)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grilé, R. do Grilo, 25
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (2511234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av Comb G Guerra, 166 (213953)
CAXIAS — Nova, Rua Benardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (2432034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Griacho, Av da República, 87-A (2471204)
ESTORIL — São João — São João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — Suíça — Cruzeiro (Tel. 260087)
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G Guerra, 40 (Tel. 280170). Nova — Est de Alvide — Fontainhas (Tel 281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D João I, Lote 46, Bairro Janeiro (Telef 932756) ✲ Central Av Cardoso Lopes, 25 (932210) ✲ Igreja, P. da Igreja, lote 2 (Tel. 937740) ✲ Jardim, Av Conde de Oeiras, loja X-1, Reboleira (Tel 938424).
DAMAIA — Confiança, Est Militar, lote D (971023)
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 e 51-A (el 950123)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins, 285 (2910012)
S PEDRO DE SINTRA — Valentim 980456)
SINTRA — Misericórdia — L. Dr. Gregório de Almeida, 4 (Tel. 980391)
COLARES — Colares Areia (Tel. 295088)

● Outra banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234 00
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis 30 (224020).
ALMADA — Saleno, Rua Capitão Leitão, 85 (2760565
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional 74 (224302).
BARREIRO — Higiénica, Rua D. Manuel I, 78 (2273017)
COVA DA PIEDADE — Império — Rua Cabo da Boa Esperança, 3-A (Tel 274356
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — Higiene, Rua José Joaquim Marques, 42 (230370).
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (229028
SETUBAL — Soromenho — P. Machado Santos (Tel 2269), Alice — P. do Quebedo (Tel 23743).
SEIXAL — Godinho — L. do Igreja, 5 (Tel 8580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla idem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural) 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo). 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

CHURRASCO
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telef. 323059

CAFÉ REALMENTE INCONFUNDÍVEL
DOÇARIA CASEIRA — UMA PEGA 10$00
UM RIBATEJO 15$00 — UM SUPER 20$00
NO BAR RIBATEJO
Praça do Areeiro, 11-D
Telef. 72 82 96 — Lisboa

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

Restaurante QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 — TELEF 790211
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
JANTARES DANÇANTES
COM O CONJUNTO PRIVATIVO
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO ● Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras) ● (Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 03 71-8-9 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1963
Lisboa 2 — Portugal

Um consórcio internacional vai construir hotéis no nosso País

LONDRES, 4 — (U. N. S.) — Os «Trust Houses Group», proprietários do Hotel D. Filipa, no Algarve, são sócios num consórcio internacional neste momento formado que hoje anunciou em Londres um projecto para desenvolver uma cadeia de hotéis europeus num valor de 35 milhões de libras esterlinas.

O programa de desenvolvimento inclui Portugal como um dos países onde os novos hotéis, cada um de 100-300 quartos, serão abertos.

O projecto representa um esforço mútuo entre «Trust Houses», a maior organização inglesa de hotéis, «Travelodge Internacional Inc.», o segundo grupo de hotéis dos Estados Unidos, e «Travelodge Australia», a principal sociedade de hotéis na Austrália.

A participação de «Travelodge International Inc.» e «Travelodge Australia, Ltd.» no consórcio é, em ambos os casos, sujeita a aprovação contínua necessária dos Governos respectivos para a remessa de fundos.

As três sociedades formaram um consórcio com um capital inicial de 500 mil libras esterlinas, cada sócio possuidor de um terço. O objecto inicial é de ter 7500 quartos nos próximos dez anos, com hotéis na Alemanha, França, Suíça, Itália, Países do Benelux, Escandinávia, Espanha e Áustria e também Portugal.

Sob o acordo entre os sócios, o consórcio terá a exclusividade do nome «Travelodge» na Europa e do sistema «Travelodge» de reservas por computador na Europa.

De vez em quando

A serra da Estrela vai ter o seu teleférico, justificado sonho de muitos anos. Igual sonho tem Sintra e pode muito bem ser que seja esta a altura própria de satisfazer o seu anseio. Digo isto porque, nos últimos tempos, ando de olhos esbugalhados com a série de iniciativas de quem parece agora acordar para a realidade. Tem sido um louvar a Deus: previdência aos rurais, regulamentação da indústria hoteleira, criação de condições para se construirem auto-estradas, formação de empresas de economia mista e por aí fora. Dizem que não há fome que não dê em fartura, mas será conveniente ter em atenção o estado de fraqueza de certos estômagos.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco ou moderado do quadrante oeste e caía chuvisco ou chuva em alguns locais para norte do rio Tejo.
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 17°; mínima: Penhas da Saúde, 1°.
TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 10°; Faro, 12°; Funchal, 16°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 5°; Portalegre, 7°; e Porto, 18°.
TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 14°,2; na água do mar: 14°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado, vento fraco ou moderado do quadrante noroeste. Períodos de chuva ou chuvisco.

Amanhã:
Nascer ás 08 e 39
Ocaso ás 18 e 15

Dia 9 Dia 16 Dia 23 Dia 31

MARÉS:
PREIA-MAR. Dia 4 — 12 (3,4 m). Dia 5 — 0 e 33 (3,4 m); 13 (3,5 m). Dia 6 — 1 e 35 (3,6 m); 13 e 54 (3,7 m).
BAIXA-MAR: Dia 4 — 5 e 30 (1,7 m); 18 e 10 (1,5 m). Dia 5 — 6 e 38 (1,5 m); 19 (1,3 m). Dia 6 — 7 e 26 (1,4 m); 19 e 50 (1,2 m).

AMEAÇOU O PRESIDENTE

S. FRANCISCO, 4 — (R.) — O dirigente dos «Panteras Negras», David Hilliard, foi preso pela Polícia Federal, acusado de ameaçar a vida do presidente Nixon.

Num discurso Hilliard declarou que «... mataremos o presidente Nixon e qualquer outro (obscenidade) que se meta no caminho da liberdade ...»

Revelações sobre a Mafia

NOVA YORK, 4. — (A. N. I.) — Hank Messick, autor de cinco livros sobre crime organizado, declara que a Mafia é um grupo semi-autónomo, de baixo nível, de um sindicato nacional que usa os «mafiosi» para executarem o seu «trabalho sujo».

Ao depôr perante a comissão legislativa conjunta para o crime, do Estado de Nova York, Messick, que pertence ao corpo redactorial do diário «Miami Beach Sun», afirmou que o crime organizado nos Estados Unidos é geralmente controlado por pessoas que não pertencem á Mafia, como Meyer Lansky, da Florida. Disse haver estreitas relações do crime com a Polícia e, nalguns casos, também com a Imprensa.

«Os «mafiosi» gastam grande parte do seu tempo a eliminarem-se uns aos outros» — afirmou. «Precisam de quem lhes dê instruções e os dirija nos grandes golpes. Se o crime organizado estivesse confiado á Mafia, não seria o problema que é hoje.»

Messick, que já trabalhou em diversos jornais, afirma que os maiores órgãos da Imprensa têm relações com os dirigentes da Mafia. Afirma ainda que um dos principais jornais do país tem como proprietário um antigo traficante de álcool do tempo da lei seca, que depois se dedicou aos negócios honrados.

E lembrou também que nunca chegou a ser publicado um artigo acerca de Lansky, que escreveu para uma revista muito importante.

REUNIÃO NA ONU SOBRE A QUEIXA DO SENEGAL

NAÇÕES UNIDAS (Nova YORK), 4 — (R.) — O Conselho de Segurança da ONU reunir-se-á em sessão hoje, ás 20 horas, TMG, para apreciar a queixa do Senegal de que forças da África portuguesa atacaram aquele país.

A comunicação da data da sessão foi feita anteontem á noite a seguir a consultas efectuadas pelo presidente do Conselho, o embaixador de Zâmbia, Vernon Nwaanga.

QUEIXA DA GUINÉ

NAÇÕES UNIDAS, 4 — (A. N. I.) — A Guiné decidiu apresentar queixa contra Portugal por causa do bombardeamento de duas aldeias pela Aviação portuguesa. Esta queixa será anexada á do Senegal na reunião do Conselho de Segurança prevista para hoje á tarde.

Ainda não apareceu a mãe do bebé abandonado

Na Casa Maternal da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa ainda não apareceu a mãe do bebé do sexo feminino que foi encontrado no patamar do prédio n.º 41, da Avenida Miguel Bombarda.

Um desenho por 2 mil contos

LONDRES, 4 — (A. N. I.) — Um pequeno desenho de Rembrandt a tinta foi hoje vendido por 30 mil libras (2 mil contos) num leilão da Sotheby em Londres.

ALTA SOCIEDADE NO BAZAR

Senhoras da alta sociedade portuguesa e estrangeira, acotovelavam-se hoje no Pavilhão E da Feira das Industrias, á Rua da Cordoaria, em Lisboa, para adquirir os objectos expostos no bazar a favor da Home International e da Cruz Vermelha Portuguesa. Às 10 da manhã já se havia formado uma enorme «bicha». Mas só ao meio-dia se abriram as portas para dar passagem a uma multidão que «assaltou» os «stands». Quase todas as Embaixadas creditadas em Portugal montaram os seus «stands», onde vendiam objectos representativos dos seus países. Como se pode ver na gravura, as elegantes vieram ajoujadas com o peso das suas compras

CAFÉ PURO

em família, à mesa do Natal

CAFÉ PURO!
EM FAMÍLIA
REUNIDO À MESA DO NATAL!
MOÍDO E PREPARADO NA ALTURA,
BEM QUENTE NA CHÁVENA,
CONFORTÁVEL
E AROMÁTICO,
TORNA MAIS ÍNTIMO
O AMBIENTE AFECTIVO,
ALEGRE DA CONSOADA.

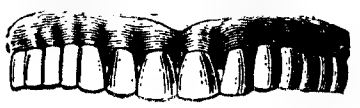
CAFÉ PURO

beba café puro! exclusivamente!

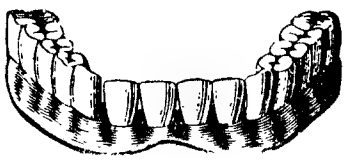
PROMO-C - 69 31

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 591/4 DE DEZEMBRO DE 1969



HUMOR PORTUGUÊS



PÁGINAS CENTRAIS

EMPENHAMENTO
ou alistamento do escritor?

por António José Saraiva

A CÉLEBRE EXPRESSÃO francesa escritor «engagè» pode traduzir-se de maneiras diferentes A origem da palavra é como se sabe o substantivo «gage», que significa «penhor». «S'engager» contém, por isso, a ideia de «empenhar-se», ficar em dívida. Mas «s'engager» significa também «alistar-se» por exemplo num bando ou num exército.

Ora «empenhar-se» e «alistar-se» correspondem, em português, a atitudes bem diferentes

Empenhar-se alguém nalguma coisa, em sentido psicológico, é assumir uma responsabilidade pessoal que não tem limites enquanto a cousa por que a gente se empenha não estiver realizada. Um empenhamento não é um compromisso escrito, delimitado e definitivo, tomado uma vez por todas. Não é uma entrega, é um constante recomeçar, uma atenção, uma autovigilância de todos os momentos.

Pelo contrário, um alistamento é a transferência da responsabilidade para o corpo ou colectividade a que a gente aderiu. É uma alienação ou despersonalização da responsabilidade. E na medida em que a gente transfere a responsabilidade não se empenha, desempenha-se. Pagou o que deve á sua consciencia, e pronto.

O fundador da ordem dos Jesuitas enunciou o principio seguinte: se a Igreja disser que uma coisa é branca e tu vires que ela é preta, deves dizer e crer que ela é branca.

Este é o principio do alistamento: não ter que decidir se a coisa é branca ou preta. A decisão compete ao corpo em que a gente se alistou.

Isto implica servidões Tem acontecido que os alistados depois de terem dito e crido que uma coisa é branca tenham de passar a dizer e a crer que a mesma coisa é preta; e ás vezes até que depois de terem dito e crido, sucessivamente que a mesma coisa é branca e é preta, tenham de voltar a dizer que ela é branca e não preta. O mesmo herói é exaltado, exautorado, reabilitado e novamente exautorado e o alistado aplaude sempre. Isto é incómodo, mas o alistado fica colocado perante uma alternativa: ou aceitar a opinião do grupo contra a sua própria evidência, ou romper com o alistamento. Ora não só este rompimento é psicológica e socialmente difícil, como a razão do alistamento foi justamente alcançar a vantagem de não ter que decidir pessoalmente. Com a submissão á verdade do grupo o indivíduo paga a tranquilidade espiritual, tranquilidade às vezes tão completa que se parece antes com a morte. Depois da adolescência, ser um «cadáver adiado que procria» é a ambição secreta de muitas pessoas, porque assumir a vida é difícil.

Soljenitsyne: «Ninguém conseguirá barrar o caminho à verdade»

A transferência para o grupo da responsabilidade da verdade tem a sua justificação teórica. A verdade é «objectiva», impõe-se de fora para dentro. Sujeitá-la às nossas opções pessoais é um erro chamado «subjectivismo».

Para aquele que *se empenha*, pelo contrário, não existe esta separação metafísica entre «objectivo» e «subjectivo». Para ele a verdade exige uma adesão subjectiva, uma adesão íntima e pessoal. Essa adesão dá-se justamente porque a realidade «objectiva» se impõe subjectivamente como uma evidência. Quando uma pretensa realidade «objectiva» não suscita a nossa adesão «subjectiva», quando ela não se torna para nós evidente, é porque a sua «objectividade» é contestável. Para o *empenhado* o objectivo e o subjectivo são correlativos (como aliás sucede na ciência); para o *alistado*, pelo contrário, o «objectivo» tem uma existência em si, independentemente de ele ser ou não uma evidência para nós. Este principio permite a cada um aceitar a verdade do grupo sem ter que decidir de si para si se ela é ou não verdadeira. Quando por acaso o alistado se sente em desacordo com aquela verdade, interpreta (e interpretam-lhe) isso como um desvio de «subjectividade» E o conflito resolve-se mediante a chamada «autocrítica», que não consiste (como o significado da expressão o faria supor) em a pessoa fazer dentro de si própria o exame das suas convicções, mas em abjurar publicamente, perante o grupo, os seus desvios pessoais em relação á ortodoxia colectiva. Deste modo ele aceita a «verdade» tem ter que a assumir pessoalmente. Por estar alistado, ficou dispensado de se empenhar.

Mas em que consiste a responsabilidade pessoal do empenhamento? Perante quem o *empenhado* é responsável da verdade por que se empenha? Para o *alistado*, o problema da responsabilidade é simples: ele é responsável perante o grupo, como vimos. Mas precisamente o empenhado não abdica da escolha, não descansa no grupo, não transfere para ele a sua responsabilidade. Perante quem responde então?

Outrora existiram expressões que designavam esse mais além da pessoa perante o qual cada um podia sentir-se responsável através de si mesmo. Ser-se fiel a si próprio tinha um sentido que ultrapassava as fronteiras do indivíduo. Um homem que recusava as conveniências sociais e que morria pela sua verdade podia dizer que o fazia por fidelidade a «Deus» ou pela liberdade da sua «alma». Ele era responsável por si, perante si, mas esse Si era mais do que Ele. Outros declaravam que estavam dispostos a morrer pela Verdade, outros ainda, que só prestavam contas á sua Consciência.

A mentalidade burguesa, quantitativa e «cientifica», fez cair estas palavras no desuso ou no ridículo. Dizer alguém que só se sente responsável perante a sua Consciência é hoje uma figura de retórica. Exemplo, a meditar de como a «cientifização» da linguagem acarreta a amputação de uma sua dimensão fundamental: não temos hoje palavra que exprima o que Pascal quis dizer quando escreveu «L'homme passe l'homme». Se alguém sacrifica comodidades e a própria vida para ser fiel a si próprio é porque está disposto a sacrificar um si próprio (o indivíduo mensurável, passível de análises anatómicas, psiquiátricas, económicas, sociológicas, estatísticas, etc.) a outro si próprio que o transcende.

Seja qual for o nome que se lhe der, é perante este si próprio, imanente e transcendente ao mesmo tempo, este si próprio que é a negação do vulgar individualismo burguês e do não menos vulgar colectivismo dito «socialista», que o homem *empenhado* se sente responsável. Ninguém o disse talvez melhor que o grande escritor soviético Alexandre Soljenitsyne (nascido em 1918), ao declarar em 4 de Novembro do ano corrente perante a assembleia de burocratas, fardados de escritores, que o excluiu da União dos Escritores do seu país (o que significa, neste país, tirar-lhe toda a possibilidade de publicar ou ser publicado):

«Estou tranquilo. Sei que desempenharei o meu dever de escritor em todas

(Continua na página seguinte)

NA MORTE DE ALVES REDOL

FIEL A SI MESMO e aos problemas e anseios de vastas comunidades humanas (os humilhados e ofendidos, os deserdados da terra) a que estava umbilicalmente ligada, Alves Redol tem sido apoucado por um determinado tipo de leitores que talvez por exigirem de mais da literatura se esquecem que esta nada vale e nada é sem as contribuições de base (porque vividas e testemunhadas em directo) de um escritor como ele, homem duramente educado nas andanças da vida — afinal, a sua única universidade. Porque se quis próximo dos homens e das circunstâncias históricas que os enquadram, com seus específicos determinismos, Redol não pretendeu, através dos seus romances, construir «obra de arte» (recorde-se as suas palavras sobre «Gaibéus»: «Este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo»), se bem que seja possível detectar-se, de romance para romance, uma crescente preocupação formal, sòlidamente expressa nesse magnífico livro que é «Barranco de Cegos» ou na nova redacção a que submeteu «Avieiros».

Deixando-se de lado possíveis discussões sobre a validade artística de uma obra voluntàriamente documental (tantas vezes rude e informe por isso mesmo, escrita na emoção viva dos acontecimentos presenciados ou sofridos por experiência própria), a vasta produção de Redol desdobra-se, a olhos limpos de literatice e a mentalidades despidas de facciosismos de escola, num fresco social cuja importância não pode ser negada e cujo significado, tão generosamente exposto, é um grito lançado à consciência dos homens.

Saibamos ouvir esse grito, tenhamo-lo presente — eis o que nos merece o escritor Alves Redol, homem do povo, nosso companheiro, agora que a morte o levou.

Diário de um espectador (indignado)

por Carlos Porto

O nosso prezado colaborador Carlos Porto vem, indignado, expor as razões que o levam a discordar dos números atribuídos ao filme Serafino *no quadro «O Cinema que vemos» deste Suplemento. Tais números, «emitidos pelos benjamins da crítica portuguesa», julga-os «definitivos e definitivamente condenatórios», reconhecendo, por outro lado, ter já «ingènuamente colaborado» em iniciativas semelhantes e afirmando que «qualquer dia se calhar reincide, tal é a força de atracção do mal». «Mal», quanto a nós, seria o silêncio ou a forçosa unanimidade dos pareceres — e por isso aqui estão abertas as colunas à opinião de Carlos Porto sobre a fita de Pietro Germi e, simultâneamente, o convite público para que o nosso colaborador venha a «reincidir», com os seus números, ao lado dos benjamins que preenchem o quadro «O Cinema que vemos». Assim julgamos, também, dissipar as possíveis dúvidas do nosso prezado colaborador quando este afirma não saber «por que este* Suplemento *deva ser feito só para os amigos e inimigos do costume». De facto, não é.*

S. L.

Nov. 69 — Espectador é aquele que espreita mas é também aquele que participa. É aquele que pela mão sabida de William Shakespeare (por vezes com a colaboração interesseira dum realizador de cinema) vai verificar na cama nupcial de Julieta e de Romeu se o que lá se passa corresponde á exaltação lírica da cena da varanda. Aquele que agarra a mão de Bruno e com ele procura uma bicicleta roubada, tentando ao mesmo tempo descobrir por que uma bicicleta poderá ser essencial na vida dum homem.

Devorador de imagens e de emoções, de palavras e de cadáveres, de ideias e de equívocos, o espectador — *voyeu* por necessidade e por gosto — tem naturalmente os nervos á flor da pele e indigna-se sem mais aquelas quando lhe tocam no que ama ou apenas no que lhe parece digno duma certa atenção.

Aqui neste Jornal, neste mesmo Suplemento, tenho ultimamente encontrado fartos e feios motivos de indignação, que lógicamente aqui em parte e de acordo com os bons costumes venho extravasar. Estou a referir-me ao «Quadro de Classificação de Filmes» e ás opiniões nele expressas através de números definitivos e definitivamente condenatórios emitidos pelos benjamins da crítica portuguesa (o espectador que sou já tem ingénuamente colaborado em coisas semelhantes e qualquer dia se calhar reincide, tal é a força da atracção do mal).

Dois filmes fizeram-me por estes tempos de «fel e vinagre» — melhor diria, as classificações de que aqui foram vítimas. Dois filmes italianos, por acaso, e por acaso, dois filmes de autores neo-realistas. Falo de «Os Indiferentes», de Maselli, e, mais próximo, de «Serafino», de Germi. É claro que classificar estes filmes como se classifica um qualquer filme português ou como se classifica um qualquer inclassificável «Helga» põe um de sobreaviso, mesmo que seja pouco desconfiado. Mesmo assim, parece-me altamente perigoso para o leitor comum (e eu não sei por que este «Suplemento» deva ser feito só para os amigos e inimigos do costume) por se prestar a confusões desnecessárias e alarmantes.

Deixemos o Maselli para outra altura e peguemos neste infeliz «Serafino». E peguemos na crítica de Lauro António como explanando o inevitável esquematismo das classificações do «Quadro». «Serafino» foi assim classificado: três o (António Pedro-Vasconcellos, Lauro António, Manuel Machado da Luz) e um 2 (Vítor Silva Tavares); os restantes colaboradores não o viram a tempo. Lembremo-nos que o «zero» significa «abominável» e o «dois» com algum «interesse». Não sabemos se os dois restantes abominadores deste Germi partilham as razões propostas por Lauro António. Não devem, pelo menos, andar longe disso. Eis, em síntese, as razões por que o crítico não gostou de «Serafino»: trata-se dum filme grosseiro, demagógico procurando o efeito fácil e o êxito comercial.

Curioso, este Germi! Não sendo um grande realizador (embora compara-lo a Constantino Esteves me pareça altamente ofensivo), consegue ser um autor polémico—«bons velhos tempos» *cineclubeportuenses* em que o (dr.) Manuel Canijo defendia com «unhas e dentes» o «Ferroviário». Eram sensivelmente as mesmas acusações feitas a Germi. Uma análise do filme talvez demonstre que essas acusações são injustas e impertinentes, e possivelmente preconceituosas.

Uma análise de «Serafino» tem que começar por uma análise da sua história pois é desta que partem, em grande parte, as virtualidades do filme. Serafino é um pastor que habita uma esquecida aldeia serrana, algures na Sicília. É lá que os carabineiros o vão buscar, pois é já há três anos refractário da tropa. Serafino comporta-se de tal maneira no quartel que é mandado para casa ao fim de dois meses, por incapacidade mental. De regresso á aldeia e ao trabalho, Serafino reata as suas relações estreitas com uma das raparigas do lugar, mãe de alguns filhos de pais diferentes e anónimos, mais ligeiras com outras raparigas casadas ou solteiras. Porque Serafino é o fauno da aldeia, ou seja o contrário de um «Don Juan». Ao chegar a casa dos tios que são também os seus patrões, Serafino descobre que uma prima que deixara adolescente se transformara numa mulher com todas as aparências de saboroso pitéu. Eis que as outras mulheres deixam de o interessar. A prima transforma-se numa obsessão que, aliás, ela própria partilha. O que torna mais fácil o encontro (seis horas por noite a descer e a subir a serra). Entretanto, uma tia de Serafino, com quem este vivia vagamente, dá a alma ao criador, deixando algures um, pelos vistos, chorudo pé-de-meia. Ainda o cadáver não arrefecera e já os parentes (incluindo a prima de Serafino) iniciam a caça ao tesouro, perante a indiferença e a perplexidade do rapaz. O caso é que a herança estava guardada para o Serafino que a «tia maluca», como os parentes interesseiros lhe chamavam, nomeara herdeiro. Eis Serafino rico, esbanjando sem cerimónias a herança cobiçada. Um automóvel espaventoso, foguetório, comes e bebes para toda a aldeia, a casa partilhada pelos companheiros de trabalho e pela amante, de corpo tão generoso e alma tão fraterna que chega para todos os homens, para todos os adolescentes que quetram matar a primeira sede.

Perante aquelas extravagâncias e imoralidades, os parentes de Serafino tentam dá-lo por interdito. No julgamento, Serafino apresenta os amigos que são quase todos os habitantes da aldeia e que testemunham a sua generosidade. Em vão. A justiça não compreende semelhante desprezo pelo dinheiro, semelhante falta de consideração pelas regras estabelecidas. É Serafino dado por incapaz de administrar a herança. Acabaram-se as pândegas e começam os trabalhos do tio — nomeado tutor — que não escapa a uma sova que Serafino lhe prega. Mas, ao reatar as relações com a prima, Serafino cai na boca do lobo. Uma armadilha que tem a cumplicidade daquela e eis Serafino no altar. Mas Serafino continua a não respeitar as regras estabelecidas, a cerimónia não chega a terminar e transforma-se em pancadaria geral. E é, afinal, com a amante que acaba por casar para que todos possam partilhar da sua riqueza.

Germi agride, alegre e despreconceituosamente, instituições mais ou menos sagradas, tabus mais ou menos velhos e firmes. Fá-lo com um varapau, não com uma pena de pato, e compreende-se que os nossos críticos sejam demasiado sofisticados para admitirem a vantagem do uso (em ocasiões oportunas) do varapau.

No entanto são evidentes as qualidades desta história em que as situações não se esgotam e têm prolongamentos razoávelmente inesperados e eficazes. São evidentes o acerto da construção dessas situações a densidade humana das personagens (apesar de se tratar dum filme de feição burlesca, Germi não utiliza a caricatura a não ser nas figuras dos psiquiatras e do advogado), o espírito libertário que o filme respira. Serafino não é a personagem elementar que talvez se tenha visto nele, é uma personagem compósita de quem se poderá dizer, sem fazer retórica, que tem constantemente a verdade na boca. Essa verdade está para além, ou para aquém, das convenções que condicionam o homem desde que nasce. A sua recusa em utilizar fórmulas o seu transbordar de esquemas de convivência o seu rebentar de espartilhos morais e sociais aparecem ao longo do filme em situações e alusões que são por vezes altamente cáusticas. Veja-se, por exemplo, como é destruída a cerimónia do casamento pela simples recusa de Serafino em cumprir a fórmula ritual: dizendo o sim de mil maneiras é como se dissesse não! Outra personagem admirável é a da mulher. Lembra-me irresistivelmente uma personagem de Torga (dos «Novos Contos da Montanha») onde se encontra o mesmo desprezo por preconceitos, a mesma reivindicação de

(Continua na 6.ª página)

O CINEMA QUE VEMOS

	AdC	ArC	APV	JVP	LA	MML	VST
O Detective (Gordon Douglas)	2	3	3	3	4	3	1
A Magia da Mulher:							
(Episódio de Visconti)	—	3	1	—	3	2	1
(Episódio de Pascolini)	—	5	5	—	4	3	4
(Episódio de Franco Rosi)	—	0	0	—	0	0	0
(Episódio de Bofognini)	—	0	0	—	0	0	0
(Episódio de Vittorio de Sica)	—	1	0	—	0	0	0
O Homem de Kiev (John Frankenheimer)	1	2	0	—	4	2	1
A Quadrilha Selvagem (Sam Peckinpah)	—	—	0	—	5	4	4
Divórcio à Italiana (Pietro Germi)	—	—	0	3	3	3	—
O Grande Ajuste de Contas (Robert Enrico)	1	—	—	—	2	—	2
O 41.º (Gregori Tchoukhai)	0	2	—	—	2	2	—
Isadora (Karel Reisz)	2	1	0	—	4	4	3
O Diabo Era Outro (Constantino Esteves)	—	—	0	—	0	0	0
Minuto a Minuto, Sem Respirar (Mark Robson)	—	—	—	—	1	—	—
Livre Como o Vento (Richard Sarafin)	—	—	—	—	2	—	—
Cerimónia Secreta (Joseph Losey)	3	—	2	—	3	5	2
A Primavera em Roma de Mrs. Stone (José Quintero)	—	—	—	—	0	—	—

Os «números»: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com algum interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

Os «votantes»: AdC (**Adelino Cardoso**, Revista «Rádio e Televisão»); ArC (**Armando Caeiro**, dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos**, «Jornal de Letras e Artes»); JVP (**José Vaz Pereira**, D. L. e «Seara Nova»); LA (**Lauro António**, D. L. e «PBX») MML (**Manuel Machado da Luz**, D. L. e «Seara Nova») e VST **Vítor Silva Tavares**, D. L.

COLÓQUIO
REVISTA DE ARTES E LETRAS
TEXTO E ROTOGRAVURA A PRETO E A CORES
À VENDA O NÚMERO 54
EDIÇÃO E PROPRIEDADE:
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Distribuidora: E.N.P.—*Av. da Liberdade, 266—Lisboa 2*

Empenhamento ou alistamento?

(Continuação da pág. anterior)

as circunstancias, e talvez com maior sucesso e autoridade ainda, depois da minha morte. Ninguém conseguirá barrar o caminho á verdade, e estou pronto a morrer para que ela avance».

Este estar pronto a morrer não é um *flatus vocis* na garganta de um homem que passou doze anos da sua juventude nos campos de concentração estalinianos, em que a morte era o único horizonte verosímil para além do arame farpado, como se vê nos seus livros *Um dia de Ivan Dénissovitch, O pavilhão dos cancerosos, A casa de Matriona, O primeiro círculo*

Este ser fiel á verdade, que transcende os limites físicos e cronológicos do indivíduo, e por isso desafia a morte, é a própria forma do empenhamento. Soljenitsyne, como Giordano Bruno, recusou a «autocrítica», porque ela seria mentir a si próprio. Pelo contrário, os alistados que o condenaram foram fiéis apenas á burocracia. Ele empenha a própria vida. Eles desempenharam o seu papel.

Bem sei que se trata neste caso, de alistados de um género especial, os «alistados no poder», de quem nada nos garante que tenham outra convicção senão a de que é preciso merecer o pãozinho de cada dia. Bem diferente é a situação dos alistados na oposição que noutros países correm riscos e passam sacrifícios. Neste segundo caso é fácil por vezes confundir o *alistamento* com o *empenhamento*, pelo menos durante um certo tempo. Mas há talvez um critério para fazer a distinção. Somos ou não capazes de formar um juízo individual? Fazemos ou não todos os esforços ao nosso alcance para nos informarmos da realidade, para além da informação a que o nosso grupo dá o *nihil obstat*? Recusamos ou não a diplomacia, a táctica e a casuística das ideias e das palavras? Aceitamos ou não a noção de «ortodoxia»? Estamos ou não prontos a procurar a verdade com os que não pensam como nós em vez de considerá-los como inimigos mais ou menos astuciosos, ou como catecúmenos virtuais a quem devemos «esclarecer»?

Com estas perguntas poremos talvez a questão que cada escritor só pode pôr perante si mesmo: — Estou *empenhado* ou *alistado*?

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Colectivos, na S. N. B. A.

por Rocha de Sousa

Julião Sarmento: ou o recurso às técnicas (tradicionais) de representação no plano

Esta exposição com que a Galeria de Arte Moderna reabre a sua actividade para a presente temporada inscreve-se numa orientação que subordina a escolha ao acontecimento, permitindo que a qualidade se construa e se revele no tempo. Sem renunciar a um juízo crítico de base, o que importa é coleccionar as acções que permitam uma investigação ao mesmo tempo arriscada e consciente. Assim se reivindica a oportunidade e a urgência da escolha antes de qualquer opção baseada na segurança dos juízos já feitos ou das aquisições definitivas.

A qualidade tem entre nós oscilações muito vastas, quando se define o que é recente, o que é oportuno e o que é significativo. Promover exposições é também investigar. É enfrentar riscos e traçar o inventário do presente. E é naturalmente pressentir o futuro através da interrogação necessária, das certezas breves, da própria dúvida, numa disponibilidade crítica que mobilize o nosso sentido de descoberta.

Os autores apresentados, de um ou de outro modo inscritos no quadro mais recente da nossa produção artística, reflectem motivações e objectivos que podem estar na base de um futuro em formulação. A exposição que eles constituem não é a única possível e cremos que é oportuno fazer o inventário de acções paralelas ao seu trabalho. Este precedente é simultâneamente uma verificação e um convite.

FERNANDO CALHAU, HELENA LAPAS, GRAÇA ANTUNES, DAVID EVANS, MARIA BEATRIZ, FÁTIMA GUEDES, ISABEL LAGINHAS, JASMIN, EDUARDO NEVES, VITOR POMAR, J. SARMENTO
Galeria de Arte Moderna
S. N. B. A.

NA INTRODUÇÃO dedicada á exposição da Galeria de Arte Moderna, atrás referida, há a preocupação de justificar um precedente em que a Sociedade Nacional de Belas Artes parece comprometer-se. Em boa verdade, esse precedente diz respeito á própria Galeria de Arte Moderna, cuja orientação agora se desvia do seu comportamento anterior e passa a filiar-se numa necessidade de acção com base nos factos possíveis de um contexto indiscutivelmente variado e de certo modo amplo. A chamada arte moderna, conceito vago de que decorre o nome deste órgão da S. N. B. A., não pode ter entre nós uma definição rigorosa decidida a partir de meia duzia apenas de verificações sumárias. A produção recente está a fazer-se de um modo que já acusa nítidas viragens em relação á de uns anos atrás e pode constituir também a modernidade portuguesa, a de hoje e a de amanhã. Nesse aspecto, só se pode louvar que a S. N. B. A., apertada ultimamente numa crise que certas críticas desnudaram apenas a superfície, tenha reconhecido a possibilidade de um comportamento novo, dentro de uma programação que nem sequer é inédita mas que vem completar as iniciativas semelhantes levadas a cabo no nosso meio. Com excepção da Galeria Buchholz, que a Quadrante quer a 111 têm ajudado decididamente a realização de uma espécie de inventário dos quadros recentes da produção artística, agora também retomado com a exposição proposta pela Galeria de Arte Moderna.

É evidentemente necessário desconfiar desta produção. Melhor: é preciso não a mitificar, fornecendo-lhes as garantias fáceis que poderiam institucionalizá-las nas suas próprias indecisões e insipiências. Mas isso não quer dizer que a ignoremos na hora decisiva do seu aparecimento e no plano dos talentos ou das aquisições mais significativas que comporta. Autores tão diferentes como Noronha da Costa, Helena Almeida e Palolo não teriam beneficiado de um reconhecimento rápido no nosso meio se a crítica, e os órgãos de informação mais ligados ás artes, não os tivessem sublinhado a tempo, arriscando uma sanção que poderia desmentir-se no tempo. Este procedimento não deve circunscrever-se a um regime de privilégios, nem basear-se em exclusivo nos quadros já formados que ràpidamente se arrumam na história, apesar de produtivos e da sua importância cultural. Para além disso, não se trata unicamente de os substituir ao arbítrio de uma obsessão: trata-se de os reconhecer nos que estão destinados irremediàvelmente a suceder-lhes. Trata-se, em suma, de prever a formação de outros quadros para o que é preciso dar exercício às pessoas, experimentá-las num compromisso que estão decididas a assumir, seleccionando-as com a severidade necessária de acordo com as provas prestadas. Não se pode cair no erro das empresas que solicitam funcionários com um currículum que só elas podem fornecer aos candidatos novos: esse regime de segurança opõe-se à verdadeira promoção. Mas a promoção de uma classe ou de uma actividade não se faz apenas pelo recurso res ou aos génios de circunstância: é preciso cobrir uma realidade mais vasta de possibilidades. Nesse aspecto, a exposição da Galeria de Arte Moderna não pode deixar de nos merecer a melhor atenção, até porque confronta experiências muito diferentes e acrescenta dois ou três nomes a anteriores iniciativas do mesmo tipo.

REGISTO DE UMA TENDÊNCIA

No conjunto das obras apresentadas destaca-se uma nítida preferência pelo objecto, aquisição de certo modo recente nestes autores mas que parece coincidir com o tom de outras exposições já verificadas entre nós: concursos da Guérin e do Banco Português do Atlântico, exposição na Quadrante, bem como outras manifestações do mesmo tipo em que o objecto surgiu claramente situado no domínio das preocupações dos talentos espectaculares mais novos e até em prolongamento de experiências já feitas por artistas mais remotos. Esta tendência confirma-se de novo na Galeria de Arte Moderna, sobretudo pela contribuição de Fátima Guedes, Isabel Laginhas, Fernando Calhau e David Evans. Pode mesmo dizer-se que essa contribuição é a mais significativa, não apenas pelo seu peso e pelo seu espectáculo mas por um risco muito preciso que inclui, pela sua agressividade deliberada, pela invenção juvenil que propõe. Diz-se juvenil na sua real dimensão de alegria, de sinceridade, na convicção calorosa que se pode pressentir na construção dos objectos e no tom provocatório que alguns deles possuem. Aí deveremos naturalmente sublinhar o trabalho de Fátima Guedes e de Isabel Laginhas, porque ele é do mesmo passo original e alucinado, vivendo de uma carga poética em que o *non sense* se realiza com maior propriedade sem deixar de insistir numa realidade inquietante que evocamos no instante da leitura. A não coincidência dos objectos com essa realidade evocada remete o espectador para um desconforto criador, situado por vezes entre o riso e a dúvida.

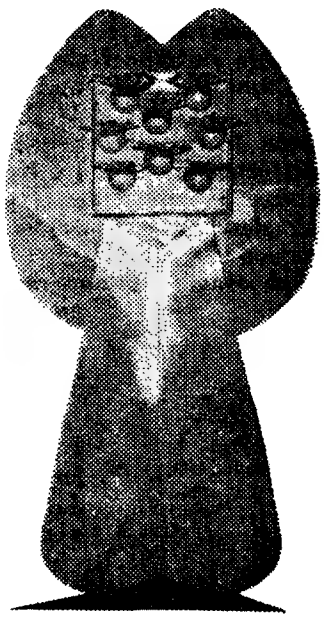
Os objectos de David Evans, mais imediatamente ligados á estrutura do quadro em si mesmo, só com dificuldade se impõem para além das suas relações formais e parecem perseguir uma dimensão irónica ainda não encontrada como objectivo. O mesmo não se poderá dizer de Fernando Calhau, que assume os meios utilizados no grau de desenvoltura necessário, com uma ironia que decorre da própria facilidade e das sínteses encontradas: aqui a estrutura do quadro tem uma razão de ser na medida em que existe para ser contestada e destruída pela ironia, não apenas no que se refere aos limites imprevistos do plano como também á sua situação no espaço e ao seu prolongamento através de cordões complementares que dele se derramam sobre o circuito do espectador.

Helena Lapas apresenta uma tapeçaria bordada, de dimensões razoáveis e de resolução original pelo ponto escolhido e pelas formas abordadas num esquema compositivo pouco ortodoxo. Mesmo assim, e para além de esta ser a sua especialidade sempre defendida, devemos reconhecer que o seu formulário parece estacionário no plano estético, carecendo de uma revisão crítica capaz de o conduzir a novas propostas.

Entre os autores que se exprimem por meios de expressão mais tradicionais, em referência sobretudo às técnicas de representação no plano, citam-se, por fim, Graça Antunes, Maria Beatriz, Eduardo Neves, Vítor Pomar, Jasmim e Julião Sarmento. Maria Beatriz só por acidente não aparece incluída noutro sector, pois também tem dedicado algum interesse ao objecto, sobretudo através de figuras recortadas em madeira e metamorfoseadas numa dimensão simultâneamente expressionista e satírica. É mais conhecido, no entanto, o seu trabalho na gravura e no desenho, onde esse mundo figurativo se resolve de forma semelhante, em termos que retratam pelo absurdo uma comunidade perturbadora.

Laginhas: «Objecto»

Graça Antunes, cuja produção na gravura tem sido mais divulgada, socorre-se neste caso da pintura para exprimir um mundo que deve a maior parte da sua formulação inquieta às imagens colhidas na infância: as figuras aí convencionalmente alegres e puras carregam-se de uma dimensão dramática e traumatizante que as supera na sua relação típica. Para Jasmim, numa figuração especulativa e excessivamente envolvida pelos meios técnicos utilizados, o objectivo perde-se um pouco nas relações literárias,



Laginhas: realidade inquietante

se bem que nos dê conta de um mundo imaginário já rico à partida. Eduardo Neves inclui-se um pouco nesta linha, mas a sua técnica é ainda muito formalista e a sua temática nitidamente rebuscada. Vítor Pomar, com duas gravuras-igual-a-uma, apresenta o que pode ser uma síntese de outras séries conhecidas. Não está no entanto representado no contexto real das suas pesquisas mais recentes, que correspondem a uma atitude já liberta de um formalismo enganador.

Tapeçaria de Helena Lapas: um formulário estacionário no plano estético e a necessidade de uma revisão crítica

Eu intrometido a Oeste

A CIRCUNSTÂNCIA de o leitor **António R. Santos** ter mencionado o meu nome a propósito da factura das «Líricas Portuguesas», torna razoável que eu diga também alguma coisa sobre a antologia.

«Considero a intromissão de **Manuel Alegre** e **Assis Pacheco**», escreve António R. Santos, «como um meio espertalhão para despistar os críticos e os leitores, porque não seleccionam os seus poemas mais **válidos** e **representativos** e porque aos restantes poetas neo-realistas não se concedeu qualquer importância.»

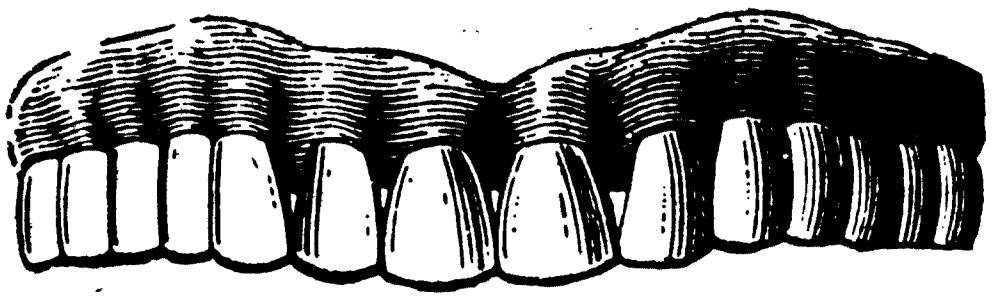
Devo referir desde já que a um antologiador — Ramos Rosa ou outro — terá de reconhecer-se total liberdade de escolha. Ele não gosta do neo-realismo? Ele foi criticado por Alexandre Pinheiro Torres em nome da estética neo-realista? Ele prefere «os poetas com pender funambulesco, onírico e matemático», como aponta António R. Santos e fica por provar? Ora bem, se Ramos Rosa fosse privado de gostar disto e gostar menos daquilo (detestar até: é com Ramos Rosa) já eu não leria com a mesma atenção esta breve antologia.

Compreendi que Ramos Rosa se interessou especialmente por Herberto Helder e que a uns poetas, porque os achava mais importantes, deu mais espaço do que a outros. Nem estou sequer a defender uma posição adquirida: calharam-me cinco poemas na antologia, o que no balanço total não seria brilhante se eu estivesse preocupado com isso.

Mas o neo-realismo não foi só representado por Manuel Alegre e por mim. Vamos esquecer José Augusto Seabra? E que dizer de Maria Teresa Horta, Fiama Hasse Pais Brandão ou José Carlos Ary dos Santos — andam assim tão longe do neo-realismo que precisemos por agora de chamar-lhes outra coisa ou só outra coisa?

Sim, faltam poetas. Sim, os meus poemas não são uma escolha feliz. Simplesmente desconheço antologias perfeitas e quero mesmo crer que elas pertencem aos país da utopia. A melhor antologia está sempre por fazer e é para essa que chamo a atenção de António R. Santos: se resolver encetá-la eu dou-lhe uma ajuda calorosa cá de Lisboa, até porque sei (e Ramos Rosa não) de vários poetas tristemente inéditos em gavetas.

Ex-corde, Fernando Assis Pacheco



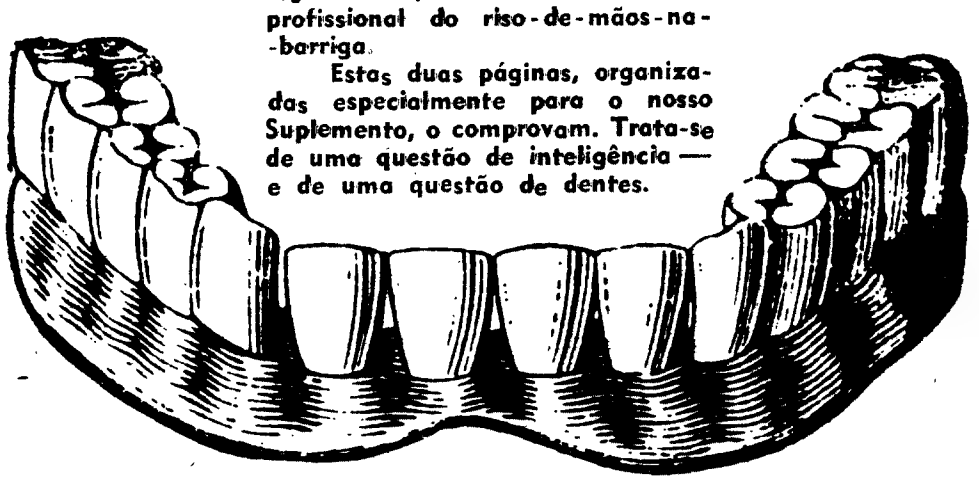
HUMOR

ranger da denta

ESPALHADOS por mil e vinte e oito páginas, cinquenta e nove temas: do «absurdo» à «vida escadalosa», passando por «brejeirices», «caceteiros», «duelos», «esbirros», «fomes», «guerra», «humor negro», «inferno», «judeus», «libertinagem», «maus pensamentos» (todos), «naufrágios», «ofícios sobrenaturais», «pessimismo», «roupetas», «soldados», «tortura» & etc., tudo ensanduichado entre uma dentadura e duas cabeças-pró-maneta, entre «O Inferno» de um mestre português desconhecido (do séc. XVI) e a «Marcha de Benfica» de 1940, entre o prefácio (didáctico; lapidar) de Ernesto Sampaio e a relação de todos os operários (e Irmãs operários) que deram forma física ao volume. No tema «milagres», nem um autor representado mas todos os sessenta e oito (do séc. XIII aos nossos dias) mais os responsáveis da edição (Fernando Ribeiro de Mello), da selecção e notas (Virgílio Martinho e Ernesto Sampaio, duas vezes off no nosso panorama literário), da capa e paginação (Sena da Silva: palmas!), dos desenhos (Carlos Ferreiro, Eduardo Batarda, João Machado, José Rdrigues: bis!) e da revisão de provas (António Ferreira), assim miraculosamente definidos: «veja esta Antologia».

Esta antologia é a «Antologia do Humor Português». Não havia nenhuma e agora aqui temos um volume mais grosso de lombada que o «Petit Larousse», mais triste (num certo sentido, que o leitor descobrirá) que o «Só» do António Nobre, mais pesado (porque «o riso é um castigo» — Eça de Queirós e Ramalho Ortigão) que os seus mil cento e cinquenta e cinco gramas. Através dele, caracteriza-se a função crítica, a força, a virulência de um humor (português mas não revisteiramente «à portuguesa», com certeza) que trata-sempre-tratou por tu a sátira, a farsa, o sarcasmo, a ferocidade, o grotesco, a caricatura, a louvaminha por causa dos almoços & jantares, a coragem também, mascarada (ou não) com truques de linguagem Enfim: humor entendido como literatura maior, como espelho cruamente revelador da vida e da personalidade de um povo. Tanto assim que — larocheiros nem um; nem um só humorista profissional do riso-de-mãos-na-barriga.

Estas duas páginas, organizadas especialmente para o nosso Suplemento, o comprovam. Trata-se de uma questão de inteligência — e de uma questão de dentes.



FERNÃO MENDES PINTO

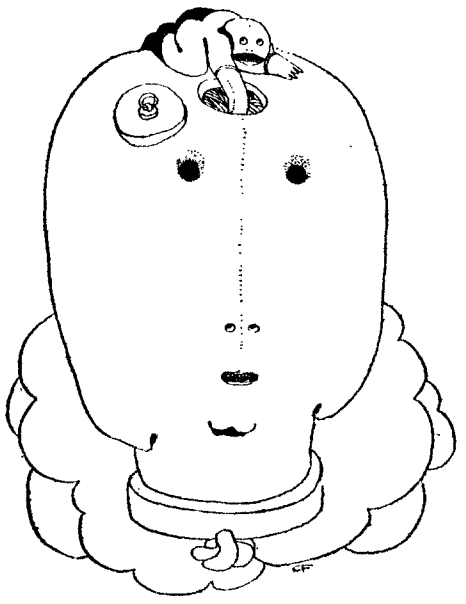
Nunca um livro («Peregrinação») teve melhor título, dificilmente outro poeta viu e viveu tanto. E nunca o humor, nas suas múltiplas facetas, foi tão cumprido e com tal amplitude. Todos os seus tópicos estão aqui representados generosamente: a violência, o fantástico, o maravilhoso, o satírico, o cruel, o absurdo, o grotesco. Mas o edifício humorístico de Fernão Mendes Pinto não lhe pertence directamente; faz parte da sua vida de viajante, do que os seus olhos viram. Não é só nele que está a «Peregrinação», mas também no mundo das viagens, dos negócios, dos massacres, das conquistas que nos descreve como grande intérprete e anónimo participante desse mundo antigo e tão semelhante ao de hoje.

DO CAP. XXXIII DA «PEREGRINAÇÃO»:

E há já catorze dias que andámos sobre estes paus, sem em todos eles termos comido mais que um cofre meu que nos faleceu com o que todos nos sustentámos oito dias e ainda esta noite nos faleceram dois portugueses, que não quisemos comer, tendo disso bem necessidade, porque sem dúvida nos pareceu que hoje até pela manhã acabaríamos com a vida estes miseráveis trabalhos em que nos víamos.

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

Tolentino realiza obra exemplar sob o ponto de vista literário, a que falta, porém, um sentido de rebeldia, que lhe daria talvez mais ampla dimensão. Lisonjeando os grandes, queixando-se por sistema, passando literalmente a vida a pedinchar lugares e benesses, acaba por ganhar e morre na abastança. É nesta vitória que reside o seu humor mais flagrante. Ao explorar a má consciência dos poderosos, ao satisfazer-lhes o dever da caridade, ao despertar-lhes os brios de mecenas, Tolentino, segundo um critério comum, talvez se desmereça, mas não deixa de desmascarar o sistema de pobres suplicantes e de ricos dadivosos que as sociedades cultivam. Neste sentido, seleccionámos para esta colectânea uma série de poemas que além de exemplificar o furor pedinchão de Tolentino



demonstra cabalmente como o humor pode servir o oportunismo e transformar um poeta em símbolo duma instituição ou uma instituição em símbolo dum poeta, já que ambas as fórmulas se equivalem e se correspondem.

A LOURENÇO JOSÉ DA MOTTA MANSO, OFICIAL DA SECRETARIA DO REINO

Amigo Lourenço: Se tu não sabes o que é não ter dinheiro, eu to explico: abaixo de estupores é o maior mal do mundo, principalmente para quem herdou irmãs sem nenhum rendimento, e com muito bom estômago.

Por ver se aligeirava esta carga, empenhei-me em um milhão para lhes comprar tenças, e em outro para lhas assentar; mas como as não cobram, morrem de fome, e depois que são ricas, tornam-se a mim, e delas aprendo o que são lucros cessantes, e danos emergentes. Cuidei que tinha metido uma lança em África, e vejo que a meti em mim mesmo; e arde agora a vela pelas duas pontas.

Tu que tens bom coração, e que estás ao pé do senhor marquês, que o tem melhor, pede-lhe por caridade o despacho desta petição.

Não te assustem os três anos; porque ainda mal que ouço que no de 93 não tiveram cabimento. Pede-lhe que já que me livrou de crianças, me livre também de velhas, gado ainda mais impertinente, e que se não contenta com figuras de retórica. Interessa-te pelo teu Nicolau, amigo e colega e sabe que, se lhe mandas as portarias terás a vergonha de o ver andar pelas outras. Recomenda-se à tua eficácia o teu fiel amigo...

Peço que mates a fome
A este meu povo imenso,
E peço-te, meu Lourenço,
Pelo santo do teu nome.
Por um bom serviço tome
A paga de tais tencinhas.
Pois teve as carnes mesquinhas
Em vivas brasas vermelhas,
Em louvor das suas grelhas
Peço me livres das minhas.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

Poeta épico, lírico, satírico, crítico literário, orador sacro, jornalista político, censor régio, historiador oficial, conseguiu ser acima de tudo exemplo de humor, acumulação de absurdos. Excessivo no verso, na polémica, no insulto; excessivo no sarcasmo e no ódio doentio que votava aos livres-pensadores; excessivo no miguelismo, na cólera, nos vitupérios, extravasou com êxito a sua raiva poderosa em todos estes campos e fabricou uma obra que nesta nossa literatura, geralmente tão comedida e condicionada, se tornou um caso singular de maldade, de incoerência e de grotesco. Espécie de Mal tonsurado, sempre repleto de fel, poeta enfadonho, escritor notável, traidor nato às ideias que defendia, foi de facto uma personagem maligna.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, MIGUELISTA

Eu desejava que se exterminassem *os pedreiros, como se exterminaram os lobos em Inglaterra; isto é, que se matassem todos, numa só montaria. É verdade que a minguada população do reino ficaria como depois do São Miguel uma vinha vindimada, cacho aqui, bago acolá, porque o rabisco levava tudo e a seara é imensa. A ideia da* montaria *é com efeito original: veríamos cair à bala, como viram os judeus no deserto, nuvens e nuvens de codornizes cair dos ares para saciar a sua fome, nuvens de pedreiros em terra para satisfazer o nosso desejo, e saciar o nosso apetite... Pois* atiremlhe, *como fazem os da aldeia ao aparecimento de um lobo, e não haja arcabuz, foice, pau, pedra, olho de enxada que lhes não vá à cabeça como se costuma fazer a um lobo danado, e enquanto derem sinal de vida não os deixem.*

...E CENSOR

«Que livros são estes?» (perguntou ele). — São livros dos Judeus (disseram os guardas). — «Livros dos Judeus!... Livros dos Judeus!!... Já, muito depressa, um barril de alcatrão aceso.» E no meio daquela praia os reduziu a cinzas. — «Veja V. S.ª que o Judeu que aqui os pôs vem às vezes ler e lê do fim para o princípio... — Pior, que isso é feitiçaria!» Eis aqui um bom desembargador do Paço e um óptimo censor de livros!»

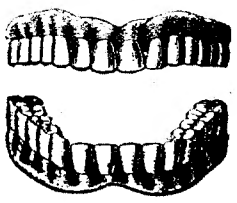
...E QUASE A MORRER

«Também eu tenho janelas para o sul, mas a minha enfermidade é gravíssima; esta noute que passou, cuidei que também passava para a eternidade. A ourina por si mesma se solta, já corre sempre, e apenas me deito tudo se inunda, e assim alagado não posso dormir; a secura é mortal não há água que me estanque a sede; ninguém padece mais nem com mais paciência. Que hei de escrever?»

Os desenhos que ilustram estas páginas (nossa mini-antologia do humor português para leitura rápida) são da autoria de Carlos Ferreiro, Eduardo Batarda, João Machado e José Rodrigues. Com excepção de dois, inéditos, figuram todos na edição de F. Ribeiro de Mello

TACO PORTUGUÊS

tadura arreganhar dos lábios



MANUEL TEIXEIRA GOMES

Súbtil impressionista pictórico, fruidor «sem exaltação», epicurista requintado, Manuel Teixeira-Gomes, que foi um dos primeiros colaboradores da *Seara Nova*, embaixador de Portugal em Londres, Presidente da República, escreveu páginas admiráveis de contida emoção, alardeando, a par de um classicismo pagão, todo virado para as coisas naturais, para a fruição sensual despida de preconceitos morais ou religiosos, dotes excepcionais no tratamento eximio da farsa impiedosa, a fustigar a modorra e o ranço patriarcal de uma sociedade onde todos os impulsos vitais se desvanecem numa decepção e num logro imensos. *Gente Singular*, novela que transcrevemos na integra, com pena de não fazer o mesmo em relação às outras obras coligidas no volume que ostenta idêntico título, é, neste sentido, exemplar.

D. Sebastiana parou e repetiu:

— Ninguém adivinha!...

— Se tivesse uma cruz — gritou D. Joana — não restava dúvida que fosse capela.

— Também V. Ex.ª quer ver o que é, meu Reverendo Padre? — perguntou D. Sebastiana ao Vigário.

— Sim, filha... Também tenho curiosidade...

Então D. Sebastiana tirou da algibeira uma chave prateada, abriu a porta lentamente, introduzindo acto continuo o Vigário no pequeno recinto e conservando-se à entrada exclamou em tom vitorioso para a assistência:

— Agora já vêem o que é. Tinha ou não tinha razão para apostar que não adivinhavam?...

— Ah! Já sei, é a casa para amassar o pão — clamou alegremente D. Joana.

O interior da pequena construção patenteou-se em todos os seus recessos e nós vimos que era uma privada com as comodidades e luxos modernos, inteira novidade, ao tempo, não só na capital do Algarve mas talvez também em todo o reino.

D. Sebastiana entrou dentro e encetou uma espécie de prelecção sobre o uso dos diversos aparelhos que a compunham, abrindo e fechando torneiras, forçando o Vigário a sentar-se no banco furado, e, por fim, pegando-lhe na mão, ajudou-o a puxar a corrente metálica, soltando a água do depósito superior, que jorrou ruidosamente.

— É o sistema «dilúvio», o mais aperfeiçoado que existe.

ANTÓNIO FEIJÓ

Os súbitos prosaísmos de António Feijó, a desafinar os acordes delicados da velha lira por ele dedilhada com magistral virtuosismo, constituem os sinais precursores da gigantesca empresa de demolição que irá liquidar os cediços tiques poéticos antigos e revolucionar não só a poesia, transformando-a em factor de liberdade e conhecimento, mas também o espírito e a sensibilidade no seu conjunto.

PASSEIO BUCÓLICO

Lembras-te quando fomos de passeio
A Vila Nova de Famalicão?
Que lindo dia! Um dia igual não creio
Que se torne a encontrar nesta estação.

Na gema dum Inverno atravessado
De ventanias, trovoadas, neve,
Nem d'encomenda um dia assim, banhado
De sol, e sem a viração mais leve.

Nem d'encomenda!... e os beijos que nós demos
Por essa estrada! Já não tinham conta...
Quantas loucuras infantis fizemos!
E que apetite, para a ceia pronta!

Mas havia mais hóspedes à mesa;
Tivemos de guardar certa aparência...
Foi sòmente depois da sobremesa
Que trocámos um beijo, e com decência.

O que após se passou... a musa cala,
Pois não há rimas nem palavras de oiro
Para exprimir o amor que nos embala
Na posse do mais intimo tesoiro!

Mas quando de manhã nos separámos,
Foi como um mundo inteiro que desaba!
Gritos, soluços, pranto que chorámos...
O sonho, quando é bom, logo se acaba!

Ah! Como os nossos corações batiam,
Recordando as nocturnas maravilhas!
Dos meus olhos as lágrimas corriam
Silenciosas e grandes como ervilhas...

Depois como era feira, na estalagem,
Entre um rumor de viola e de fandango,
Sòzinho à mesa sem a tua imagem,
Devorava essas lágrimas com frango!

E assim terminou esta aventura
Em Vila Nova de Famalicão;
Mas a Lembrança dela ainda perdura,
Aquecendo o meu velho coração...

(in Novas Bailatas)

RAMALHO ORTIGÃO

Do Porto, onde nasceu, veio para Lisboa já aprendiz de escritor. Aqui, fez amizade com Eça de Queiroz, e deste contacto surgiu o romance policial *Mistério da Estrada de Sintra*, que foi publicado em folhetins do *Diário de Notícias*, e a revista mensal *As Farpas*. A revista foi redigida por ambos até 1872, altura em que Eça de Queiroz deixou o País para ir exercer o cargo de cônsul-geral em Havana. A partir desta altura só o vozeirão da «ramalhal figura» sibilou na publicação, passando a pente fasiscante os maus eventos da comunidade lusa. No primeiro número, os seus autores escreveram: «Vamos rir. O riso é um castigo; o riso é uma filosofia». Não há dúvida que ambos cumpriram este enunciado o mais que puderam. Porém, nas *Últimas Farpas*, escritas de Janeiro de 1911 a Setembro de 1914, Ramalho faz oficio de contrição e escreve a renegar a dezena e meia de volumes que produzira, recusando o caminho à república, que ele, afinal, ajudara a abrir com a demolição sistemática, levada a cabo ao longo d'*As Farpas*, do regime monárquico - constitucional, desdizendo assim o seu pasado de franco-atirador e incorrendo, mas desta vez como vítima, no jogo inevitável do seu próprio humor, o qual, se não perdoa ao objecto visado, perdoa ainda menos a quem se arrisca a usá-lo como arma.

CIDADE COM CARNE PARA DIA E MEIO POR MÊS

Em vinte e oito dias e meio por mês, em trezentos e quarenta e dois dias e meio por ano, Lisboa padece esta doença perigosa: a nostalgia da carne.

E querem ideias, querem carácter, querem músculos, querem força, querem bom-senso, querem firmeza, querem vontade, querem opinião!

Ah! querem tudo isso? Dêem-nos carne.

DO CAPÍTULO DA EDUCAÇÃO

Compêndio do Sr. António Francisco Moreira de Sá.

«Pergunta — A que se chama ferramenta de lavoura?»

«Resposta — A um instrumento simples, portátil, o qual posto que conste de diferentes partes, parece todavia feito de uma só peça.»

«P. — O que é o arado?»
«R. — É o que não tem jogo dianteiro.»
«P. — Que há a respeito do feijão?»
«R — O feijão divide-se em várias qualidades.»
«P. — Que é necessário para haver bom esterco?»
«R. — Sabê-lo produzir, conservar e empregar.»

OLIVEIRA MARTINS

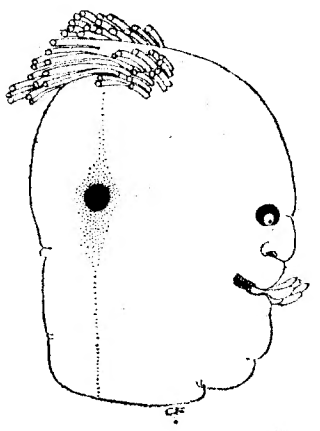
A sua vida e obra assumem para nós foros de exemplo, na medida em que nos dão o modelo de uma evolução muito comum entre os escritores contemporâneos afectos à demopedia: começam por protestar, mas acabam por se instalar. Na verdade, não haverá algo de

(Continua na página seguinte)

Os antologiadores falam (para nós) da antologia

Virgílio Martinho:

O RISO DOS PORTUGUESES nunca foi antologiado. Havia pois que lhe dar a devida morada. Isso acabou por acontecer. E como o riso foi sempre o nosso forte, os motivos nunca faltaram, o livro engordou até chegar ao meio palmo de lombada. Além disso, como trata de humor, que não é assunto lírico, tem uma dentadura na capa que nos contempla imóvel e afogada numa cor tipo purgatório, para se saber logo que é uma alegoria e colorir os olhos. E tem o nome da editora, do editor, não tem o dos organizadores, o que tanto dá depois de tudo estar pronto. Claro que lá dentro, com gravuras, há textos de sessenta e oito autores, que datam do século treze aos nossos dias, e é isso que conta. É pois uma História como cabe às antologias ambiciosas. Mas é, sobretudo, a revelação da maneira como os portugueses menos conformados resolveram estar no mundo em prosa, em poemas e teatro, coisas que eles e nós sabemos determinantes para se avaliar de quase tudo que consta nos campos nada opostos do real e do imaginário. Sòmente, para muitos deles, essa forma de estar não foi nada despreocupada e fácil, o que naturalmente pesa naquilo que escreveram e, por consequência, na matéria antológica apresentada. Razão principal porque o riso, o humor, desta colectânea está longe de ser a gargalhada bem disposta, o curto-circuito na inteligência ao ser percorrida pelo chocalhar da anedota ou da brejeirice (motivo pelo qual não cabem no livro os humoristas profissionais, com excepção para Gervásio Lobato), sendo antes, e por vezes com que impacto, ininterrupto gargalhar mordido pelos dentes, reflexo directo dum sempre sufocado desejo de sublimação, atitude de ressalva pelas instituições que comandam moral e costumes, escalpelo ora rombo ora afiado sobre um quotidiano sem horizontes. E acima de tudo, maneira poderosa de considerar repulsiva e punir a farsa que prepotentes, resignados e disformes de espírito porfiam em impor ao mundo. Daqui a expressão possível desta antologia, que é, a nosso ver, a expressão única válida do humor português. E não se espere uma escrita afeita às subtilezas da composição, às especulações interioristas, às modulações da ironia, pois só por excepção se encontrará. Espere-se sim uma linguagem, se bem que riquíssima, libérrima, violenta e muitas vezes até brutal, porque é esta e não qualquer outra a expressão que nos representa e nos forma, pelo menos até hoje.



Ernesto Sampaio:

PARECEU-NOS INTERESSANTE confrontar certas atitudes características dos nossos modos de pensar e sentir, vítimas de um ostracismo cultural suspeito, com o processo histórico que as determina e condiciona. Pretendemos avaliar a extensão do nosso desastre material e espiritual, o grau das mutilações infligidas ao ego e ao seu desejo de invulnerabilidade, á aspiração sublime e elevada que leva o homem a tentar assumir integralmente a sua humanidade, não só por uma actividade intelectual mas também pela satisfação das suas exigências de prazer e amor. Em suma, nesta nossa perseguição da raiz e génese do humor lusitano, incompleta e porventura levada a cabo sem o rigor metodológico necessário, procurámos reproduzir fielmente a imagem do homem português a transformar o mundo ou a ser transformado por ele, a sua exaltação libertária e a sua abjecção. Que o leitor não espere encontrar no nosso trabalho as graças complexas de um humor polido e gratuito; encontrará, sim, a ironia céptica, a sátira violenta, muitas vezes o reflexo de uma estupidez e de um obscurantismo horrorosos, á viva imagem do espaço sufocante onde existimos. Seja como for, embora duma forma ténue e frustrada, também aqui se revela o humor como um modo de afirmação dos prestígios mais altos do espírito, e, contra todas as limitações exteriores e interiores, como eficaz processo de pulverizar os sistemas arbitrários que pretendem impor normas absurdas á vida e também os artifícios caducos que em vão tentam submeter, no homem, as suas forças mais puras: a imaginação e o desejo.

Humor (tac) português

(Continuação da pág. anterior)

sinistramente premonitório nesta metamorfose inesperada que leva um dos mais importantes e responsáveis expoentes da geração de 70, a mais «progressista» de quantas conhecemos, a transformar-se num político criador de alibis para os irracionalistas de 90 e de depois? Quanto às razões que nos levaram a incluí-lo nesta antologia, o leitor as descobrirá nos chistes do *menino*, nas congeminações políticas do Teles Jordão e nos acessos pietistas de um partido «católico» ou de «roupetas» em 1893. Haverá simultâneamente de descobrir, com bem-humorada inquietação, que os últimos 150 anos transcorridos deixaram ficar a história pràticamente no ponto de partida.

Quando chegavam as tigelas de comida, da estalagem do Cacada, o Maia, empertigado, remexia-as com a ponta da bengala, fazia de tudo uma salada imunda, partia os ovos, baldeava o vinho com o azeite, estendia as coisas sobre o esterco das lajes «para temperar a comida dos malhados». O Cacada levava a moeda por cabeça e por semana. Ele e o menino *divertiam-se muito com uma troça. Era chamar fora alguns presos, dizer-lhes que iam à forca, e depois de um pedaço os verem desmaiados, desancá-los a cacete, mete-los a pontapés, de rastos sobre a lama dos corredores, para dentro dos cárceres. O* menino *gostava, sobretudo, de lhes arrancar as barbas, obrigando-os a dar vivas a D. Miguel.*

*

Barbeavam-se os presos por um luxo de asseio, e essa operação divertia muito o Maia e o menino. *O barbeiro, de navalha em punho, esperava, e o capitão, com a bengala, riscava na cara do preso por onde havia de rapar: «corta o pescoço a esse pedreiro!» O* menino: *«leva-lhe um pedaço de nariz que o tem grande!» O Maia: «Corta-lhe o beiço para o comermos com feijão. — Vá fora o pescoço para tirar trabalho ao carrasco...».*

Acudiram todos e o Teles Jordão em pessoa. O Torga, do vão da porta, defendia o seu baluarte — a abóbada. Já soldados tinham ido por fora e pela estreita clarabóia do tecto faziam fogo. Uma bala varou-lhe uma perna e um dos oficiais atreveu-se a investir com ele. O ferido abate-o com uma arrochada, tirando das mãos do agressor a espingarda que levava. Pelos pés, de fora, agachando-se, os soldados puxavam de rastos o oficial caído. Ninguém ousava investir com o doido. O sangue escorria-lhe pela perna e pelas costas, a baba pelos cantos da boca, as lágrimas de raiva pelos olhos. Teles Jordão, não vendo outro meio de o amansar, mandou vir o pai, que também estava preso, e deitou-lho. O Torga parou, apiedado: — «Ah! meu pai, deixe-me morrer, matando esta canalha!» Teles Jordão assegurava que nenhum mal se lhe faria, e ele, observando o pai, domado, entregou-se. Então os soldados, e o Maia, e o menino, *e todos, caíram sobre pai e filho, deixando-os ambos deitados numa poça do próprio sangue, a gemer na escuridão da abóbada.*

(*in* Portugal Contemporâneo)

FERNANDO PESSOA

Quanto às manifestações do humor na sua vida e na sua obra, quase sempre se integram, por muito variadas que sejam, nesta proposta de explicação freudiana: em caso de perigo, a atitude humorística consiste em retirar à personalidade ao *eu*, o seu envoltório psíquico, transferindo-o para um outro, ou *sobre-eu*, que é a instância tutelar do primeiro. Com efeito, nenhuma obra repudia tanto a admissão de qualquer soberania exterior ao seu autor como a de Fernando Pessoa.

— Teriam existido em toda a nossa história literária períodos de criação?

— *O nosso único período de criação foi dedicado a criar um mundo. Não tivemos tempo para pensar nisso. O próprio Camões não foi mais que o que esqueceu fazer. «Os Lusíadas» é grande, mas nunca se escreveu a valer. Literàriamente, o passado de Portugal está no futuro. O Infante, Albuquerque e outros semideuses da nossa glória esperam ainda o seu cantor. Este poderá não falar deles; basta que os valha em seu canto, e falará deles. Camões estava muito perto para poder sonhá-los. Nas faldas do Himalaia o Himalaia é só as faldas do Himalaia. É na distância, ou na memória, ou na imaginação que o Himalaia é da sua altura, ou talvez um pouco mais alto. Há só um período de criação na nossa história literária: não chegou ainda.*

O CADÁVER ESQUISITO

(Nasceu em Paris no ano de 1925. Apareceu em Lisboa em 1947 e nunca mais foi visto a partir de 1960).

(...) Extremamente heterodoxo, o cadáver esquisito surrealista sobrevive ao suplício infligido pela roda infatigável do hábito e da rotina através do humor, da poesia e da imaginação, conciliando a expressão individual com a expressão colectiva numa síntese concreta onde os sinais maiores são a liberdade e o amor.

O CADÁVER ESQUISITO QUE PROCRIA
— O LORINHÃO ESCORREITO —

Cadáver Esquisito Ortodoxo.
João Rodrigues, Mário Cesariny (1958).

— O que é o suplício de Tântalo?
— É uma luz muito íntima que me aquece à noite.

— O que é o amor?
— É uma rua muito sossegada onde só se passou uma vez.

— O que é a muita fome?
— É um tinteiro de prata cheio de sangue.

— O que é a nobreza?
— É o vento vindo dos bosques.

— O que é a coragem?
— É uma igreja dentro duma noz.

— O que é um galo?
— É uma dilatação na parte posterior da cabeça.

— O que é o destino?
— É o amor a todo o comprimento.

— O que é a pintura?
— É um banho turco prolongado.

— O que é a monarquia?
— É um saco cheio de pedras a pedir que o carreguem.

Diário de um espectador

(Continuação da 2.ª página

liberdade, a mesma pureza de entrega. Mas talvez Torga não seja hoje em dia referência aceitável. Nem Aquilino, é claro. Pois, Serafino é uma versão (em mais grosso, diria Lauro António) do protagonista do «Tombo no Inferno».

O mundo do filme de Germi é um microcosmos onde conflituam dois tipos de gente, duas formas de entender o mundo. Um desses grupos — o de Serafino e dos seus amigos — está num estádio de ignorância de alienação (como é saudável o riso deles quando o carro arde, conscientes da sua imprestabilidade naquelas circunstâncias), enquanto o outro grupo — o dos parentes á caça da herança — não hesita em transformar a mulher num objecto negociável numa sujeição ao dinheiro bem alienatória. É desse conflito que nasce, a meu ver, o principal interesse deste filme onde se topam discutíveis mas claras ideias de como estar no mundo — e do como o contestar.

É claro que o filme de Germi não pertence ao grande cinema de Eisenstein, de Welles, de Bergman, de Misoguchi, de Antonioni. É um cinema directo, um tanto simplista, por vezes com requintes (cena em que um companheiro de Serafino narra através duma canção a odisseia casamenteira daquele), onde o banal não deixa de aflorar (o automóvel na aldeia, a adolescente que se transforma em mulher, o casamento que acaba em pacadaria) e onde o gratuito está também presente: a utilização de lentes deformantes nas cenas da taberna e do tribunal (aqui sim, o filme é grosseiro). Todavia, esses defeitos e a ausência duma escrita original e criativa não impedem «Serafino» de ser o mais saboroso dos filmes de Germi e aquele onde é possível detectar mais ricas implicações (embora lhe falte a unidade de «Divórcio á Italiana», que conta com um pasmoso Mastroianni, e a truculência de «Seduzida e Abandonada»). É um filme que faz rir espectadores vulgares (Chaplin e os Marx também fazem) porque é um filme sem papas na língua e acessível a esses espectadores. As suas duas semanas lisboetas provam, talvez, que não é um filme tão comercial como isso.

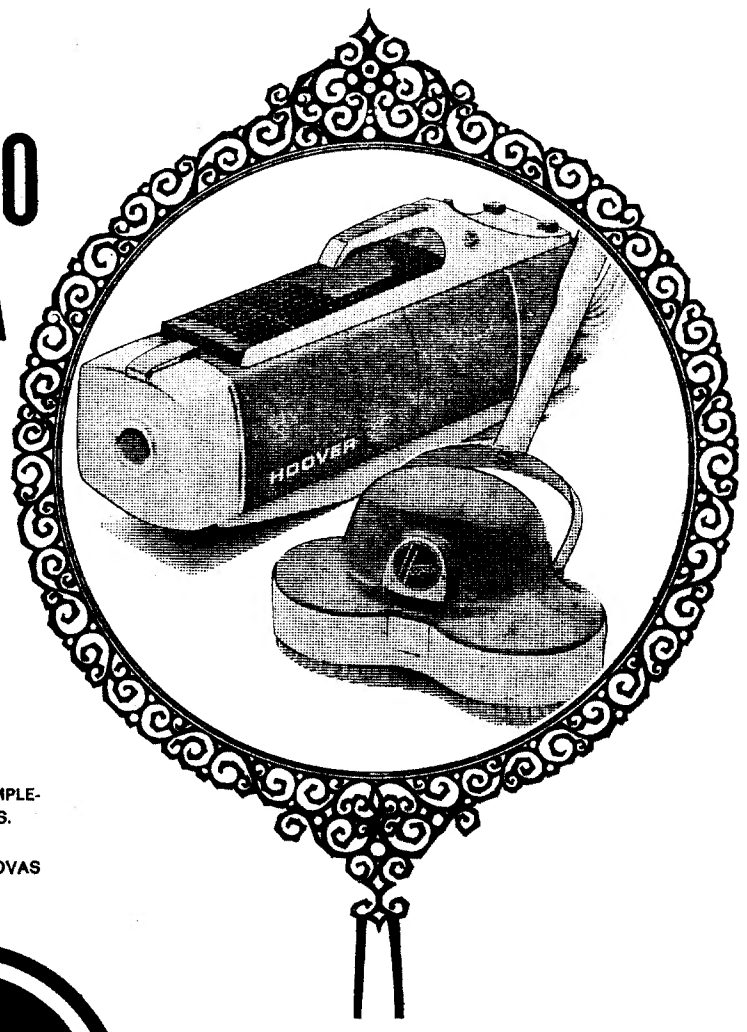
Que este «anarquismo primitivo» («há os que gostam de pôr o dinheiro no banco, eu gosto de o tirar»), que este «comunitarismo voluntário» («somos todos irmãos») que este «socialismo igualitário» («eu tenho uma casa grande vocês vivem em pocilgas, por que é que não hão-de vir viver para esta casa: ela é vossa»), que este companheirismo exaltante que se vai construíndo e definindo ao longo do filme, tenham sido considerados abomináveis pelos nossos críticos—que lhes faça bom proveito.

Aviso á navegação: cuidado com os críticos!

E com os espectadores (indignados) que escrevem «diários», é claro.

CARLOS PORTO

O ESPELHO DA SUA CASA

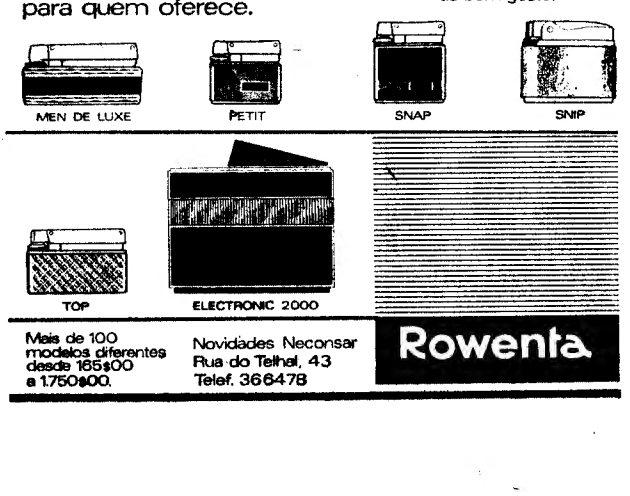


ASPIRADORES
CILÍNDRICOS
3 MODELOS DIFERENTES:
417, 419 E O NOVO 507
TODOS COM JOGOS COMPLETÍSSIMOS DE ACESSÓRIOS.
ENCERADORAS
MODELOS DE 2 E 3 ESCOVAS
COM OU SEM SUCÇÃO.

HOOVER
ASPIRADORES
ENCERADORAS
LEOPOLD SHIROI, LDA.
LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

Um gesto de personalidade !
-para quem usa,
para quem oferece.

Isqueiros ROWENTA
– em todo o mundo
para as pessoas
de bom gosto.



Mais de 100 modelos diferentes desde 165$00 a 1.750$00.

Novidades Neconsar
Rua do Telhal, 43
Telef. 366478

Rowenta

Koan em Lisboa

(Continuação da 8.ª página)

violoncelo e o piano, a maior ou menor flexibilidade (por pequena que seja) origina uma espécie de «translação», isto é, um campo de variabilidade de oscilação ou desfasamento entre os contextos musicais dos dois instrumentos, os quais se devem desenrolar em absoluta independência recíproca. No ponto de vista da linguagem, esta obra reintegra muitos elementos de um vocabulário diatónico, nomeadamente acordes formados por 3.as sobrepostas, desvinculados, porém, de um contexto tonal-funcional.

Os valores funcionais desta obra residem, então, numa progressão dinâmica e de tensão, culminando numa espécie de «Höhepunkt» desfasado (i, e uma região em que o piano e o violoncelo atinge dessincronizadamente os respectivos pontos culminantes), tal como numa imagem desfocada. A parte final integra surpreendentemente elementos de um novo vocabulário (pizz, sobre as cordas do piano, ruídos provocados por uma pressão excessiva do arco sobre as cordas do violoncelo, etc.).

Peça de extrema sobriedade, de uma notável economia de meios, *Métrica* é construída à base de estruturas rítmicas bastante características, as quais lhe conferem um cunho muito peculiar. Foi executada excelentemente pelo pianista Eduardo Polonio e pelo violoncelista Joaquim Moya.

AL, de Eduardo Polonio (n. 1941), por seu lado, é uma obra de carácter e intenção completamente distintos. Trata-se de uma experiência radical do seu autor, integrada numa das mais recentes correntes de pesquisa da música actual: a redução da partitura tradicional a um texto verbal, não um indicador explícito e taxativo de acções musicais concretas, mas sim um proponente de uma nova atitude psicológica e espiritual por parte do intérprete, tendente à descoberta da sua própria intuição através de um processo mental dinâmico, coerente e auto-estimulante.

Nessa via, a obra AL não fixa o efectivo instrumental nem concretamente o número de executantes (estes podem variar entre 3 e 5). Na versão apresentada em Lisboa, três intérpretes assumiram magnificamente a responsabilidade da realização e «actuação» do texto original: Tomás Marco (contrabaixo), Francisco Martín (violino) e o próprio compositor (fliscorne).

A versão realizada foi de molde a revelar cabalmente a profunda integração dos intérpretes no espírito da obra, isto é, no processo inerente ao texto verbal. Assistimos, assim, à eclosão de uma nova, uma novíssima estética da criação musical e de uma poética que nos propõe uma recriação e uma revitalização do «som» como elemento primigénito da composição. Um som já não é um objecto pré-existente a ser integrado numa forma, mas torna-se um elemento definidor dessa forma, uma matéria livremente modelável.

Essa nova concepção da obra musical vem ainda revolucionar o sistema de relações entre o compositor e o intérprete e entre os intérpretes, entre si, propondo a estes um processo de inter-relações de grande fecundidade criadora.

Completamente diferente das obras anteriores, ROSA-ROSAE de Tomás Marco (n. 1942) vem abrir um caminho novo na trajectória do compositor, na busca de uma simplificação e depuração dos meios utilizados, sobretudo no que diz respeito à linguagem, mais ainda no que se refere à própria técnica instrumental, à função dos instrumentos no contexto global e à articulação da grande forma.

Tomás Marco envereda resolutamente pela via de uma desmitificação da «consonância», empregando com a maior audácia, mas com não menos rigor e mestria, intervalos nas últimas décadas consideradas tabus, por estarem vinculados (nostàlgicamente) a uma anterior ordem tonal, ainda com fundas repercussões vivenciais e culturais: as 8.as as 5.as e as 3.as.

Compreende-se perfeitamente como o emprego predominante desses intervalos (que correspondem às relações harmónicas mais simples) responde coerentemente à «démarche» de simplificação acima enunciada; o processo original de integração desses intervalos no contexto da obra provoca, porém, a criação de um universo poético completamente novo, que nada tem a ver com o universo tonal, uma vez que toda a problemática inerente a este último (um sistema de funções harmónicas) é completamente alheia a este novo universo sonoro: a recuperação da «consonância» num contexto em que toda a dialéctica eminentemente dramática do conflito diatonismo-cromatismo foi definitivamente ultrapassada.

Tomás Marco, nesta sua obra, revela-nos um domínio virgem e inexplorado de possibilidade expressivas: o seu grande poder criador é-nos revelado através da forma extremamente bem articulada como ele domina esta nova matéria sonora e a integra num contexto imediatamente inteligível e «acessível»; outro ponto da sua poética (ia a dizer: também conscientemente da sua *ética* artística, o que estaria igualmente certo) que não convém, de modo algum, menosprezar.

O resultado é que *Rosa-Rosae* é uma pequena obra-prima, uma obra de rara qualidade, reveladora de uma nova beleza inequivocamente actual; e, além disso, ou até por isso mesmo, «uma grande lição prática da arte de compor», como lhe chamei eu há dias, ao apresentar o concerto no Tivoli.

Tomás Marco assimila aos elementos diatónicos os elementos cromáticos e até elementos de um vocabulário exterior ao universo dodecafónico (por exemplo: os sons emitidos para além do cavalete no violino e no violoncelo, o ruído do sopro isolado — «sem som» — na flauta, ou o som produzido pela palheta do clarinete desligada do corpo do instrumento) de uma maneira suficientemente homogénea, de modo a construir um edifício musical de grande coerência orgânica.

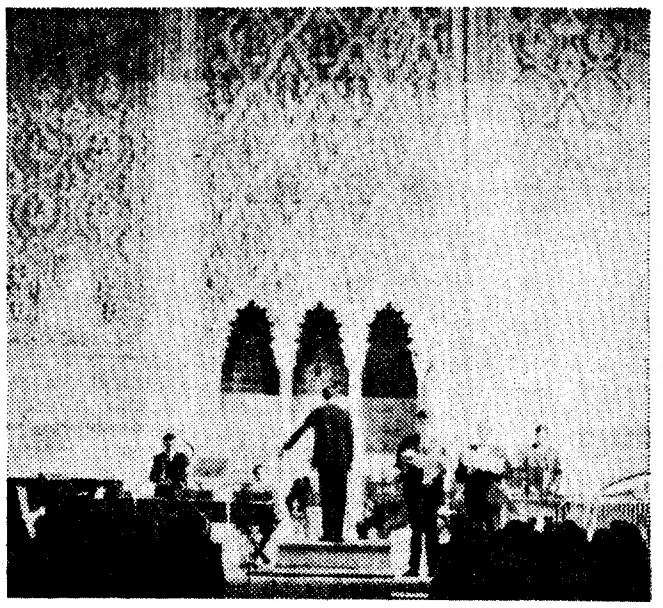
Os elementos do Grupo KOAN que colaboraram na execução destas obras, se deram provas de um grande domínio técnico, de um virtuosismo mesmo, revelaram sobretudo uma inteligência interpretativa rara nas nossas salas de concertos. A obra de Tomás Marco foi especialmente executada de forma primorosa pelo violinista Francisco Martín, flautista José Dominguez, clarinetista Pedro Meco e violoncelista Joaquín Moya.

*

Uma última referência aos executantes, a propósito da interpretação excepcional, por parte do Quinteto Koan, do *Quinteto op. 26* de Schönberg — obra esgotante, exigindo dos músicos uma grande capacidade técnica, caracterizada por uma textura contrapontística extremamente rica e por isso mesmo muito difícil de fazer revelar, através de uma hierarquização constante dos planos da polifonia, os elementos temáticos essenciais.

Esta obra clássica do dodecafonismo e da música do nosso século foi realizada com uma frescura e um entusiasmo verdadeiramente notáveis pelos seus intérpretes: José Dominguez (flauta), Roberto Liñana (oboé), Pedro Meco (clarinete), Rafael Angel (fagote) e Peregrin Caldés (trompa).

JORGE PEIXINHO



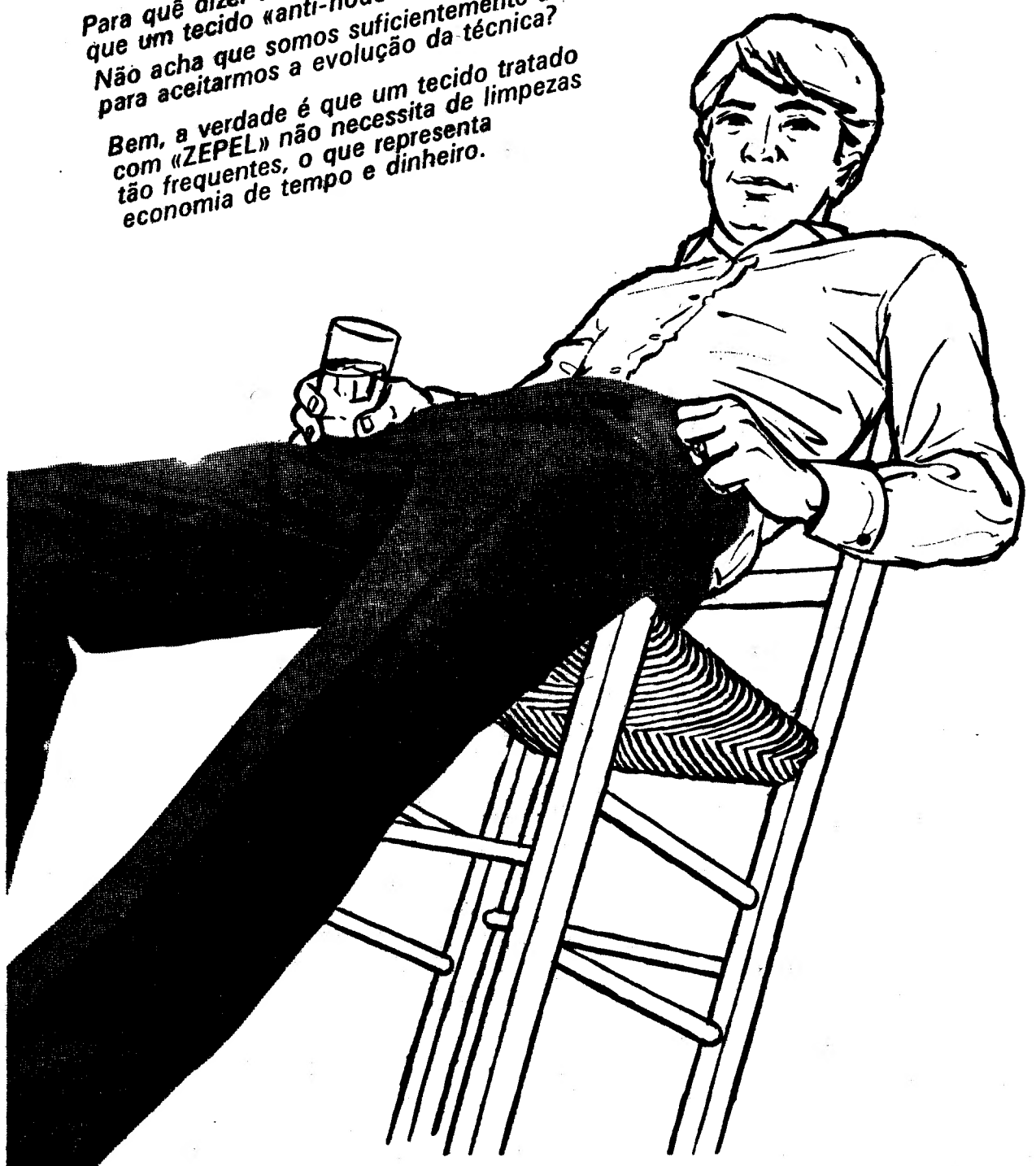
O Grupo Koan: cultura musical viva e autêntica

Falando de homem para homem...

Para quê dizer as vantagens que um tecido «anti-nódoa» apresenta? Não acha que somos suficientemente adultos para aceitarmos a evolução da técnica?

Bem, a verdade é que um tecido tratado com «ZEPEL» não necessita de limpezas tão frequentes, o que representa economia de tempo e dinheiro.

TECIDOS TRATADOS COM DUPONT ZEPEL CONTRA AS NÓDOAS E A ÁGUA
MARCA REGISTADA DA DUPONT



TECIDOS COM TRATAMENTO ZEPEL

CCN
CRISLENE® TERGAL
45% LÃ
55% FIBRA POLIESTER
UM TECIDO DE CRISTIANO CABRAL NUNES & FILHOS

COM 45% DE LÃ
Vincelene
UM FABRICO DE PAULO DE OLIVEIRA, LDA.

Koan em Lisboa

por Jorge Peixinho

ACONTECIMENTO da maior relevância num meio tão pouco propício à criação e expansão de uma cultura musical viva e autêntica, foi a recente estadia entre nós do Grupo KOAN, de Madrid, mais propriamente de 9 elementos do referido grupo musical, o qual conta para cima de 24 componentes efectivos.

Para o leitor comum, será necessário referir que o Grupo Koan é um conjunto musical criado sob os auspícios das Juventudes Musicais de Madrid, constituído por jovens músicos inteiramente devotados à criação e difusão da música contemporânea. Criado há poucos anos apenas, ele atingiu um nível técnico e interpretativo que o coloca entre os agrupamentos mais notáveis da Europa.

O Grupo Koan nasceu de uma associação de jovens músicos que, contra todas as dificuldades, institucionais e tradicionais, contribuiu poderosamente para elevar Madrid, de uma cidade musicalmente decadente a um dos centros mais válidos e mais activos do movimento musical contemporâneo. Esses músicos são: Tomás Marco (compositor, instrumentista e director), Ramón Barce (compositor e musicólogo), Arturo Tamayo (compositor, director de orquestra e instrumentista), Eduardo Polonio (pianista e compositor) e Ricardo Bellés (dirigente das Juventudes Musicais). Esta equipa foi-se alargando progressivamente, tentacularmente, até atingir um vasto agrupamento de músicos.

A curta estadia do Grupo Koan em Portugal culminou com a 1.ª audição mundial de três obras de três jovens compositores de Madrid (Ramón Barce, Eduardo Polonio e Tomás Marco) num concerto realizado em Lisboa, para a Juventude Musical Portuguesa. Um acontecimento de tal importância não conseguiu atrair em número desejável, porém, nem o público habitualmente «melómano», nem o habitualmente «não-melómano», nem a «inteligentzia» nacional, tão provinciana como todo o resto. A esse desinteresse colectivo é de juntar, ainda, algo de mais grave — o significativo silêncio de uma «crítica» oficial, tolhida de compreensível pânico.

E, no entanto, Lisboa poderia ter participado (se assim o tivesse querido) no acontecimento musical mais importante, em termos absolutos, deste ano sem graça de 1969: um ano de promessas e desilusões, de esperanças e frustrações, em que a mediocridade continuou imperando para gáudio dos idiotas que por aí se vão homenageando mùtuamente.

*

Como foi dito acima, três obras viram pela primeira vez a luz do dia em Lisboa, no passado dia 30 de Outubro: *Métrica*, de Ramón Barce (1969), *Al*, de Eduardo Polonio (1969), e *Rosa-Rosae*, de Tomás Marco (1969).

MÉTRICA, de Ramón Barce (n. 1928), é uma obra para violoncelo e piano. Nela os acontecimentos musicais de cada instrumento estão sujeitos a um «contrôle» de tempo mais ou menos flexível, estabelecido em base a uma medida por segundos. Entre o

(Continua na 7.ª página)

Tomás Marco: apresentação em Lisboa, pela primeira vez, da sua obra Rosa-Rosae, *de 1969*

As memórias do cônsul

Em 1925 o dr. José Gomes Ferreira, que se licenciara em Direito no ano anterior, foi nomeado cônsul de Portugal na cidade de Kristiansund N. (Noruega), posto que ocupou em Fevereiro de 1926. Quatro anos depois estava de volta. É sobre essa experiência que nasceu agora o «*Tempo Escandinavo*», incluído nas suas obras completas (Portugália Editora). Um «best-seller» para Dezembro? «Ah, sim», disseram-nos no Chiado, «está a vender-se muitíssimo bem. Devem ir umas centenas até ao Natal».

«Aos leitores apressados (e apenas a esses) quero avisar», diz por sua vez o autor, «que *Tempo Escandinavo* não é um livro autobiográfico, como á primeira visa poderá parecer a quem ler distraidamente algumas destas histórias, escritas na primeira pessoa por mero e clássico artifício literário. (...) Devo também acrescentar que, embora baseados numa experiência de muios anos, todos os episódios e personagens desta narrativa foram totalmente inventados, para serem mais reais e verdadeiros».

O humor viaja de eléctrico

O acontecimento verdadeiramente lisboeta da semana finda foi a saída (com festim de lançamento na Quadrante e tudo!) da «*Antologia do Humor Português*», grosso volume com 1028 páginas e muita surpresa. Editor: Fernando Ribeiro de Mello (Afrodite). Organizadores: Ernesto Sampaio e Virgílio Martinho. Como era coisa para não passar despercebida, teve inclusivamente honras de publicidade nalguns eléctricos da Carris. O lançamento na Quadrante era precedido de convite em que Ribeiro de Mello e Eduardo Ferreira manifestavam «a subida honra de incitar Vossa Senhoria (sem mais família) a partilhar um lauto repasto á transmontana, constituído por 18 cabrões recém-nascidos e mui tenrinhos, mui quentinhos, tostadinhos, acompanhados de queijos frescos das mamãs, madamas cabras. Há chifres ao natural para os apreciadores. Vinhos tintos de Adegas Corporativas, no whisky nem similares estrangeirados».

Os poetas

Anunciada há mais de um mês pelas Publicações Europa-América, apareceu enfim nas livrarias a última obra poética de Fernando Namora: «*Marketing*», 58 poemas divididos em três ciclos. Pelo seu lado a Portugália acrescentou á colecção «Poetas de Hoje» mais um livro de António Ramos Rosa: «*A construção do corpo*». (Na mesma colecção e do mesmo autor lêramos em 1963 «*Ocupação do espaço*»). Assinale-se ainda a «*Lira de Bolso*», antologia de David Mourão-Ferreira que as Publicações D. Quixote lançaram maciçamente na semana passada, e antecipe-se desde já a próxima estreia em livro da jovem Luísa Ducla Soares, seleccionada há quase cinco anos para a «*Antologia de Poesia Universitária*» da Portugália, mas que desde então se fechara num silêncio inexplicável. Luísa D. S. sai nos cadernos das Iniciativas Editoriais.

Catorze anos depois

Catorze anos depois de *Província*, Luísa da Costa volta à ficção com *Vovó Ana, Bisavó Filomena e Eu*, duzentas e poucas páginas em tipo entrelinhado a dar a ideia da sua extrema economia narrativa. De permeio descobríramos com o seu nome umas *Notas de Leitura* (1960) onde assomava o crítico atento a bem (in)formado, e antes disso e depois disso não muita coisa: algumas crónicas, algumas reflexões sobre autores e livros. Luísa da Costa é o protótipo do escritor com oficina tranquila. Agora que a Portugália a incluiu no seu catálogo esperam-se, mesmo assim, outras novidades.

Do Porto a Lisboa

Não é vulgar por isso registarmos: três escritores vieram do Porto a Lisboa no sábado passado autografar obras suas com a chancela da Inova. Armando Castro, Óscar Lopes e Papiniano Carlos estiveram na Sá da Costa, rodeados de muita curiosidade, e os leitores (sobretudo dos dois primeiros) apareceram em número animador. Entretanto a escritora D. Aimée de Poinay Martins-Gomes, baronesa de Tiszasuly e autora do livro «*Um trèfle à quatre feuilles*», era citada num matutino do mesmo dia a propósito da sua admissão na Societé des Gens de Lettres de France. De Lisboa a Paris não é exactamente o mesmo que a prosaica viagem entre o Porto e Lisboa!

Economia faz vender

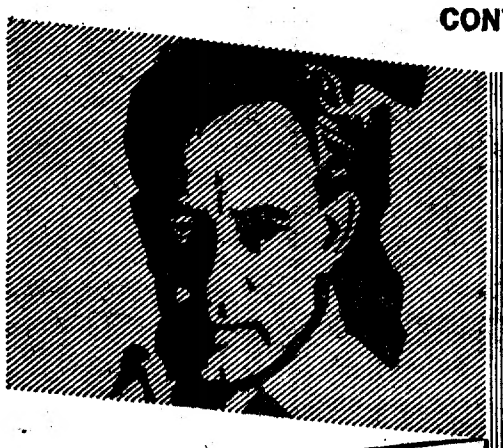
«Best-seller» absoluto dos últimos tempos: o estudo de Francisco Pereira de Moura (*«Para onde vai a economia portuguesa»*) com que a D. Quixote inaugurou a sua penultima colecção em data. Vinte e quatro horas bastaram para esgotar 3200 exemplares, obrigando a lançar a 2.ª edição em prazo «record».

obras de
JOSÉ GOMES FERREIRA

UM NOVO LIVRO * UM LIVRO NOVO

TEMPO ESCANDINAVO

CONTOS



«Trouxe este livro durante tantos anos na memória do sangue, que receio possam tomá-lo por autobiográfico.»
JOSÉ GOMES FERREIRA

...uma longa narrativa de solidão e amor efémero, estilhaçada em nove episódios passados na Noruega e totalmente inventados para serem mais reais e verdadeiros...

OBRAS:
POESIA-I, 4.ª ed. + POESIA-II, 3.ª ed. + POESIA-III, 3.ª ed. + A MEMÓRIA DAS PALAVRAS, 2.ª ed. + IMITAÇÃO DOS DIAS, 2.ª ed. no prelo + AVENTURAS MARAVILHOSAS DE JOÃO SEM MEDO (romance) + O MUNDO DOS OUTROS (histórias e vagabundagens), 3.ª ed. + TEMPO ESCANDINAVO (contos).

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13-3.º LISBOA